

REVISTA

DA SEMANA

N. 13 30-3-57 G. 3 8,00

Zizinho
Ainda é
Insubstituível

Mauro Braga
Apresenta
Personagens
Da vida
Brasileira





ATÉ OS ÁRABES ARRISCAM UMA OLHADELA NA ATRIZ SOFIA LOREN

● Sofia Loren está filmando em pleno deserto de Sahara. E embora possa parecer surpreendente, até lá já chegou a sua fama. Seus companheiros, John Wayne e Henry Hataway (o diretor), quase não despertam nenhum interesse. Mas para admirar Sofia, até os árabes

saem de sua tradicional e reconhecida impassibilidade, e arriscam um olhar. Mesmo com o rosto parcialmente velado (foto), os árabes não se perturbam, e fazem uma «forcinha», para contemplar esta que é uma das mulheres mais bonitas (e mais provocante) do mundo.

Ano 5

DIRETOR
Helio R.

COLABORADORES

Augusto
Carlos
tunct.
Alves,
Thomas

◆ REVISÃO

Em po
Revist
As ma
Zazinh
Person
Rigoni
Murili

◆ HABILITAÇÃO

Fortun

Porte
Seis
Regi
Seis

Regi
Seis

Tód
O q
está
pelo
não

Dir
Dir
Dir
Ch
Pa
Fo
De
La
Re

Re
22

N
43
a
N
M
te

DIRECTOR
Helio Fernandes

COLABORADORES

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

S U M Á R I O

REPORTAGENS

Em política o impossível acontece	4/ 9
Revista, teatro para o povo	18/23
As mais belas vivendas do mundo	30/37
Zezinho ainda é insubstituível	40/43
Personalidades da vida brasileira	46/49
Rigoni voltou	56/57
Murilinho d Almeida	58/59

HUMORISMO

Fortuna 52/53

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICA		Cr\$ 400,00
Porte simples	— Um ano	Cr\$ 200,00
Seis meses		Cr\$ 650,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 325,00
Seis meses		
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR		

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

ASSINATURAS PARA O EXTERNO	
Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores ..	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDERECO E TELEFONES

ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-3570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



◆ CAPA — Lourdes Catão, uma das mulheres mais bonitas do «Society». Vejam a reportagem de Mauro Braga «Personalidades da Vida Brasileira», págs. 46/47 e 48/49. Ektachrome exclusivo para a REVISTA DA SEMANA de Wilson Santos.

OS CARECAS

◆ Não vi Yul Brynner nem nenhum dos artistas de cinema que por aqui andaram: conheço-o apenas através dos retratos de revistas e jornais, principalmente das francesas que saudaram o aparecimento dêsse ator com grande, enorme entusiasmo. Não vi o homem mas li que numa de suas entrevistas êle declarou meio aborrecido: «Não sou careca! Raspei a cabeça por exigência de papéis a representar em três filmes, achei cômodo e continuo raspando-a.» Li e acreditei mesmo porque, uma das mencionadas revistas de França fez uma longa reportagem fotográfica sôbre a maneira, trabalhosa e dispendiosa que êle emprega para ficar com o crânio inteiramente liso, liso e claro como uma bola de bilhar. Creio que êsse homem que pretendo ver no filme «Anastasia» para cujo lançamento veio ao Brasil, descobriu uma formidável fórmula para acabar com o complexo de inferioridade que as carecas dão aos homens. Desde que o mundo é mundo e que há carecas, milhares, milhões de «descobertas» foram anunciadas para acabar a calvície, sem que nenhuma obtivesse o menor resultado. E agora vem um homem com um nome difícil e estabelece: — raspemos as cabeças como fôssemos condenados, já que, na maioria somos condenados, pela idade, a ficar carecas.

◆ As carecas: sôbre elas se podem escrever tratados. Há as acintosas, insofismáveis, tão declaradas que podem ser vistas ao longe, no meio da maior multidão; há a tímidas, as que estão começando, com alguns cabelos ainda a tapar-lhes o contôrno; há as irreduzíveis, aquelas em que os cabelos que sobram são penteados de tal modo que as esconda o mais possível, o que nunca acontece, deixando em lugar da ilegalidade desejada, uma careca mascarada. Há carecas dignas, aceitando o destino com serenidade, ostentando-se como se aceita um destino contra o qual não se pode lutar; há indignas, fingindo não ser e continuando sendo. Há carecas redondas, ovais, louras, morenas, enfim, sôbre carecas como já disse, pode qualquer entendido — que não eu — escrever tratados volumosos que partirão do nascimento, das razões físicas das carecas, dos choques psicológicos que elas provocam em seus possuidores, até mesmo às conseqüências sentimentais ou sociais que elas ocasionam.

◆ Yul Brynner veio para salvar os carecas. Que ele o seja ou não, isso não tem a menor importância. Veio e ensinou aos homens que um homem de cabeça raspada, se estiver bem vestido, fôr bem tratado, tiver um nome nas artes ou mesmo nos salões, pode merecer a plena, a absoluta consideração de seus pares. Naturalmente que se um cabeça raspada estiver vestido com aquelas horríveis roupas de presidiários usadas nos Estados Unidos, aí o caso muda de figura. Mas se fôr «bem», está salvo. Não vi o artista americano de «Anastasia», mas posso declarar e mesmo jurar que depois de sua chegada nesta nossa tão amada cidade, já encontrei pelas ruas vários homens (contei cinco) com as cabeças raspadas e logo senti que eram carecas em fase de reabilitação. Aquêles eram realmente carecas salvos por Yul Brynner, a quem devemos dar hoje o título de salvador! Resolveu e solucionou um problema seríssimo. Salve êle!

ENEIDA



Mauro Braga surpreendido

EM POLÍTICA

O IMPOSSÍVEL ACONTECE

JANGO e LOTT uma foto que parecia impossível — A grande luta de GEORGES GALVÃO (há dois anos) era para escapar da cadeia; agora é para ser Presidente da Comissão de Finanças — LOURIVAL FONTES, diretor do DIP, carcereiro da Imprensa e das liberdades públicas, assiste calmamente, como Senador, a instalação do Congresso — E ISRAEL PINHEIRO, depois de «comer o doce, beber o rio e deixar o vale na caixa», ainda veio a ser Presidente da Comissão Urbanizadora da Nova Capital, entidade que lida com bilhões

de cruzeiros. — AMANDO FONSECA, capanga de luxo de Gregório, manda e desmanda nos escritórios comerciais. Para passá-lo de segundo suplente de vereador a primeiro, o governo nomeia, demite, transfere, faz o diabo. Prestígio é prestígio — JOÃO AGRIPINO e FLEIUSS uma conversa surpreendente — HUGO RAMOS conseguiu o milagre: fazer a Câmara Municipal cumprir seus compromissos — VIEIRA DE MELO o líder teleguiado — E MÁRIO MENEGHETTI que ainda não se recuperou da surpresa da nomeação para o Ministério.

Lott e João Goulart

◆ Em 1954 ninguém ousaria pensar sequer nesta foto. Mas hoje ela pode ser batida com tranquilidade, e os visados até ajeitam o laço da gravata, passam a mão nos cabelos, melhoram o sorriso, posam enfim para a posteridade. No auge da crise (que derrubou um Presidente e quase ensanguentou o país), o gen. Lott (Ministro da Guerra quase por acaso), ficou intransigentemente contra o sr. João Goulart. Depois, sua oposição foi se amenizando, suas expressões contra o sr. João Goulart ficaram menos duras, e deram nisto que aí está. A primeira vez que o sr. Lott (publicamente), se mostrou ao lado de Jango, foi na partida deste para os EE. UU. Quase o mundo veio abaixo. Mas depois, as relações entre ambos entraram na rotina, e ninguém mais estranha hoje que um Ministro da Guerra e um Vice-Presidente da República se visitem, se estimem, se fotografem juntos. Serão sinceros? Não interessa saber. A política é a arte de juntar contrários mesmo sem transformá-los em amigos. E no momento (ninguém duvida), Jango e Lott estão do mesmo lado. Naturalmente, até que as ambições frustradas os separem.

Georges Galvão

◆ O sr. Georges Galvão melhorou muito. Há dois anos seu problema era escapar da cadeia. Hoje é ser eleito Presidente da Comissão de Finanças da Câmara. Falido, jornalista sem prestígio e sem passado na profissão, homem que nunca fez segredo dos «métodos jornalísticos» que adotava, a sua eleição para deputado já foi uma surpresa. Obteve pouco mais de 4 mil votos, mas diga-se a bem da verdade que gastou muito menos dinheiro do que Talarico e Luis Corrêa que não foram eleitos. Na Câmara, a não ser uns poucos apartes, tem revelado uma espantosa inutilidade. Com todo esse «Back-Ground» não é de estranhar que o PTB fôsse busca-lo para presidir a Comissão de Finanças, que lhe cabe por acordo com o PSD e a UDN. Só a indicação do sr. Galvão para presidente da Comissão de Finanças (não temos dúvida de que será derrotado) justifica o título (e o espanto) desta reportagem: Em política o impossível acontece.

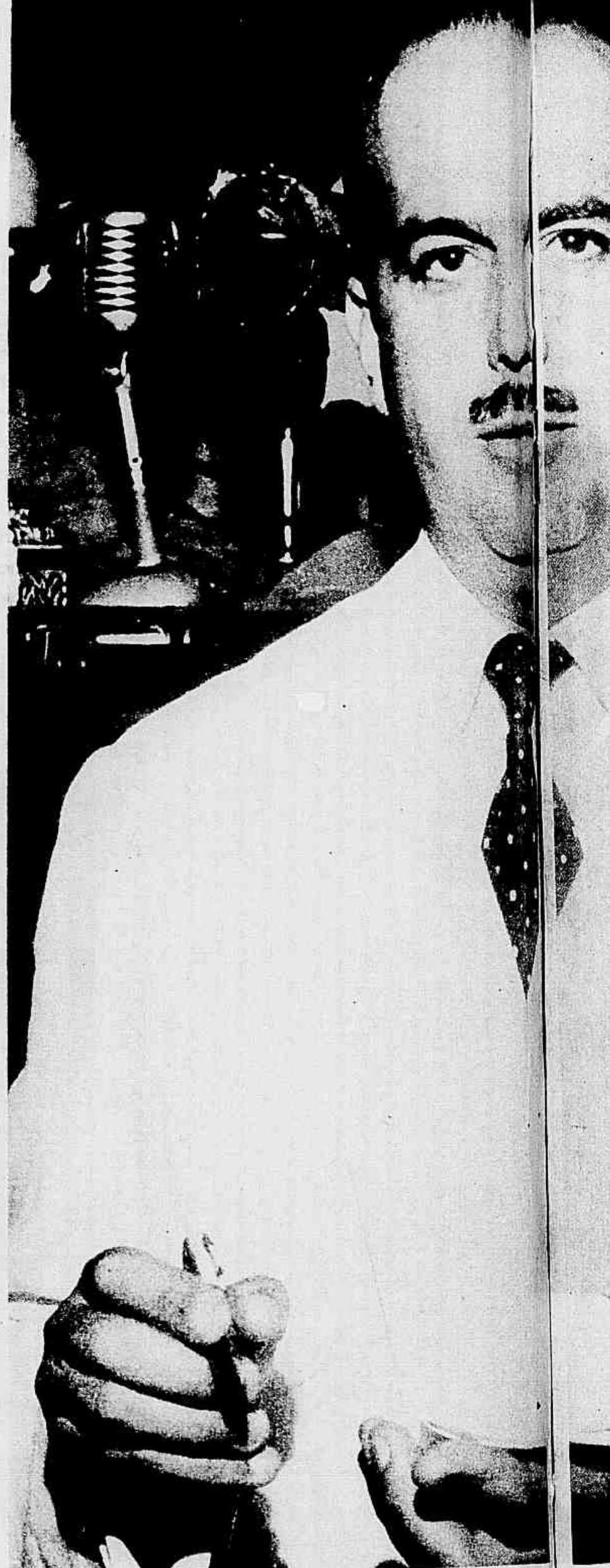


Em política o impossível acontece

Hugo Ramos Filho

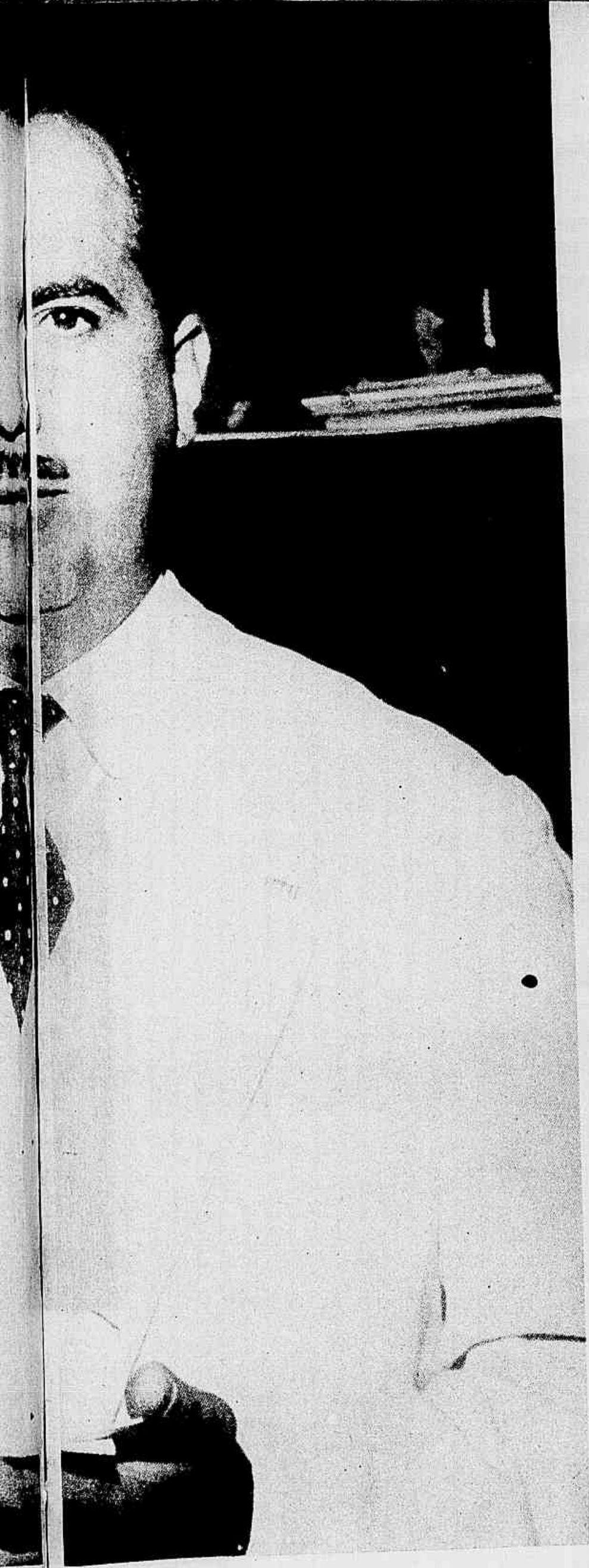
♦ Se política é «bate papo» (como, não se cansa de dizer o sr. Otávio Mangabeira), então o sr. Hugo Ramos Filho é um excelente político. Pois seu «papo» atravessa madrugadas, é contagiante, capaz de transformar em loquaz até o sr. Ribeiro Martins. Mas a vocação política do sr. Hugo Ramos Filho se prova também em outros episódios. Vejam agora na eleição da Câmara Municipal. Quem já pensou, que naquela salada de interesses e de ambições (legítimas e ilegítimas), alguém conseguisse ser candidato único a Presidência? Em 10 anos de funcionamento o difícil era alinhar todos que queriam ser candidatos. Para cada posto, depois de vá-

rias seleções sobravam sempre e ainda muitos candidatos. E na hora de cumprir os compromissos? Os votos não apareciam e os vencedores antecipados eram quase sempre derrotados. Mas na eleição de Hugo Ramos (como por milagre), tudo funcionou direitinho. O candidato único ficou único mesmo, os votos compromissados foram jogados na urna de acordo com o candidato, e eis o sobrinho do dr. Nereu sentado na cadeira da Presidência, como o primeiro Presidente (em 10 anos) eleito sem adversário. Está ou não justificada a sua inclusão nesta reportagem sobre o impossível acontece na política?



Amando

♦ Verdade, verdade, pouca gente acreditou que Amando Fonseca sobrevivesse ao 24 de agosto e a prisão de seu amigo Gregório, de quem era capanga de luxo. Demitido a bem do serviço público de um cargo que ocupava na polícia, escorraçado de todos os lugares, definitivamente fichado como gregório da pior espécie, Amando Fonseca desapareceu da circulação. Candidato logo depois a vereador, obteve pouco mais de 3 mil votos o que lhe valeu a conquista de uma modesta quarta suplência. Morrendo um vereador, ele passou para terceiro. Com a escolha de dois companheiros para a administração municipal, ficou em primeiro lugar na ordem de substituições. Ai então, resolveu dar uma impressionante demonstração de



Fonseca

prestígio. Nomeou um companheiro de bancada (sem sequer consultá-lo), para a chefia de um escritório comercial na Europa. Como o companheiro (depois de nomeado), desistisse, ele não se deu «por achado» e nomeou outro. E caso esse outro desista, a sucessão de nomeações continuará. O que não pode parar é a demonstração de prestígio de Amando Fonseca. Afinal se Barreto Pinto já foi nomeado chefe de escritório comercial, é justo que Amando Fonseca também ocupe uma cadeira de vereador. Mesmo que para isso, o governo tenha que irritar a opinião pública e enfrentar a grita da oposição. A amizade de Amando Fonseca compensa qualquer sacrifício.

Vieira de Melo

◆ Nada mais seria preciso para provar que em política o impossível acontece, do que a ascensão do sr. Vieira de Melo a líder da maioria. Um lugar que já foi ocupado por tanta gente ilustre, capaz e inteligente ser ocupado pelo sr. Vieira de Melo, é de mais. Na recente rebelião da ala velha ficou provado que realmente o deputado baiano não tem nenhuma expressão, não representa coisa alguma, não tem escrúpulos ou sentimentos. A maioria esmagadora da bancada não confia nêlo, o governo olha-o com desconfiança, mas assim mesmo ele não larga o cargo. Quando foi preciso conversar com a oposição sobre a eleição da mesa, o sr. Vieira de

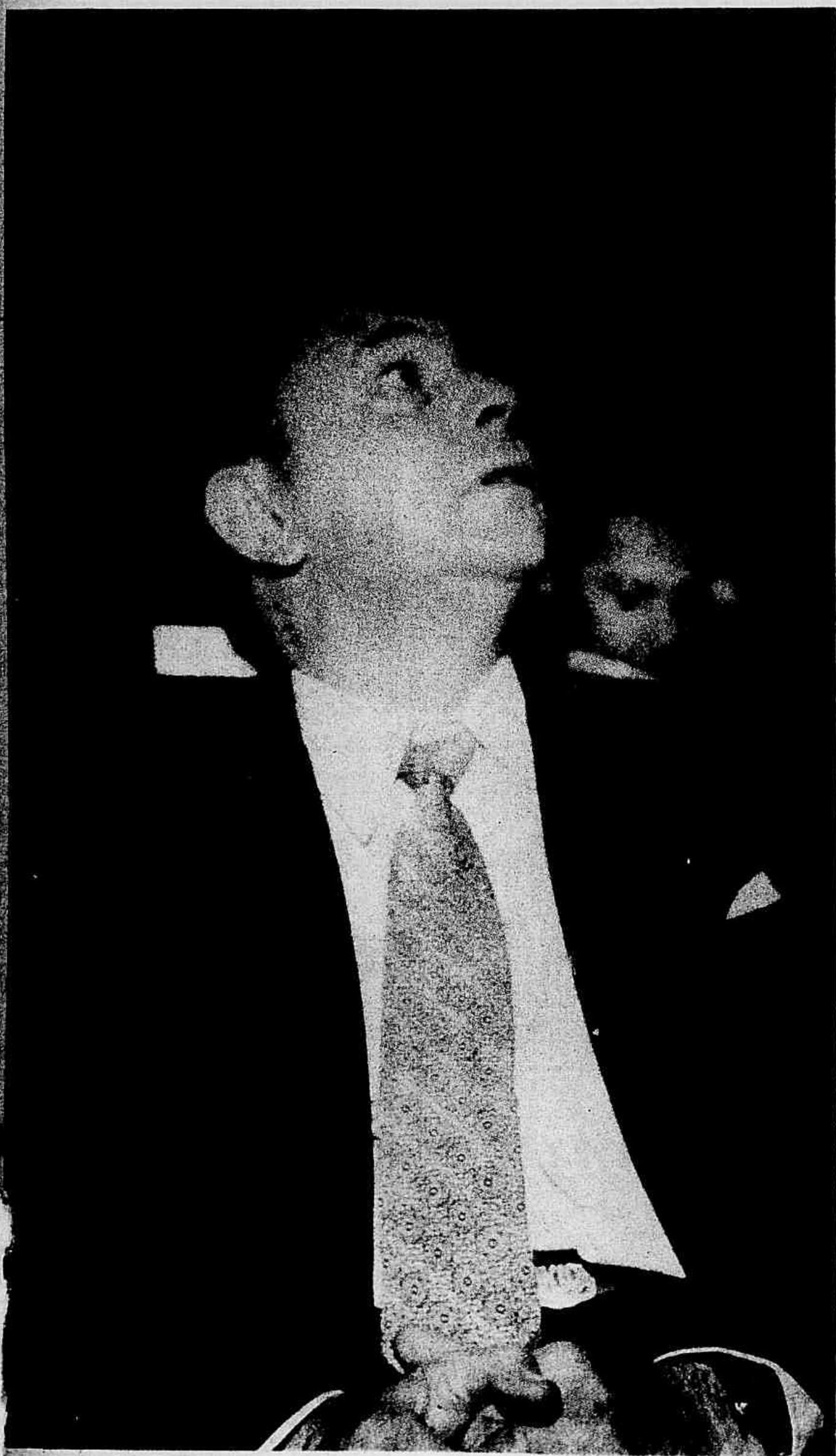
Melo ganhou o título de «líder-teleguiado», pois sua autonomia de vôo era pequeníssima e a cada nova questão proposta pelo sr. Arinos, ele tinha que ir correndo ao Partido buscar a resposta de seus chefes. Líder melancólico o sr. Vieira de Melo. Para fingir uma importância que não tem, se submete a tudo, se sujeita a todos os papéis. Sempre visando (e pensando) no governo da Bahia. Mas o sr. Balbino que é muito esperto, quando alguém fala na possibilidade de ser substituído na Bahia pelo sr. Vieira, dá uma gargalhada, e responde: «Na Bahia, se o Vieira tiver 5 por cento dos votos do PSD, vai ser meu candidato.» E dá outra gargalhada.



Em política o impossível...

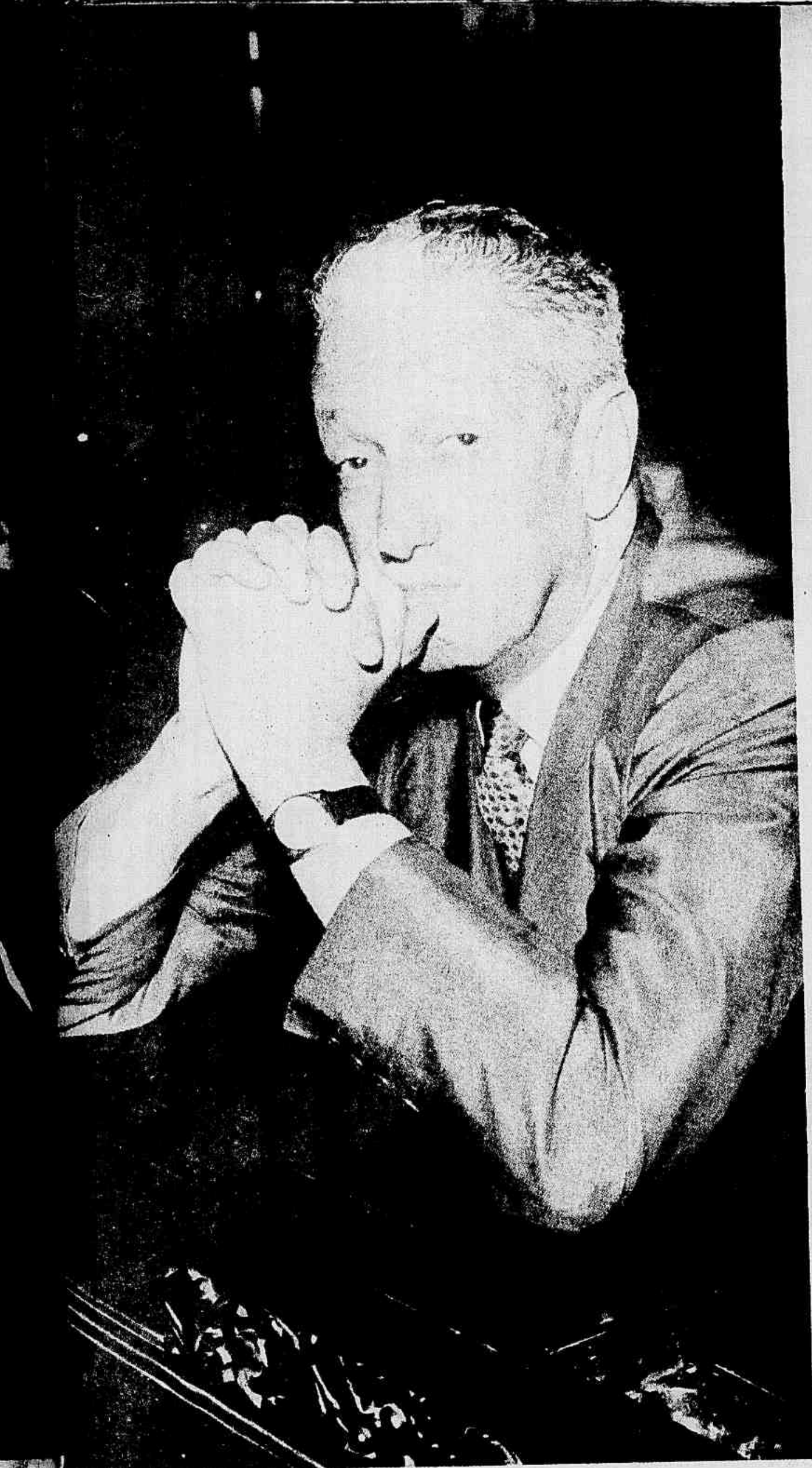
Ildo Meneghetti

◆ De Ministro o sr. Meneghetti só tem o apelido. Sua escolha não foi a escolha de um Ministro. Sua atividade não é de Ministro. Sua formação não é Ministerial. Acusado pelos próprios correligionários de não distinguir um jequitibá de um pé de alface, o sr. Meneghetti vai se agüentando desajeitadamente no Ministério da Agricultura. Recentemente levou um pito público tão violento, do Presidente da República, que se pensou que mesmo ele fôsse capaz de pedir demissão. Mas logo depois a expectativa se desfez, quando o próprio sr. Meneghetti eufórico e satisfeito vinha a público dizer que continuava no Ministério e gozando da confiança do Presidente da República. O sr. Meneghetti é a imagem viva de que em política o impossível acontece.



Lourival Fontes

◆ O sr. Lourival Fontes já foi uma potência. Mandou muito neste país. No tempo do DIP, quando um de seus auxiliares pegava o telefone e dizia «são ordens do dr. Lourival», do outro lado do fone era certo que alguém se assustasse. Foi teórico, crente e admirador do fascismo. Foi mais pela propaganda do sr. Getúlio Vargas (e da ditadura), do que qualquer pessoa neste país. Corrompeu, comprou e aliciou em grande escala. (O sr. Carlos Lacerda, amigo e inimigo intermitente do sr. Lourival Fontes, disse dele que foi o honesto mais corrupto que encontrou no Brasil). Mas restaurada a democracia (de fachada, mas democracia), depois de um breve ostracismo e uma passagem experimental pela Casa Civil, eis o sr. Lourival, de piteira e fones no ouvido, como um dos campeões do Parlamento, uma viga mestra do Senado e um dos sustentáculos do regime. De boa categoria intelectual, realmente limpo em matéria de aproveitamento de dinheiros públicos, o sr. Lourival Fontes ainda não conseguiu explicar duas coisas: a sua súbita conversão ao regime que sempre combateu, e a sua aposentadoria na Prefeitura, com 40 mil cruzeiros, de um lugar que jamais ocupou.



Israel Pinheiro

♦ A vida pública do sr. Israel Pinheiro, já foi contada e esmiuçada de todas as maneiras. Nunca teve prestígio, sua popularidade sempre foi muito precária. De tal maneira o seu nome sofria restrições, que mesmo o seu amigo Juscelino encontrava dificuldades em nomeá-lo para qualquer coisa. Mas veio o 11 de novembro e houve uma liberação geral. O passado de muita gente foi esquecido e nesse rol foi colocado o do sr. Israel Pinheiro. A sua famosa administração no Vale do Rio Doce (segundo o Barão de Itararé, Israel bebeu o rio, comeu o doce e deixou o vale na caixa), em outro país teria inutilizado para sempre a sua carreira de homem público. Mas no Brasil (principalmente na política), o impossível acontece, e eis o trêfego e administrador elevado à condição de Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Quem conhece o passado de Israel e o patrimônio que está sob a sua guarda em Brasília, treme de pavor. E não foi por outra coisa, que falando ao «Correio da Manhã» (há muitos meses), Sérgio Bernardes exclamou: «Brasília vai ser o escândalo do século». E quem pensou que seria o contrário?



Agripino e Fleiuss

♦ João Agripino e Fleiuss (abraçados na foto), dão uma demonstração de boa convivência política, o que não é muito comum no Brasil. Da parte do sr. Fleiuss o gesto não causa muita surpresa, pois ele é um homem educado, respeitando mesmo os inimigos e sem ter nunca uma palavra agressiva contra ninguém. Sua vocação de boas maneiras e de acomodação é tal, que toda a sua carreira na Aeronáutica até Brigadeiro foi feita sem que jamais se afastasse do Rio e das proximidades do poder. Já o sr. Agripino (tido e havido como cangaceiro) surpreende todo mundo quando abraça um adversário. Sua vocação de oposição é conhecida, e nunca ninguém surpreendeu-o em negociações (ou adesões) que não fossem autorizados pelo partido. Mas seguindo a regra e a norma da política brasileira, João Agripino, terrível na política estadual, fica ameno e doce na política federal. O impossível acontece.

LITERATURA E ARTE

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

UM LIVRO

AS MEMÓRIAS DE ULISSES LINS

● AOS SESENTA e oito anos, portanto no ocaso da vida combativa e fértil, Ulisses Lins de Albuquerque resolveu consignar, num livro, os vários lances de que se compôs ela, desde a meninice até à plena maturidade atual. Fê-lo num livro de quase quatrocentas páginas, precioso para quem aprecia esse tipo de leituras (1). Não diremos, do estilo de Ulisses Lins, que seja literário: sem embargo, ele não é apenas um deputado, que escreve. Sertanejo transplantado para a cidade, nunca se esqueceu ele do sertão nativo, e sobre o qual muito tem para contar. Talvez que seu livro seja um pouco desordenado, sem o necessário processo de síntese que, a nosso ver, deveria

presidir a todos os livros dessa espécie: há capítulos, curtos embora que parecem peças soltas na arquitetura do volume. Mas os lances interessantes são tantos — há trechos do livro que recordam romances —, que aquelas falhas de estruturação quase passam em branco.

Em um comprido Apêndice, Ulisses Lins examina, com vagares de historiador, vários episódios à margem de sua auto-biografia, embora a ela ligados de um ou de outro modo. Termina por traçar a genealogia de sua família, desde eras remotas. Mas o melhor de «Um Sertanejo e o Sertão», no nosso limitado entender, são as páginas em que Ulisses Lins faz referências a figuras e fatos de seus tempos de meninice e adolescência, inclusive o despertar de sua vocação para a política, aos dez anos, auxiliando na confecção de atas os mesários improvisados de uma eleição efetuada em fins do século passado.

Livro que às vezes se lê como se se tratasse de uma história dessas que José Lins do Rêgo, por exemplo, descreveu em seus romances, e que por outras arrasta-se monótona e pesadamente como as páginas de relatórios áridos e intermináveis, «Um Sertanejo e o Sertão» nisso também possui um mérito: porque a vida humana, mesmo a dos homens que conseguiram vencer — como Ulisses Lins —, ao lado de lances cheios de interesse e de brilho, apresenta — e ainda mais numerosos, quantas vezes! — episódios sem qualquer realce, pontos mortos que se vencem penosamente, à custa de esforço e de obstinação.

(1) — Ulisses Lins: «Um Sertanejo e o Sertão». Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1957. 387 páginas. Capa de José Barbosa.

CONVERSA

COM O POETA TELMO PADILHA

«A LITERATURA BAIANA ESTÁ MAIS OU MENOS EM PONTO MORTO»

● TELMO PADILHA, poeta baiano de quem não faz muito elogiamos o livro de estréia, «Girassol do Espanto», agora transferiu-se para o Rio. Advogado, jornalista desde a terra natal, aqui logo se firmou, e presentemente trabalha como colaborador em «Para Todos» e em «Semanário». Editará brevemente dois livros, um de poesia — «Preamar» — e outro, uma novela: «Apenas o Vento». Entremetidos, prosseguem os trabalhos de «Poetas Contemporâneos da Bahia», antologia que organizou e que aparecerá brevemente, em edição especial. O colunista o conheceu há dias, numa livraria, e da conversa que então trocaram, aqui vai o essencial.

— Além de «Poetas Contemporâneos da Bahia», tem outros planos literários para breve?

— Tenho prontos dois novos livros — um de poesia e outro uma novela: «Preamar» e «Apenas o Vento».

— Que influências julga ter sofrido?

— É difícil precisar. Melhor seria dizer que sofri a influência do meio em que vivi — a província — e que minha poesia é até certo ponto o reflexo desse ambiente.

— Alguma razão especial o levou a batizar seu novo livro de poemas com o título de «Preamar»?

— O livro intitulava-se inicialmente «A Ilha»; mas depois resolvi substituir-lhe o nome pelo atual, que me parece mais apropriado. Razão especial existe, sim: nesta plaquete faço uma experiência na simbologia marinha, valendo-me



da influência que recebi de uma pequena ilha do interior baiano, onde passei parte de minha infância e onde residi, já mais crescido. Da ilha captei apenas o clima, suas sugestões, e é dessa atmosfera que me utilizo para dar ao livro um tom marinho.

— Quais os poetas brasileiros que mais aprecia?

— Drummond de Andrade, Bandeira, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes, Murilo Mendes, Emílio Moura, Schmidt, Mauro Mota, Sósigenes Costa, entre os mais velhos. João Cabral de

Melo Neto, Domingos Carvalho da Silva, Osvaldino Marques, Moreira da Fonseca, Lêdo Ivo, Jorge Medauar e Péricles Eugênio, entre os mais novos.

— Existe um movimento literário na Bahia?

— A literatura baiana está mais ou menos em ponto morto. À exceção de alguns escritores já conhecidos, que trabalham isoladamente — Wilson Rocha, Vasconcelos Maia, Heron de Alencar, Raimundo Mesquita, Junot Silveira e Carvalho Filho —, apenas alguns jovens estão tentando fazer alguma coisa de novo, sem preocupação de movimento, todavia.

— E com as artes visuais?

— Dá-se com elas justamente o contrário: um grupo de artistas sérios, tendo à frente Mário Cravo, Caribé, Jenner Augusto, Mirabeau Sampaio e outros, procura revalorizar temas e formas pictóricas, num movimento poucas vezes igualado no Brasil.

— A que atribui o descontentamento de certos poetas, que não figurarão na sua antologia de poetas baianos modernos?

— Todo trabalho de seleção feito com honestidade provoca descontentamento. Há sempre os que acham que deveriam ter sido incluídos no livro, e atribuem sua exclusão à tendenciosidade do organizador.

— E sobre o movimento concreto, que me diz?

— Por enquanto, nada. Vou fazer como Ollívio Montenegro: estudar, primeiro, para ver do que se trata, e depois, falar.

SOBRE GENARO DE CARVALHO

● TÃO LOGO esteja encerrada a mostra do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro — mostra que aliás mereceu grandes reparos, pela desequilíbrio e má organização, má organização e desequilíbrio inconcebíveis, em se tratando de um Museu cuja finalidade precípua é propagar a cultura, e não mistificá-la, virá substituí-la uma Exposição de tapeçarias de Genaro de Carvalho. Genaro é baiano, e conta presentemente pouco mais de trinta anos. A renovação da tapeçaria, no Brasil — elevada essa tapeçaria a um alto padrão artístico — é obra puramente sua. Porém, sendo Genaro baiano, e a tapeçaria arte basicamente, eminentemente popular, não teria havido, na obra do jovem artista, a introdução, em grau superlativo, de motivos e temas peculiares à Bahia. — motivos que um Mário Cravo Júnior, por exemplo, aproveita em seus trabalhos, restringindo-os assim o mais das vezes a um regionalismo pitoresco, mas sem grande valor estético? Como subtrair-se Genaro à influência telúrica, como virar as costas para as facilidades pictóricas apresentadas pelo imensamente explorado folclore baiano?

Da melhor maneira resolveu Genaro todos esses outros problemas. Primeiro, dosando em sábias proporções o repertório de motivos baianos que aparecem em suas tapeçarias; segundo, estilizando-os de um modo personalíssimo, que consagra o decorativo, e não sublinha apenas o real. Tudo isso, sem trair a origem popular de sua arte antiqüíssima. Por isso, pode-se dizer das tapeçarias de Genaro: são baianas, brasileiras, universais. Seria inútil falar em nomes de famosos artesãos, como Lurçat, por exemplo, e com eles comparar Genaro; como já dissemos, o baiano é possuidor de um estilo próprio, todo seu, estribado em técnica segura e que dia a dia mais busca apurar. Artesão e artista, orientador de um atelier de tapeçaria onde se mistura à tradição doméstica, uma sensibilidade voltada para o universal, Genaro de Carvalho — cuja pequena exposição, há tempos, na «Petite Galerie», entusiasmou os críticos cariocas — tem tudo para que sua exposição, no Museu carioca, venha a se transformar num êxito completo. Aguardemo-la, portanto.

NOTÍCIAS



FRIDA CAVALCANTI JARDIM, jovem artista brasileira, de volta da Itália, onde em Ravena estudou a difícil arte do mosaico, apresentará

em breve quarenta trabalhos desse gênero pouco cultivado no Brasil. A mostra será realizada também no Ministério da Educação.

INIMA expõe no Salão do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes um grupo de seus mais recentes trabalhos.

QUAGLIA, UBIRAJARA e Rubem Valentim, três artistas baianos que há pouco expuseram no Museu de Arte Moderna de São Paulo, estiveram no Rio, de passagem.

DESDE O dia sete, e até ao dia vinte e cinco, Amélia Bauerfeldt apresentará, no Ministério da Educação e Cultura, uma exposição de seus últimos desenhos.

POESIA

Três Poemas de Hoelderlin (*)

O AGRADÁVEL...

O agradável da vida eu conheci,
Minhas jovens alegrias de há
[muito partiram.
Estão distantes abril, maio e
[junho.
Já não vivo mais, já não amo a
[vida.

AS LINHAS DA VIDA

As linhas da vida são diferentes,
Como os caminhos o são, e as
[sendas das montanhas
O que somos aqui, um Deus com-
[pletará, lá em cima
Com harmonia, e em paz e graça
[eternas.

A BELEZA

A beleza é peculiar às crianças,
Certamente feita à imagem de
[Deus.
Possui a paz e o silêncio
Tão invejável, também, nos
[anjos.

Tradução de J. R. T. L.

(*) — Esses três poemas, "Das Angenehme", "Die Linien des Lebens" e "Die Schoenheit", foram escritos quando o poeta, já imerso na loucura, pouco mais teria ainda a escrever. O primeiro é anterior a 1811. Hoelderlin morreu em 7 de junho de 1843.

CRÔNICA

VALE NÃO TER MEDO

● Nunca, em nenhum Carnaval essa coisa da execução pagas dos discos, as parcerias à força, o dinheiro rolando, funcionou mais às claras que este ano. A corrida foi enorme e, nomes nunca dantes ouvidos — cantores e compositores — eram gritados pelos variados microfones cariocas. O Carnaval foi abandonado como assunto, correndo Rei Momo mudo, sem conhecer os hinos a ele feitos, muito menos o povo sabendo louvá-lo pois mal sabia das melodias. Carnaval triste e triste processo esse que se agigantou este ano sem que ninguém de mando o impedisse, ninguém de mãos limpas o evitasse. E vai crescer mais? Na certa! Nesta era de semvergonhice legalizada, quando é bonito roubar, quando se mata sem consequência de pena, quando se assalta aos galopes, qualquer processo fraudulento e imundo passa a ser lei. Haveria de ser o Norte, mais uma vez, que iria dar a grande lição a esses pobres poetas de poucas rimas, a esses cantores «matéria paga». Sim, o Norte mais uma vez, pela vergonha que carrega no seu rosto e o bom sangue que corre nas suas veias e a boa massa que encerra na sua cabeça chata. E foi ele mais uma vez que veio destruir o dinheiro passado a ferro do homem poderoso da fábrica de sabonete, que veio encolher o braço estendido dos que fazem rodar os discos, que gritou mais alto a boa música que o povo ouviu, repetiu e comprou. Nelson Ferreira e Dorival Caymmi dois do norte, fizeram isto, passaram este recibo e, impuseram o respeito com cajado forte. A presença de ambos com os documentos honestos de «Evocação» e «Maracangalha» obrigou esse punhado de paraquedistas a uma retirada em massa para os seus esconderijos. Ficaram mudos. O povo também, para as suas músicas. Se ali apontou «Vai Com Jeito» é porque a marchinha vinha das mãos de um compositor autêntico: João de Barro o mesmo de «Chiquita Bacana», «Touradas em Madrid», «O Gato da Tuba», «Pirata da Perna de Pau». E o resto? Se além um samba pôde ser ouvido era porque trazia o bom gosto de Klecius e Cavalcanti. O mais, um punhado de mediocridades, sem forma e sem côr e principalmente sem interpretação. A prateleira está com eles todos à espera de um destino certo: lixo. Lixo quer dizer apenas: prejuízo total para a fábrica que gravou essas barbaridades. Muitos dos bons compositores, por medo ou precaução, deram parcerias aos discotecários ou aos chamados «donos de programas» (os que alugam tempo nas emissoras). Esses têm agora um exemplo que devem seguir depois do êxito de «Evocação» e «Maracangalha»: não acreditar em «caitetus» esses fantasmalhas inaugurados por eles mesmos, gente que só pode carregar dentro do peito nada mais que interesse em tomar algum logo hoje para o dia de amanhã. Não dêem parcerias; não temam os «caitetus»! Não tirem do seu nem dividam as suas idéias e, quem sabe o Carnaval do próximo ano será mais cantado, mais alegre, mais limpo que esse que acabou de passar que, deixando 650 músicas gravadas não fez o público cantar inteiras mais que cinco ou seis!

EM MATÉRIA DE DISCOS



ROSINA PAGÁ, depois de tanto tempo fora do Brasil, volta um pouco, faz rádio e televisão um pouco e antes de partir para um ponto que não sabe ainda deixa um L.P. na marca «Rádio» com esta miscelânea de melodias:

- «QUE SERA SERA» — valsa de Livingston e versão de Nadir Côrte Real.
- «NÃO SOSSEGA NÃO» — batucada de Assis Valente.
- «NUNCA» — cha-cha-cha de Guty Gardenas.
- «MARACANGALHA» — samba de Dorival Caymmi.
- «LE PIANO DU PAUVRE» — de Léo Ferre.
- «CONVERSA DE TELEFONE» — fox de Steve Allen — versão de Lourival Faissal.
- «MAMÃE QUERO DANÇAR» — cha-cha-cha de Lourival Faissal.
- «MAMBO ROCK» — de Reichner-Phillips e Ayre.

A «ODEON» NOS PROMETE TRÊS LPS. NOTÁVEIS

Um deles vem trazendo uma infinidade de pontos de macumba com João da Baiana e Sussu. Para os ouvintes do interior e nas vésperas dos festejos juninos vamos ter uma série de melodias brejeiras com Antenógenes Silva. E finalmente, o mais notável disco e a mais estupenda montagem: «Garoto Interpreta Ari Barroso». Uma gravação que tem uma história.

QUATRO VOZES SÃO NOTÍCIAS



ALICE GONZAGA, começou a cantar, enfrentando com coragem os terríveis e agressivos programas de calouros. Ganhou sua melhor oportunidade de apresentação no programa César e Alencar. Nos dias presentes é exclusiva de uma fábrica de gravações e tem contrato na Tupi e TV Tupi.



ESTER DE ABREU — Os jornais e revistas têm noticiado muito que ela vai casar outra vez. Ester desmente esta notícia mas deixa que a imprensa martele no assunto, pois acha que é publicidade. O que ela pretende este ano é dar uma volta pela Europa e ir ficando no microfone da Nacional.



CARMINHA MASCARENHAS anuncia um along-playing de sambas dolentes na sua voz (Copacabana agora sob a batuta do maestro Vicente Paiva). Também a «estrela» mineira tem uma grande proposta para atuar em Lisboa, no mesmo teatro, onde presentemente se encontra com êxito o cantor Ivan Curi.



JULIE JOY — É uma cantora que não é do Carnaval. Ela cantando muito depois que voltou (quatro anos) ao microfone. Já tem na rua as suas primeiras gravações e agora que Momo está dormindo todinho, podemos ter muitas vezes a voz de Julie nos variados programas da PRE-S.



TELEVISÃO DORMINDO DE TOUCA

● Mesmo quem não está dentro dela escuta o «bafafá» que há uma enorme crise de «vedetes» para as nossas duas únicas estações de TV. Crise aqui e em São Paulo também, pois Virginia Lane quando era das cameras fazia as duas praças tôdas as semanas. Depois dela surgiram umas mocinhas desajeitadas, desafinadas e argumentando com pernas e penas. Não deram no couro. Mara Rúbia deu uma dose de presença, mas já prefere vestir da cabeça aos pés. Quem quiser ver uma «estrela» do fato basta assistir a «Rio Fantasia». Vejam, escutem e acompanhem Eliana naquele nacional e imaginem o que seria a «estrela» para a nossa televisão. Há uma espécie de «família unida» e já crescida dentro da televisão e, ela muitas vezes prefere não ver e ter que substituir certas figuras que mais valem pela amizade que pela arte que carregam. Vai daí que as nossas TV vão marchando devagar e só com muito jeito é que elas vão. E já que falei no «Rio Fantasia», o Trio Irakitan está uma beleza e Renato Murce como estreado muito bem comportado. O rádio foi ajudar o cinema e aquele cinema bem que pode dar uma mãozinha na televisão.



VALE A PENA LER DE NOVO

● A moça Rosita Lopes não faz como Angela Maria, Ester de Abreu e outras moças que quando se apaixonam escondem o nome de seu bem amado. Não! Ela foi logo revelando que Francisco Carlos é mesmo o seu amor e vai daí que com muitos retratos e muitas pernas de fora (Revista do Rádio — 9-3-57) disse ao repórter: «Eu não acreditava nessa história de amor à primeira vista, mas hoje estou convencida que ele existe, e que é o mais forte de todos. Estou mais feliz ainda por saber que o meu Francisco nunca havia namorado moças de teatro, pois eu sou a primeira delas, e acredito serei a última, pois no nosso primeiro encontro Francisco experimentou as mesmas coisas que eu. Foi tudo depois de ter ele dado aquela entrevista publicada pela «Revista do Rádio». Tive necessidade de ir ao programa de Manuel Barcelos e lá o presidente da ABR nos apresentou de maneira mais inocente que imaginar-se possa. O Barcelos foi atender aos seus afazeres e nós nos fitamos durante algum tempo, sem proferir uma só palavra. Quando pus os meus olhos dentro dos olhos de Francisco Carlos, senti qualquer coisa estranha e estava como que envolvida por um grande poder magnético.

UM POUCO DA VIDA DOS ARTISTAS

SÍLVIO CALDAS VAI VOAR COM O VIOLÃO DE J.K. DE BAIXO DO BRAÇO — PORT SAID TEM QUE REBOLAR — CHÃO DE ESTRELAS NO CHÃO QUENTE DO DESERTO — SEM DINHEIRO E SEM PANDEIRO — OS PRACINHAS MERECEM MUITO MAIS

● Depois que os aviões começaram a voar certinhos, sem tropeçar muito nas nuvens do céu, os artistas de rádio ganharam novas praças. São Paulo ou Belo Horizonte, Porto Alegre ou Recife, são pontos diariamente freqüentados pelos que cantam bem e que buscam naqueles cantos um dinheiro maior que o fixo que seguram nas suas emissoras. Voar é buscar o ouro, é aumentar o faturamento, é aumentar a conta do banco.

UM DIA DÊSSES, foi numa hora qualquer, num instante de conversa que Sílvio Caldas pensou nos seus irmãos pracinhas, lá longe em Suez, num mundão distante e num bafafá de línguas estranhas. Pensou nêles porque o Carnaval estava vindo e soube medir bem o que estava no peito de cada soldado irmão que é peito também de folião brasileiro. Um carnaval mudo, seco, silencioso como o grande deserto. Não custava nada seguir alguém que fizesse um pouco de samba e de canção brasileira para matar saudades, para entregar notícias, para falar de coisas da terra. Esse alguém deveria ser ele mesmo, o «caboclinho» que é dono dêste céu, dêste mar, dessas terras tôdas do Brasil que tem sempre um lugar para a sua rede, uma água para a sua sede, um embalo para o seu sono. Ganância é o que não carrega no peito os artistas autênticos como Sílvio Caldas e, cortar o céu grande que é estrada até Suez, não haveria preço senão a alegria de ver alegres os rostos dos pracinhas que estão de pé em nome dos homens da guerra, no dever de manter a paz. A sua idéia cresceu. Foi falar ao General Lott. Foi conversar com o presidente e, dessas conversas ganhou passagem de ida e volta e um rico violão das mãos de JK. Dinheirinho não havia nas verbas governamentais, mas isso não seria problema para quem mais faturou com a sua arte no Brasil e não tem sequer um pau para espantar um gato. Nasceu um patrocinador que lhe dará para os cigarros. E Sílvio embarcará de qualquer maneira.

NUM INSTANTE Sílvio Caldas não quer levar apenas a sua música, a sua voz, os acordes de seu violão. Quer também puxar conversa com o cabo Antônio, ou com o soldado Alfredo começando assim: «estive na sua casa. Sua irmã vai casar em agosto. Segurei o seu garotinho nos braços e cantei para ele. Só vendo que menino esperto, com dois meses apenas. Ia esquecendo... quem é Gustavo Siqueira? Olhe, trago esse embrulhinho de sua tia Odete. Deve ser uma medalhinha». Conversa melhor do que remédio.

Desde que Sílvio Caldas resolveu seguir como cantor e moço de recados, que a sua correspondência aumentou enormemente. Mais, parentes e amigos pedem que digam, que entreguem coisas aos seus de longe.

A esposa de um pracinha quer que ele leve um punhado de fotografias do «herdeiro» que nasceu quando papai já estava quase em Suez. Uma outra vem de uma mãe carinhosa que sabendo do frio de rachar naquelas bandas pede a Sílvio que entregue ao filho distante mantiega de cacau para que ele passe todos os dias nos lábios. São ternuras e belezas que Sílvio Caldas levará, essas pequeninas coisas que fazem um mundo melhor e que dão ao soldado mais força, mais coragem, no combate se preciso for. Sílvio Caldas seguirá, numa excursão que é de arte, num vôo que é longo e estafante, em busca de nada, no interesse único de dar aos seus irmãos uma dose de felicidade que eles todos merecem.



SÍLVIO CALDAS deu uma entrevista coletiva à imprensa e falou de seus planos. Ele aqui está entre Linda e Dircinha Batista que na guerra passada realizaram uma infinidade de «shows» nas bases brasileiras. Elas iriam se fossem convocadas — como todos os artistas. Tudo dependeria de um plano traçado onde o governo colaborasse e apoiasse em todos os sentidos

CINEMA

ELY AZEREDO

CONVERSA COM LITVAK, O DIRETOR DE "ANASTÁCIA"

BOGART SABIA QUE IA MORRER ★ NOVO FILME COM INGRID BERGMAN ★ "OSCAR" À VISTA ★ LITVAK E YUL BRYNNER FORMARAM COMPANHIA E ADAPTARÃO MAU-PASSANT A HUNGRIA REVOLTADA ★ JAMES DEAN: MUITO TALENTOSO, MUITO NEURÓTICO, SUPERVALORIZADO DEPOIS DE MORTO ★ FELLINI, O ÚNICO GRANDE DIRETOR "NOVO" ★ A "ANASTASIA" ALEMA: UMA CHANTAGEM QUE NÃO PEGOU, INFERIOR À "ANASTASIA" AMERICANA

OS FILMES DE LITVAK

- Na RÚSSIA — «Corações e Dólares».
- Na ALEMANHA — «Não há Mais Amor» (1931) e «Das Lied Einer Nacht» (1934).
- Na INGLATERRA — «A Voz do Meu Coração» (1932) e «O Galã do Expresso» (1933).
- Na FRANÇA — «Coração de Lilás» (1931), «Esta Velha Canalha» (1933), «Tripulantes do Céu» e «Mayerling» (1935).
- Em HOLLYWOOD — «Inferno entre Nuvens» e «Nobres sem Fortuna» (1937); «O Gênio do Crime» e «Irmãos» (1938); «Confissões de um Espião Nazista» (1939); «Dias sem Fim», «Tudo Isto e o Céu Também» e «Dois Contra uma Cidade Inteira» (1940); «Uma Canção para Você» (1941); «Isto Acima de Tudo» (1942).
- Na GUERRA — Como coronel do exército americano, dirigiu, entre outros, vários filmes da série documentária «Porque Lutamos»: «Os Nazistas Atacam» (1942), «Dividir e Conquistar» (1943) e «A Batalha da China» (1944), em colaboração com Frank Capra; «A Batalha da Rússia» (1943) e «A Guerra Chega à América» (1945).
- Em HOLLYWOOD — «Noite Eterna» (1947), «Na Cova das Serpentes» e «A Vida por um Fio» (1948).
- Na EUROPA (para companhias americanas) — «Decisão Antes do Amanhecer» (1951), «Mais Forte que a Morte» (1953), «O Profundo Mar Azul» (1955) e «Anastácia, a Princesa Esquecida» (1956).

DESDE seus primórdios, quando as lutas à mão armada entre o truste de Edison e os «independentes» levaram estes produtores a Los Angeles, onde surgiria a Capital do Cinema, a indústria de filmes é campo de acirrada concorrência. Um certo verniz de civilização aboliu práticas ancestrais, como o rapto de «estrelas» e depredação de estúdios, mas a ética não é palavra de uso corrente na indústria.

Em meados do ano passado, a controvérsia em torno de Anastasia, filha de Nicolau II, o último Czar da Rússia, que teria escapado ao massacre da família e estaria viva na Alemanha, deu origem a dois filmes: um americano, filmado em Londres, Copenhague e Paris; outro alemão. Parece estranho a muitos que os alemães anunciassem uma «Anastasia» quando tinham conhecimento da versão americana, em fase de pré-filmagem sob os auspícios da poderosa 20th Century-Fox, com direção de Anatole Litvak («Na Cova das Serpentes»), interpretação de Ingrid Bergman, orçamento de 3.500.000 dólares, em «Cinemascope» e «DeLuxe Color».

Enquanto a Fox se baseava na peça de Marcelle Maurette, sucesso de bilheteria na Broadway, as três empresas alemãs reunidas, Alfu, Corona & Hansa, diziam-se apoiadas na vasta (e controvertida) documentação jornalística e legal sobre o caso que, há quase 40 anos, excita a curiosidade dos espíritos românticos. A austríaca Lilli Palmer, admirável intérprete de filmes ingleses e americanos, agora brilhando na Alemanha Ocidental, seria «Anastácia», a «Última Filha do Czar».

Para galã, os alemães queriam nada menos que Ivan Desny, ator do cinema francês («A... Respeitosa»), intérprete de um papel de segundo plano, o Príncipe Paul, na «Anastácia» da Fox! Desde o início estava claro que estes produtores queriam forçar um paralelo e aproveitar de tabela a enorme publicidade do filme que marcava a volta da grande Ingrid ao cinema americano. «Desny é um velho amigo» — disse-nos o diretor Litvak. «Trabalhou comigo em Act of Love («Mais Forte que a Morte»). Disse-me francamente que os alemães ofereciam uma boa quantia, mas não aceitaria o papel sem minha plena aprovação. Eu disse que não me impor-



Litvak e Yul Brynner, agora sócios. Em «Anastácia», no papel ingrato do aventureiro Bounine, Brynner dá uma grande demonstração de personalidade. Como se constatou no Rio, sua fama precede a projeção de seus filmes. Este «careca» vai empatar em popularidade com o busto de Lollobrigida

CINEMA (cont.)

tava. Mas acho que a intenção inicial dos alemães era tomar dinheiro da Fox, com a ameaça de uma segunda versão. Uma cantagem».

O episódio ilustra muito bem a absoluta confiança que Litvak tem em seu *métier*. Os dois filmes vêm passando simultaneamente (ou quase) em vários países, mas, segundo Litvak, o alemão «só não é um fracasso de bilheteria pela interpretação de Lilli Palmer e pela curiosidade que criamos em torno do assunto Anastasia». No Uruguai, às vésperas do recente Festival de Punta del Este, os dois disputaram o público. No Brasil, o de Lilli Palmer ainda vai demorar um pouco.

No Rio, de volta do Festival, Litvak passou quase inteiramente despercebido da imprensa. Os *flashes* só estouraram em quantidade razoável quando ele subiu ao palco do Palácio, com o «astro» Yul Brynner, na pré-estreia de «Anastasia». (Título brasileiro: «Anastácia, a Princesa Esquecida». A França Filmes, distribuidora da versão alemã, registrou antes na censura o título «Anastácia»).

A cabeça raspada de Brynner, o andar ondulante de Lana Turner e o decote de Anita Ekberg ainda monopolizavam as atenções quando, por intermédio de Harry Stone (Motion Picture Association), obtivemos um encontro com o diretor. Durante uma hora Litvak falou sobre cinema, com a autoridade de quem o conhece intimamente há 30 anos e em cenários tão diversos quanto Moscou, Berlim, Paris, Londres e Hollywood.

INGRID BERGMAN — «Há muito tempo eu conhecia e admirava Ingrid Bergman. Quando ia filmar «Na Cova das Serpentes», queria uma pessoa muito *sã* para interpretar o papel principal — a louca. Ingrid hesitou. Pessoas que a influenciavam na época (NR — Referência indireta ao primeiro marido, o Dr. Lindstrom) foram contra. Eu senti muito.» (O papel foi entregue a Olivia de Havilland, que fez uma de suas melhores criações).

«Quando resolvi filmar *Anastasia* pensei imediatamente em Ingrid Bergman. Era lamentável que uma atriz de tanto talento continuasse atalada do grande público que os filmes americanos possuem. Fiz o convite. Referindo-se ao sucesso de *Na Cova das Serpentes*, ela respondeu: Eu errei uma vez, mas não errarei desta vez.

E o filme foi o sucesso que você sabe. Acho que ela tem grande possibilidade de ganhar o Oscar».

Litvak acha que Ingrid não voltará a viver em Hollywood, mas apenas pelos laços conjugais que a unem a Europa. Mas fará filmes onde quer que surjam boas oportunidades. Muito provavelmente trabalhará novamente com Litvak: o desejo é mútuo.

«É uma atriz difícil nos primeiros dias de trabalho» — diz Litvak. «Fica **experimentando** o diretor e discutindo porque tal cena deve ser **assim** e não **assim**. Quando se certifica de que ele sabe o que quer, entrega-se inteiramente em suas mãos».

YUL BRYNNER — Brynner e Litvak formaram uma companhia independente. O «careca voluntário» e o diretor trabalharão juntos pelo menos em dois filmes. O primeiro: uma versão moderna de «Bola de Sêbo», de Maupassant, com Brynner no papel de um oficial russo na Hungria revoltada. Será realizado na Áustria: «o mais próximo possível da Hungria». O «script» é de George Tabori. «Vai ser um filme apolítico. Estou mais interessado no **background** humano».

Yul não mais dirigirá a nova versão (musical) de «O Bucaneiro», para Cecil B. de Mille. Já foi diretor na televisão, mas adiou sua estréia cinematográfica nessas funções. «Pode ser um bom diretor», afirma Litvak, «mas, convenci-o de que não deve dirigir e interpretar no mesmo filme».

BOGART, JAMES DEAN — Perguntamos sobre Humphrey Bogart, que trabalhou com Litvak em «O Gênio do Crime» (*The Amazing Dr. Clitterhouse*). «Um homem extraordinário. Estive com ele dias antes da morte. Sabia que ia morrer, mas brincava, contava anedotas. Não queria que a família e os amigos sofressem». (NR — De fato, as notícias falavam de um Bogart confiante na cura até as vésperas do fim).

«Vi James Dean na Broadway. Fazia um pequeno papel em *O Imoralista*, de Gide. Senti logo que tinha talento. Não mudei de opinião ao vê-lo estreiar no cinema em *Vidas Amargas*. Era um rapaz muito talentoso e muito neurótico. Merecia o sucesso, mas, lamento dizer, foi supervalorizado depois de morto. Vi-o também em *Giant*, que é um grande filme».

HOLLYWOOD NO BOM CAMINHO — Opinando sobre a qualidade do cinema atual, Litvak dá suas maiores atenções à produção americana. «Na concorrência com a televisão, Hol-

lywood está dando a devida importância ao diretor. Homens como Kazan, Stevens, Wyler recebem também a função de produzir, com liberdade para escolher histórias, atores, argumentistas, etc.»

E Litvak é um exemplo. A idéia de produzir «Anastasia» foi sua. O produtor (Fox) é Buddy Adler, mas Litvak escolheu o elenco, o adaptador (Guy Bolton), os demais colaboradores. Modificou amplamente a peça original, que considera medíocre. Embora não tivesse intenção documentária, fez pesquisas sobre o caso Anastasia.

«Frente ao mistério Anastasia, agi como em *Mayerling*, que fiz na França, com Charles Boyer e Danielle Darrieux. Foi em 1935. Estive em Viena fazendo pesquisas sobre aquela tragédia de amor. Conversei com inúmeras pessoas: cada uma contava uma história diferente. Resolvi fazer então a **minha** versão: vi em *Mayerling* uma espécie de *Romeu e Julieta* em novos trajes».

Litvak nunca assina um «script», mas trabalha intimamente com o escritor desde o primeiro esboço. Durante a filmagem só abre o «script» para seguir o diálogo. No mais, improvisa amplamente segundo as exigências técnicas e a inspiração do momento. Dirige a montagem depois na «sala de corte».

FILMES FAVORITOS — Litvak não quer citar um «filme favorito» entre os que realizou. Diz preferir «*Mayerling*», «*Decisão Antes do Amanhecer*», «*Tripulantes do Céu*» (*L'Équipage*) e «*Na Cova das Serpentes*».

Estranhamos a ausência de «Dois Contra uma Cidade Inteira» (*City for Conquest*) entre os prediletos. É, em nossa opinião, o mais inspirado trabalho de Litvak. Falamos da semelhança deste e outros filmes seus com o realismo nostálgico do cinema francês da década de 30, especialmente o de Marcel Carné («*Cais das Sombras*»). «Nunca pensei em Carné ao fazer esses filmes», responde o diretor. (Em 1947, Litvak faria uma versão servil, decepcionante e «final-feliz» de «*Trágico Amanhecer*», de Carné. Chamou-se «*Noite Eterna*»).

Acrescenta: «Inconscientemente, como europeu, sofri a influência do realismo europeu. Meu realismo nunca foi o realismo americano».

OS MELHORES DIRETORES — Ao contrário de muitos colegas, Litvak opina sem hesitação sobre os homens que fazem cinema. Durante toda a conversa dá mais ênfase ao cinema americano. Assim, só após deixá-lo, lembramos de



Litvak dirige Kenneth More e Vivien Leigh em «O Profundo Mar Azul». O diretor-globetrotter já trabalhou com quase todos os melhores atores do cinema de língua inglesa: além de Vivien, Betty Davis, Paul Muni, John Garfield, Claire Trevor, Ann Dvorak, Humphrey Bogart, Edward G. Robinson, James Cagney, Arthur Kennedy, Betty Field, Henry Fonda, Olivia de Havilland, Barbara Stanwyck, Kirk Douglas, Ingrid Bergman, Helen Hayes, Miriam Hopkins, Paul Lukas, Ida Lupino, Thomas Mitchell



Helen Hayes e Ingrid Bergman: duelo de talento em «Anastácia, a Princesa Esquecida». Oscilando entre Max Ophuls e o pior melodrama, Litvak realizou um filme delicioso, onde às vezes é visível (e útil) sua admiração por Lubitsch

Chaplin, o cidadão do mundo. Mas um admirador de Fellini e De Sica, deduzimos, não negaria a grandeza de Chaplin.

Em Hollywood, Litvak prefere George Stevens, Elia Kazan, William Wyler, Billy Wilder, Fred Zinnemann. De Wilder, cujo «Love in the Afternoon» (Gary Cooper, Audrey Hepburn, Chevalier) viu em Paris, diz que seria o sucessor de Ernst Lubitsch, se o falecido mestre da comédia não fôsse insubstituível.

Dos novos, acha Robert Aldrich o mais interessante («pelo menos é corajoso»), mas não o coloca entre os «grandes». Elogia Richard Brooks e Joseph L. Mankiewicz, mas os considera mais escritores que diretores. «Os escritores não deveriam dirigir».

Na Inglaterra, Litvak destaca apenas David Lean e Carol Reed. Na França: René Clément, cujo «Brinquedo Proibido» é «um dos melhores filmes» que já viu. Cita outro francês, Claude Autant-Lara, («é homem de altos e baixos»), destacando «La Traversée de Paris».

Sobre os italianos — «Tiveram seu grande momento logo após a guerra, depois se repetiram sem parar; inclusive De Sica, cujo **Ladrões de Bicicletas** é um dos melhores filmes de todos os tempos.» Atualmente, vê um grande futuro em Federico Fellini. Elogia «I Vitelloni» e «La Strada» (**Na Estrada da Vida**), destacando o primeiro, inédito no Brasil.

Sobre o cinema japonês — «Os filmes japoneses são muito bonitos, mas melodramáticos demais. A interpretação é excessivamente teatral — influência do **kabuki**».

Uma surpresa: Litvak não conhece os filmes de Ingrid Bergman e Alf Sjöberg — os grandes do cinema sueco.

Da Rússia, apenas vêm à baila uma experiência desagradável. Não conseguiu a emigração da mãe e do irmão, quando, em 1945, como oficial do exército americano, esteve em Moscou. Teve somente o prazer efêmero de revê-los após 20 anos de separação. A mãe morreu em 1954.

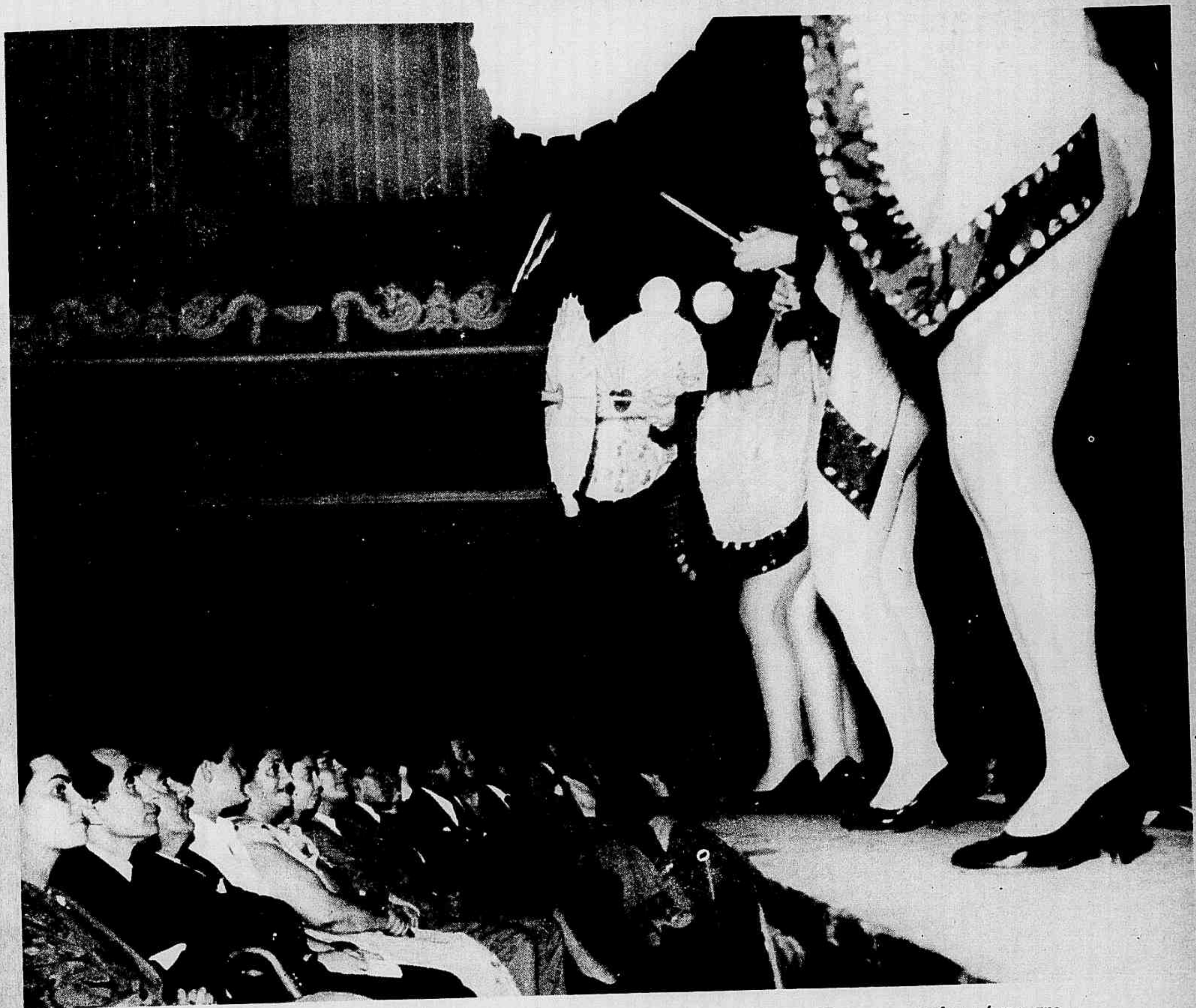
GLOBETROTTER — Litvak é autêntico **globetrotter**. «Sou um pouco cigano», observa; «sinto-me bem filmando nos países mais diversos. Mas, há vários anos Paris é minha residência. Minha mulher, Sophie, é redatora da revista **Paris Match**». (Litvak já foi marido de Miriam Hopkins, «estrêla» de seu primeiro filme **hollywoodiano**, «Inferno entre Nuvens», que aliás, tinha o título original de «The Woman I Love»...).

Em 1943, o então coronel Litvak esteve quatro dias em Belém, forçado por um defeito no motor do avião. Agora visitou-nos de passagem, mas, garante, voltará o mais cedo possível, para conhecer melhor nossa terra. Provavelmente dentro de um ano e meio.

Nesse interim, fará no máximo dois filmes. Porque é um perfeccionista. Não satisfeito em fazer de «Anastasia» um espetáculo delicioso, esteve durante toda a projeção, na pré-estréia carioca, controlando o som na cabine do Palácio!

Colé e Lilian Fernandes (pasmem!) como Otele
e Desdêmona. Como não podia deixar de ser,
é uma degradação da obra clássica e uma das
piores coisas já tentadas na Praça Tiradentes





Perna de coristas e vedetas não é o que se condena nos espetáculos de revista. O que se condena (mas que ninguém jamais acabará) é a imoralidade do texto, o duplo sentido grosseiro, os gestos e atitudes pornográficos

REVISTA: teatro para o povo

OBSCENIDADE NO PALCO E FORA DO PALCO ★ OS EXPLORADORES DO TEATRO DE
REVISTA ★ NACIONALISMO E POPULISMO EM TEATRO ★ COLÉ NUMA VERSÃO NOVA
DE SHAKESPEARE ★ A POSIÇÃO DOS CRÍTICOS DIANTE DA IMORALIDADE TEATRAL
★ A INCOERÊNCIA DA CENSURA E DO SR. HILDON ROCHA

Por PAULO FRANCIS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

REVISTA DA SEMANA — 19



MULHERES BONITAS ENFEITAM O TEATRO DE REVISTA MAS

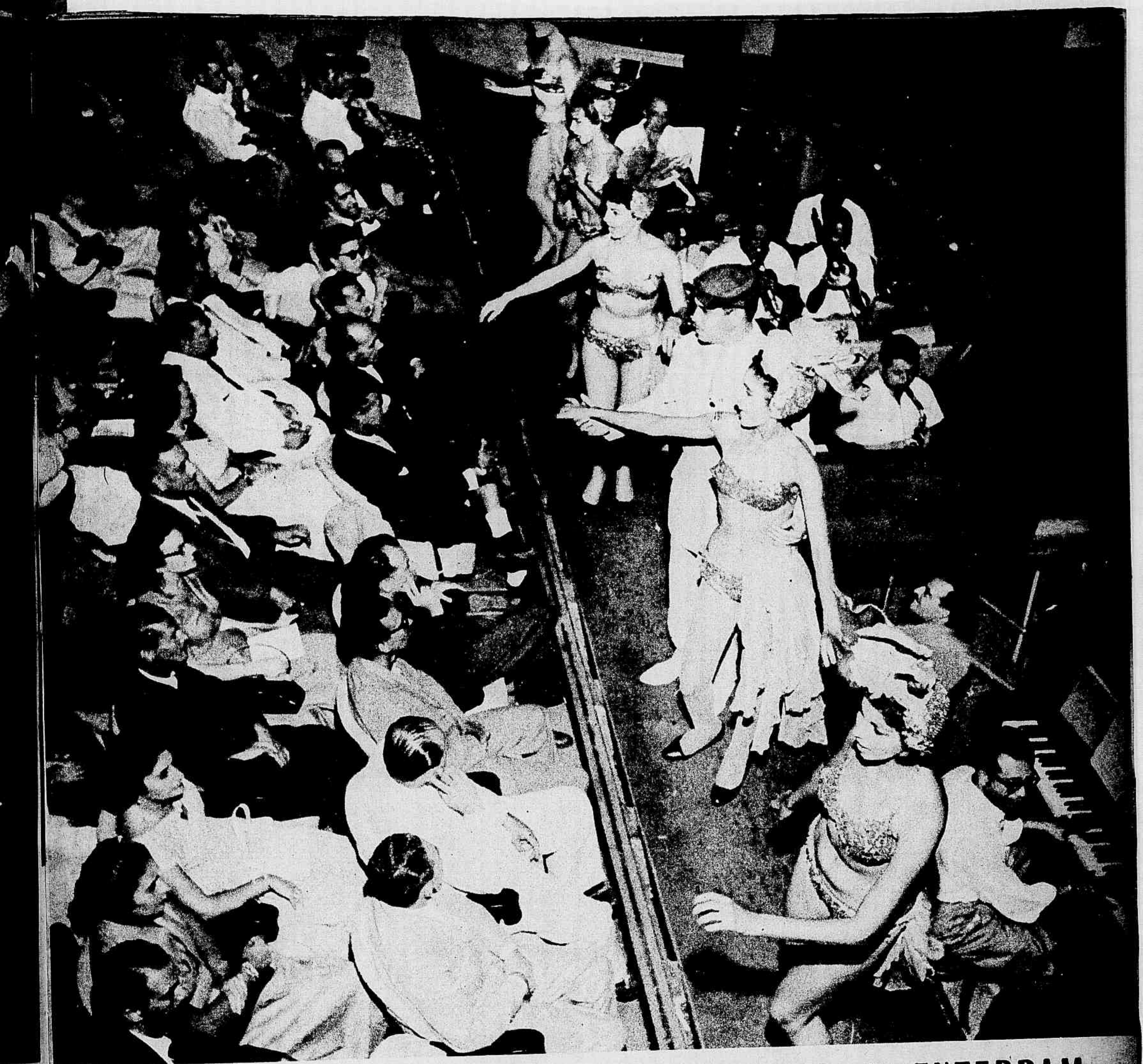
CONDENA-SE nos espetáculos de revista sua imoralidade grosseira. Nada mais asinino como atitude crítica, pois a imoralidade, grosseira ou não, é matéria cênica legítima e tradicional. Tudo depende do contexto em que aparece, de seus manipuladores. O "Judeu" e Gil Vicente, por exemplo, não são J. Maia e Max Nunes. A rejeição puritana convencional da imoralidade, por outro lado, é quase sempre imoral. O sr. Hildon Rocha, censor-chefe da polícia, mantém, aparentemente, ponto de vista diverso. Sua recente tentativa de sustar uma exibição de fotografias de coristas em trajes sumários, baseava-se no resguardamento moral da família brasileira, ou em clichê de natureza semelhante. Antes tivesse censurado a má qualidade das fotografias e a má qualidade física das coristas em exposição. Isto é que constituía ofensa, não a seminudez das mulheres. O sr. Hildon Rocha preferiu insistir, porém, em sua "boa qualidade" moral. O censor é incoerente consigo mesmo. Não tentou sustar o espetáculo de que as fotografias

eram simples material publicitário. Afinal, a sugerido na porta do teatro, acontecia no palco com fartura de ilustrações e de detalhes. O sr. Hildon Rocha traiu-se como puritano. Admite no interior das casas de espetáculo, aquilo que condena na via pública.



A outra face do puritanismo sexual é a obscenidade. Os instintos naturais necessitam, evidentemente, de vazão, seja como fôr. Sexo, porém, é sujeira na consciência puritana. Ocupa um lugar social semelhante ao das funções uro-fecais, escreveu D. H. Lawrence. Daí suas manifestações subterrâneas e seus exploradores. Eis porque há textos de teatro-revista que parecem rabiscos de mictório público.

O riso reduz ao absurdo tabus de toda espécie. Assim, por uma lei de antagonismo, redime a obscenidade de implicações antinaturais. Um exemplo disso está no presente cartaz "Eu



A IMORALIDADE E OS GESTOS OBSCENOS O ENTERRAM

vou para Maracangalha". Colé parodia Otelo e Lilian Fernandes, Desdemona. Shakespeare na Praça Tiradentes. Desdemona vai ser estrangulada por Otelo em trajes menores (a expressão "trajes menores" é ridiculamente puritana em sua pomposidade descobida; "peças íntimas" ainda é pior), lingerie preta e nada mais. Tremendo de pavor para o prazer da platéia, Lilian Fernandes mete a cabeça nos travesseiros e volta as costas para Colé. Otelo' — Desdemona, não sejas desonesta! Isto é golpe baixo!

* Mais uma palavra sobre os textos de teatro-revista. Sua pornografia é quase sempre rimada, com o propósito de dar caráter artístico à mesma. Isto equivale a disfarçar maus odores com perfume barato. Em outras palavras, apertamos mais o nariz. Existe uma hipótese diferente. As rimas serviriam para sublinhar o efeito cômico ou erótico desejado. Nesse caso, a pornografia perde-se na ênfase de escola primária que caracteriza o modo de falar de seus intérpretes no palco, já óbvia em

suas tiradas em "prosa". Sejam quais forem as causas do fenômeno, uma coisa é certa: obscenidade rima com imbecilidade.

Um levantamento do teatro revista no Rio, deve principiar pelos seus mentores e exploradores, os empresários. Estes cavalheiros possuem qualidades indispensáveis a uma organização comercial de teatro, ao contrário do que se possa supor contemplando a mercadoria que vendem. Graças a seu tino administrativo, por exemplo, empregam legiões de coristas (dos três sexos), comediantes e vedetas, sob salários que variam, de "cachets" a Cr\$ 150.000,00 mensais, sem provocar uma rebelião à maneira bolchevique.

Por outro lado, devem fazer a delícia cultural de dois críticos, ambos atendendo pelo nome de Pascoal: o Magno, de "O Correio da Manhã" e o Longo, de "A Cigarra". A plataforma crítica da dupla é cumprida na Praça Tiradentes e nos porões teatrais de Copacabana. Escreve o primeiro, no jornal que possui a melhor equipe de críticos do país: "Só não obtém

REVISTA: teatro para o povo

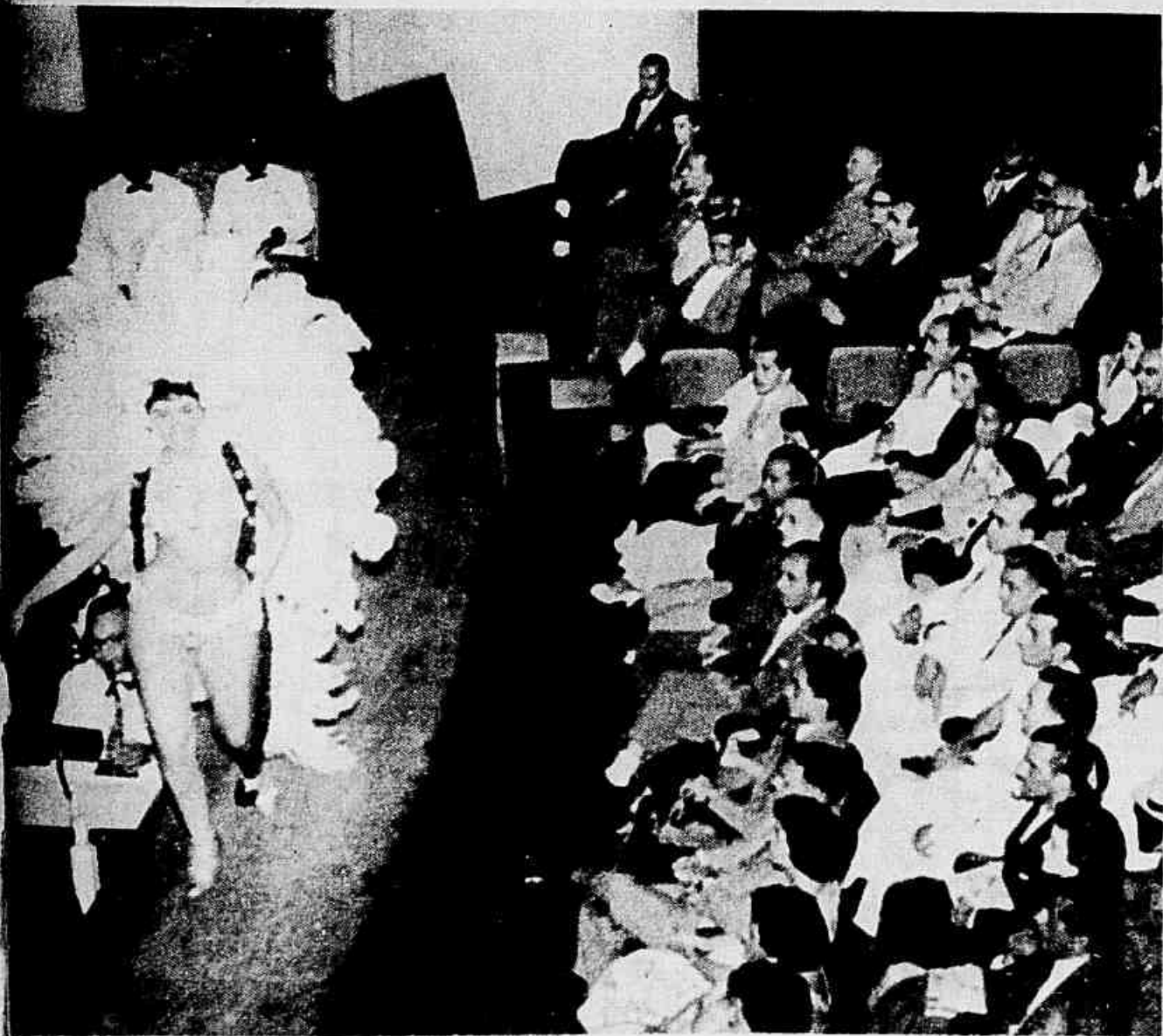


A vedeta (em cima) geralmente é bem paga, e realmente trabalha muito. Já a simples corista (em baixo) embora trabalhe a mesma coisa, ganha uma miséria de salário



De uns tempos para cá, o teatro de revista (como os chamados

peças brasileiras sucesso quando há uma conspiração contra elas de direção e intérpretes"; isto independentemente de sua qualidade artística, que não parece interessar a este Pascoal. Daí se depreende que merecem aplauso as obscenidades e o semi-analfabetismo dos textos de revista, pois, constituem indústria brasileira. Quanto ao Pascoal restante, sua visão populista do teatro deve, forçosamente, incluir os espetáculos da Praça Tiradentes. Teatro é feito **para** o povo, uma comodidade como qualquer outra, e não **pelo** povo, à maneira dos verdadeiros artistas. O crítico abomina escritores cuja mentalidade seja superior a das massas que se contorcem e urram nos estádios de futebol. Aliás, ele pretende transformar o teatro em algo semelhante ao Vasco x Flamengo. A seu ver, a casa de espetáculos é um veículo obsoleto do drama. Tudo deve ser feito ao ar livre, com muita gente se movimentando, muita gente assistindo, e com um mínimo de êxito, necessariamente subliterário, pois João da Silva pode aborrecer-se com as





«shows» da madrugada) deram para explorar com êxito o elemento negro

sutilezas de Shakespeare ou Esquilo. Intelecto e refinamento de sensibilidade são para esnobes.

Países com tradição teatral, ou com economia superdesenvolvida, o que pode ser quase a mesma coisa, fazem teatro ao ar livre com resultados culturalmente válidos. Levar grandes obras ao povo nas grandes civilizações, é perfeitamente possível e desejável. Os gregos já o faziam antes de Reinhardt ou Jean Villard. Quanto a nós, como poderíamos educar as massas através de uma arte na qual ainda engatinhamos? As atitudes críticas dos srs Magno e Longo, dois educadores auto-proclamados das massas, respondem indiretamente à pergunta: um afirma que qualquer peça pelo simples fato de ser brasileira, é boa; outro nega toda concepção de teatro que não seja a sua. Restam os críticos cuja posição populista e nacionalista, deve-se a interesses comerciais. Cabe ao magazine PN e não a nós, discutir seus pontos de vista.



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS
(ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

38
VIAGENS
POR DIA
cada
meia hora

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

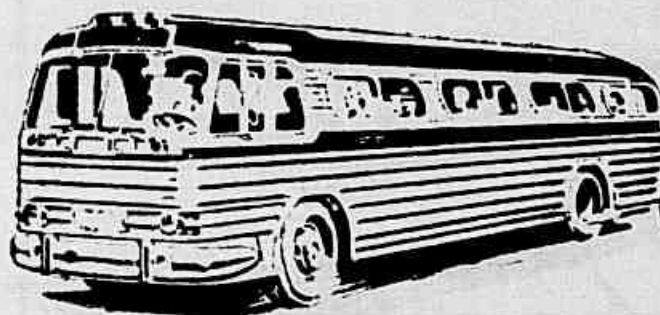
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda



IKE E NIXON E
RESPECTIVOS CHAPÉUS

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



♦ A bela loura Joan Diener (foto), que fazia papel da esposa do Grande Mágico, no filme «Kismet», adoeceu subitamente. Logo após, seu empresário Jack Hylton, descobriu que a atriz havia desaparecido do hospital onde convalescia. Mas, soube, posteriormente, que ela estava em Nice, gozando as delícias do sol mediterrâneo. Segundo os termos do contrato, Hylton poderia despedi-la caso ela não retornasse ao trabalho após um certo número de dias. Acontece que a atriz voltou a Londres no dia mesmo em que o prazo expirava. Mas como não conseguiu se comunicar com o empresário em tempo, recebeu o bilhete azul. Foi substituída por Sheila Bradley, a ex-datilógrafa de 22 anos, que se tornou corista e famosa.

♦ Três poses idênticas, dois chapéus iguais, dois homens completamente diferentes. Um é o super simpático Ike. O outro, o ultra reacionário Nixon. Presidente e Vice-Presidente dos EE. UU. No momento em que foram batidas as fotos, prestam o juramento e assumem os cargos para os quais foram eleitos. O chapéu de Nixon é vulgar como ele mesmo. O de Eisenhower tem uma história: foi confeccionado especialmente por chapeleiros de 17 países, e presenteado a ele na ocasião de sua reeleição com um pedido curioso: agüente firme até o fim do mandato, para que a liderança do país mais importante do mundo não venha a cair nas mãos odiosas e odiadas do sr. Richard Nixon.

ELIZABETH CHUPA O DEDO DO PÉ

● Esta fotografia, ganhou (em Londres), o primeiro prêmio para instantâneos de crianças. A personagem é a pequenina Mary Elizabeth, de nove meses de idade. Elizabeth pegou o hábito de chupar o dedo do pé, em consequência das aflições provocadas pelo nascimento dos primeiros dentes. Seus pais procuram corrigir esse hábito recém-adquirido, dando-lhe outras coisas para colocar na boca. Mas Elizabeth, provando que apesar da tenra idade já é conservadora convicta, volta sempre ao dedo do pé. Os médicos dizem que isso não tem importância e até serve como ginástica para tirar a barriga.



POR
ÊSSE
MUNDO
DE
DEUS



DE CALÇA COMPRIDA, JOGANDO FUTEBOL

● Pela primeira vez na história de Kampala (Uganda), mulheres se apresentam em público vestindo calças compridas, pés descalços e disputando uma partida de futebol. Algumas das mulheres não conseguiram vencer «a timidez diante do progresso» e entraram em campo de vestido

mesmo. A manifestação esportiva (e a nova indumentária), foi patrocinada pela Liga Feminina local, o que prova que o movimento não teve caráter individual e esporádico.



O ÓTIMO ROD STEIGER

Saindo (também) do Actor's Studio, Rod Steiger se projeta no mundo do cinema como uma das grandes revelações dos últimos tempos. Em «A Grande Chantagem», chamara a atenção geral num papel difícilimo. E agora, em «A Trágica Farsa», contracenando com o admirável Humphrey Borgart, roubou-lhe muitas cenas e firmou definitivamente seu nome.

MISS CAFÉ BRASILEIRO

A mania do mundo ainda é a dos concursos. Todos querem ser eleitos Miss (ou mister) qualquer coisa e as indagações se sucedem. A jovem da foto (italiana), é Clelia Honain que foi eleita «Miss Café Brasileiro». Não deixa de ser um título original.



conselhos de beleza

base
para
o pó
de arroz



1. Comece por fazer uma boa limpeza no rosto com um sabonete, de preferência neutro. Enxague delicadamente, com água fria ou tépida, tendo o cuidado de não estimular o sangue para as faces.



2. Espere meio minuto antes de enxugar o rosto, e, ao fazê-lo, use toalha felpuda, bem macia, sem esfregar. Agora seu rosto poderá receber um bom creme, de ação protetora e revitalizante.



4. Aplique no rosto, com as pontas dos dedos e esfregue com movimentos giratórios, continuando a massagem até o creme ser totalmente absorvido pela pele. Forma-se então a preciosa película protetora de ANTISARDINA N.º 1.



6. Sem colocar mais creme, esfregue as mãos do rosto para o pescoço de maneira a obter uma transição homogênea. O estímulo das células, lhe dará uma agradável sensação de frescor.



3. O indicado é ANTISARDINA N.º 1, excelente creme protetor da cutis, que tem a sua fórmula elaborada à base de ingredientes esmeradamente selecionados, indicados nos modernos tratados de saúde e beleza.



5. Tenha o cuidado de passar o creme em todo o rosto, uniformemente à volta da boca, do nariz e dos olhos. Depende disso, em grande parte, o sucesso da maquiagem.



7. Com uma esponja bem limpa, distribua suavemente o pó sobre a base. Não use pó em demasia! A combinação da base com o pó deve proporcionar aparência natural. Remova o excesso com mecha de algodão.

ANTISARDINA N.º 1 (fraco) protege a cutis do rigor dos fortes raios do sol e dos ventos frios, tonificando as células, desobstruindo os poros, tornando a cutis macia e aveludada! É o creme protetor da pele sã, que previne o aparecimento de imperfeições, prolongando a mocidade!

Fórmula n.º 2 (moderado) para eliminar manchas, cravos, espinhas, sardas e demais imperfeições da pele. Para ser usado no rosto, pescoço e colo.

Fórmula n.º 3 (forte) para ser usado na beleza das mãos, braços e ombros. É a fórmula mais eficaz contra sardas, espinhas e manchas rebeldes, eliminando-as prontamente.

MACI propaganda

Antisardina
o segredo da
beleza feminina!



SEM COMPROMISSO

FERNANDO PAULO



Vitorio de Sicca é o maior salário do cinema italiano. Em 1956 ele ganhou 75 milhões de liras

Falando aos jornalistas, Jean Giraudoux declarou que escreveu o seu famoso «Anfitrião 38», em apenas 7 dias.

Na Holanda, os protestantes (religiosos) fizeram uma passeata de protesto (político). Muito natural — foi o que responderam as autoridades, às indagações dos jornais.

A ONU acaba de descobrir uma fórmula para financiar as despesas de desobstrução do Canal de Suez. Uma sobretaxa para todos os navios que atravessarem o Canal. Pode ser eficiente. Mas em matéria de originalidade, deixa muito a desejar.

Eden parece estar realmente muito doente. As notícias a esse respeito são contraditórias. Mas jornais londrinos dizem que o ex-Premier está efetivamente com a saúde abalada.

Vai ser publicada em abril (pela primeira vez no mundo) uma enciclopédia católica. Dogmas, Santos, liturgia, ritual, tudo estará nessa enciclopédia.

Vai estourar uma crise (novamente) nas relações russas e americanas. Os observadores internacionais estão apreensivos.

Em 1960 estará pronta a primeira frota atômica do mundo: 2 porta-aviões, 6 couraçados 15 ou 20 flotilhas.

A Rússia mantém no momento 24 divisões na Hungria. 19 estão na fronteira com a Iugoslávia.

Krotschev distribuiu nos últimos dois meses 9 mil condecorações da Ordem de Lenine



(continua na pág. 38)



Dois palhaços mantiveram a garotada em constante ebulição momesca. Foi um sucesso o baile infantil do Jockey Club Brasileiro. À direita: Esta foliona exibiu uma linda fantasia e caiu no samba sem parar

CARNAVAL INFANTIL NO JOCKEY CLUB



● Estêve animadíssimo o baile infantil que o Jockey Club Brasileiro proporcionou aos filhos dos seus associados, realizado nos salões da sede social da Avenida Rio Branco, na segunda-feira de carnaval. A petizada divertiu-se a valer ao som das marchas e sambas mais em voga no reinado de Momo, assistidos pela diretoria da aristocrática sociedade. Dois magníficos «clowns» fizeram a delícia dos foliões, mirins, trazendo em constante animação o alegre ambiente. Foi um sucesso, o tradicional baile infantil de carnaval do Jockey Club, de que damos nesta página alguns aspectos.



Duas gêmeas, duas graciosas bailarinas que enfeitaram o baile infantil do Jockey Club. À direita: A menina Márcia, filha do Presidente Juscelino Kubitschek, compareceu. Aparece na foto à direita do dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club

AS MAIS BELAS VIVENDAS DO MUNDO

A

PALAVRA VIVENDA significava em outros tempos um lugar de recreação, de férias, ideal de toda a humanidade. Em torno da moradia em casas de campo floresceu uma autêntica literatura, que exorbitou em descritividade. Em muitos países, as casas de campo conservaram sua destinação originária. Mas em outros, adquiriu um aspecto inteiramente novo: passou a ser habitação permanente — residência à margem das grandes cidades. Esta transformação existe atualmente em grau mais elevado nos Estados Unidos e nos países escandinavos. A urbanização monstruosa das grandes metrópoles, as condições de extrema tensão que envolvem a existência cotidiana das populações, e a mecanização incontrolada da vida moderna, provocaram no homem uma reação salutar no sentido da invasão progressiva dos campos e da tentativa de «retorno à natureza». Toda essa movimentação busca o equilíbrio psicológico e moral, que se encontra visivelmente ameaçado. Os conjuntos residenciais encravados no verdor dos campos ou em meio a bosques mais ou menos ralos, são os testemunhos vivos desses novos princípios arquitetônicos, e mesmo sociais. A vivenda trocou o seu nome pomposo e aristocrático por um bem mais modesto e pertinente: «casa unifamiliar». A arquitetura contemporânea, em suas duas tendências fundamentais — racional e orgânica — atingiu os seus objetivos na construção desse tipo de habitação, do qual oferecemos nas páginas que seguem, inúmeros exemplos.

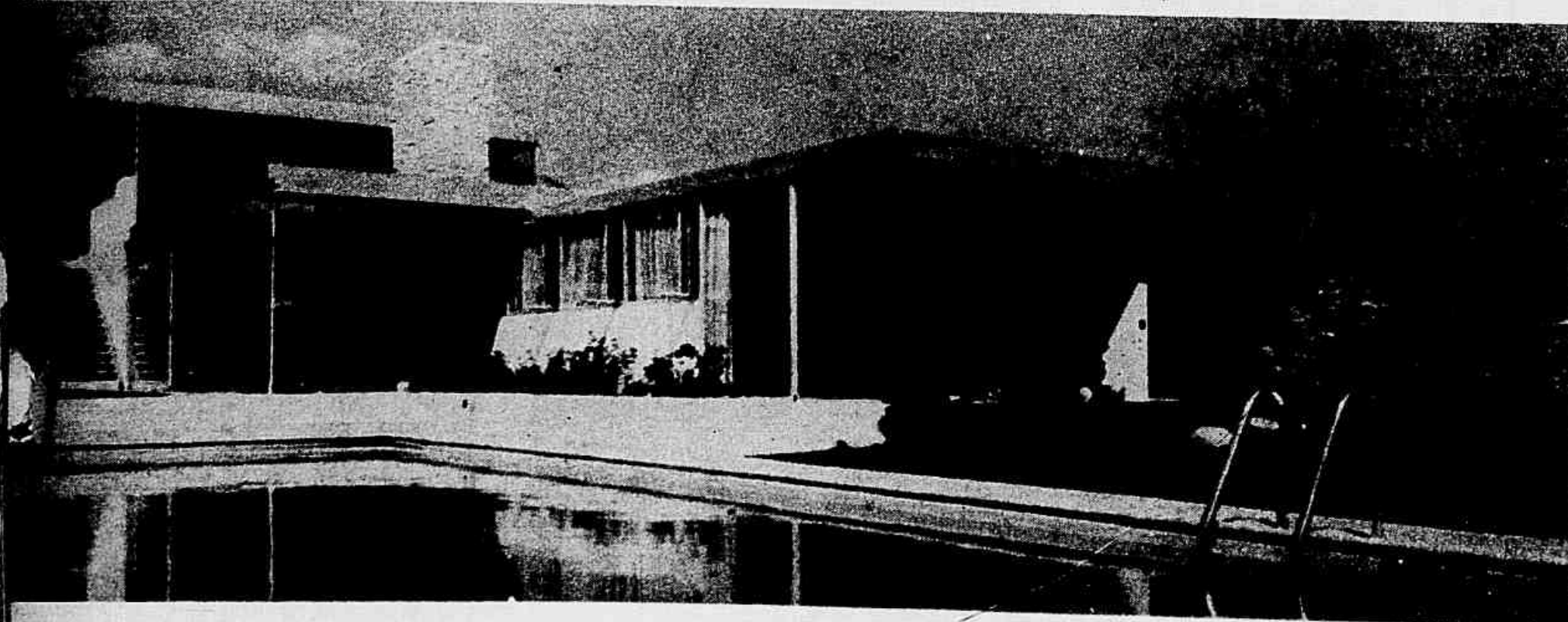


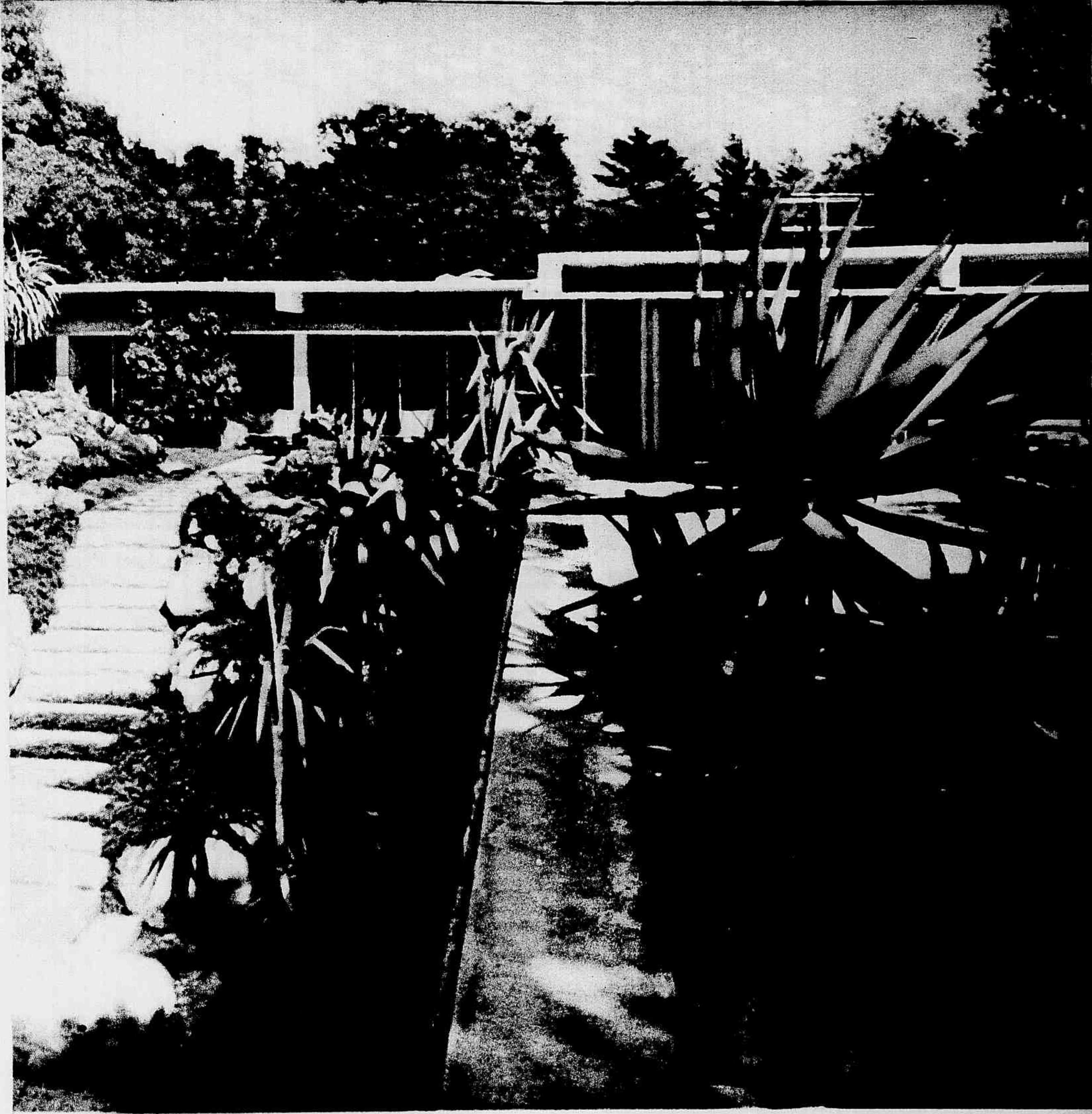
A ARQUITETURA RACIONAL OU FUNCIONAL reconduz a casa à forma geométrica fundamental e a sua habitabilidade às exigências essenciais do homem, segundo os critérios de ordem prática.



A ARQUITETURA ORGÂNICA, desprezando as formas geométricas, racionais, se inspira em modelos orgânicos, encontrados na natureza. Possui um caráter mais humano e apresenta maior simplicidade.

Texto de LUIZ SODRÉ

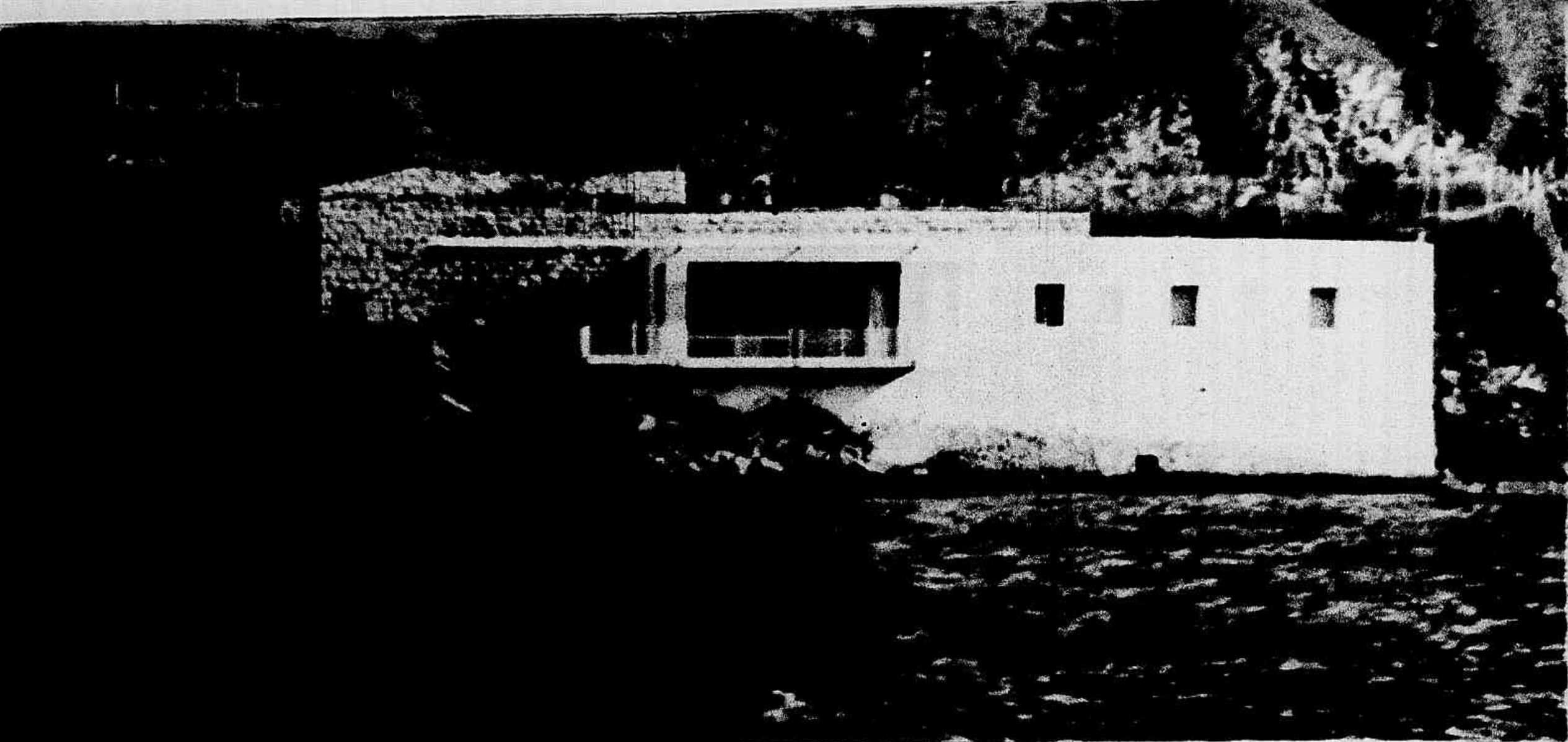




RICHARD NEUTRA

austriaco, realizou sua primeira experiência com a «Bauhaus» e tomou parte no movimento racionalista iniciado por Walter Gropius, na Alemanha logo após a Primeira Grande Guerra. Transferiu-se em 1923 para os Estados Unidos, trabalhou durante um ano com Wright e estabeleceu-se definitivamente na Califórnia. O ambiente e as experiências adquiridas no Novo Mundo influíram profundamente sobre ele e modificaram, em parte, a sua arquitetura. Na realidade o seu racionalismo originário perdeu a rigidez e temperou-se com elementos orgânicos: as suas casas se articulam perfeitamente na estrutura, ambientam-se e se fundem com as paisagens circundantes mediante o emprego de materiais variados e coloridos. Neutra aceita os sistemas americanos de pré-fabricação. As duas vivendas que aqui aparecem

pertencem ao último período da sua produção. A casa de Montecito (na foto acima) construída junto à praia de Santa Bárbara, na Califórnia, está integrada numa magnífica paisagem. As suas amplas vidraças permitem que do interior se contemple o espetáculo da natureza. A «casa do deserto» (na foto ao lado) foi construída no deserto do Colorado ambiente naturalmente hostil e afastado dos centros populacionais, mas riquíssima de sugestões. Neutra criou ali um oásis de água e de civilidade, empregando ar condicionado e erguendo uma ampla piscina. A água em meio ao terreno árido, tornou-se o elemento dominante. Junto, Neste ponto pode-se dizer que Neutra deu consistência à miragem. É considerado um grande chefe de escola e uma das maiores expressões da arquitetura contemporânea.



GIULIO MINOLETTI

milanês, assistente da Escola Politécnica de Milão, especializado em aparelhamento de navios, trens e aviões, se dedica particularmente à urbanística e a construções civis. Pertence à escola racionalista, mas emprega uma grande variedade de materiais das mais diversas cores. Esta sua vivenda no Lago de Como, possuindo praticamente um único vão, foi inserida neste barranco com um critério orgânico de ambientação. A enorme vidraça permite uma fusão do exterior com o interior do conjunto.

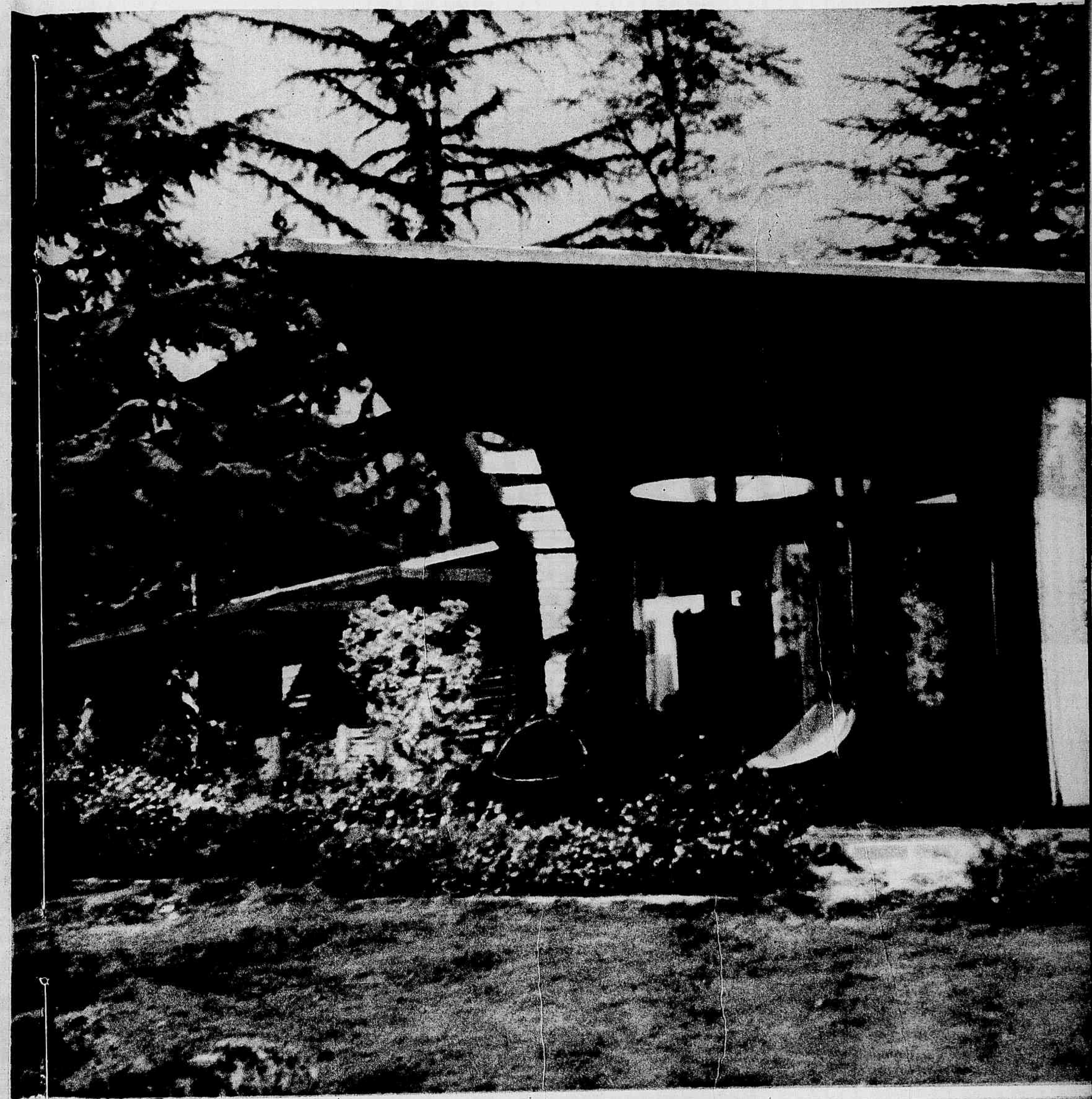


AS MAIS BELAS VIVENDAS DO MUNDO



GIAN PIETRO e ANNA MONTI

formam uma família de arquitetos que trabalham com a inteligência unitária de um único artista. Anna Monti é esposa de Pietro, que é irmão de Gian Emilio. São conhecidos simplesmente como «Os Monti». Esta casa, na qual residem, em Piona, com os fundos para a montanha, é considerada um dos mais belos exemplos de arquitetura moderna.



ALBERTO MAZZONI

também de Milão, arquiteto do mais fino gosto, tendo assimilado profundamente as modernas experiências, dá livre expansão à sua fantasia, conseguindo resultados originais. Esta residência de Lucchesia, encravada na colina de Camaiore a ponto de quase se fundir com a linha doce e clássica da paisagem toscana, revela certas características da arquitetura orgânica.

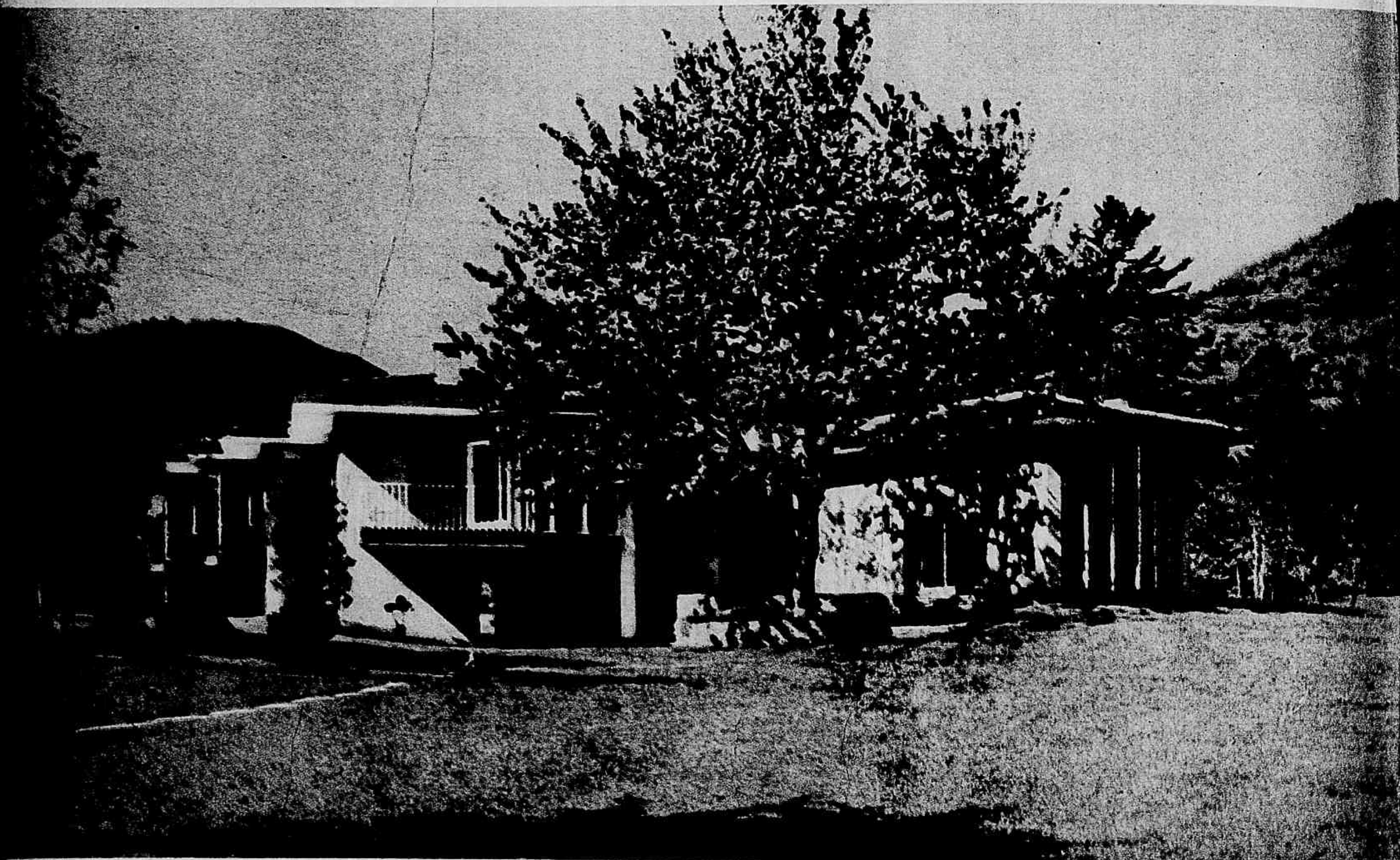




LUIGI FIGINI e GINO POLLINI estão também entre os principais seguidores do movimento racionalista na Itália desde o início, em 1930. Figini é milanês e Pollini, de Rovereto. Ambos foram fundadores do «grupo dos 7» e da revista «Quadrante», iniciativa que se propôs difundir os princípios racionalistas na Itália. Esta casa experimental, construída em 1933 no parque da «V Trienal» e logo depois demolida, é a expressão mais pura dos seus princípios teóricos e representa um exemplo clássico da arquitetura racional.



AS MAIS BELAS



IGNAZIO GARDELLA milanês, professor da Faculdade de Arquitetura de Veneza, dedicou-se à urbanística e às construções civis e assistenciais. A sua casa em Lesa que aqui vemos, conserva os motivos arquitetónicos da tradicional casa de campo. Surge isoladamente no meio de um prado declinando sutilmente para um lago. A planta da casa está articulada de maneira a consentir a formação de dois pátios. A arte de Gardella se distingue pela composição equilibrada dos elementos, pela atenção que dedica às particularidades e pela concepção limpa e confortável do todo.

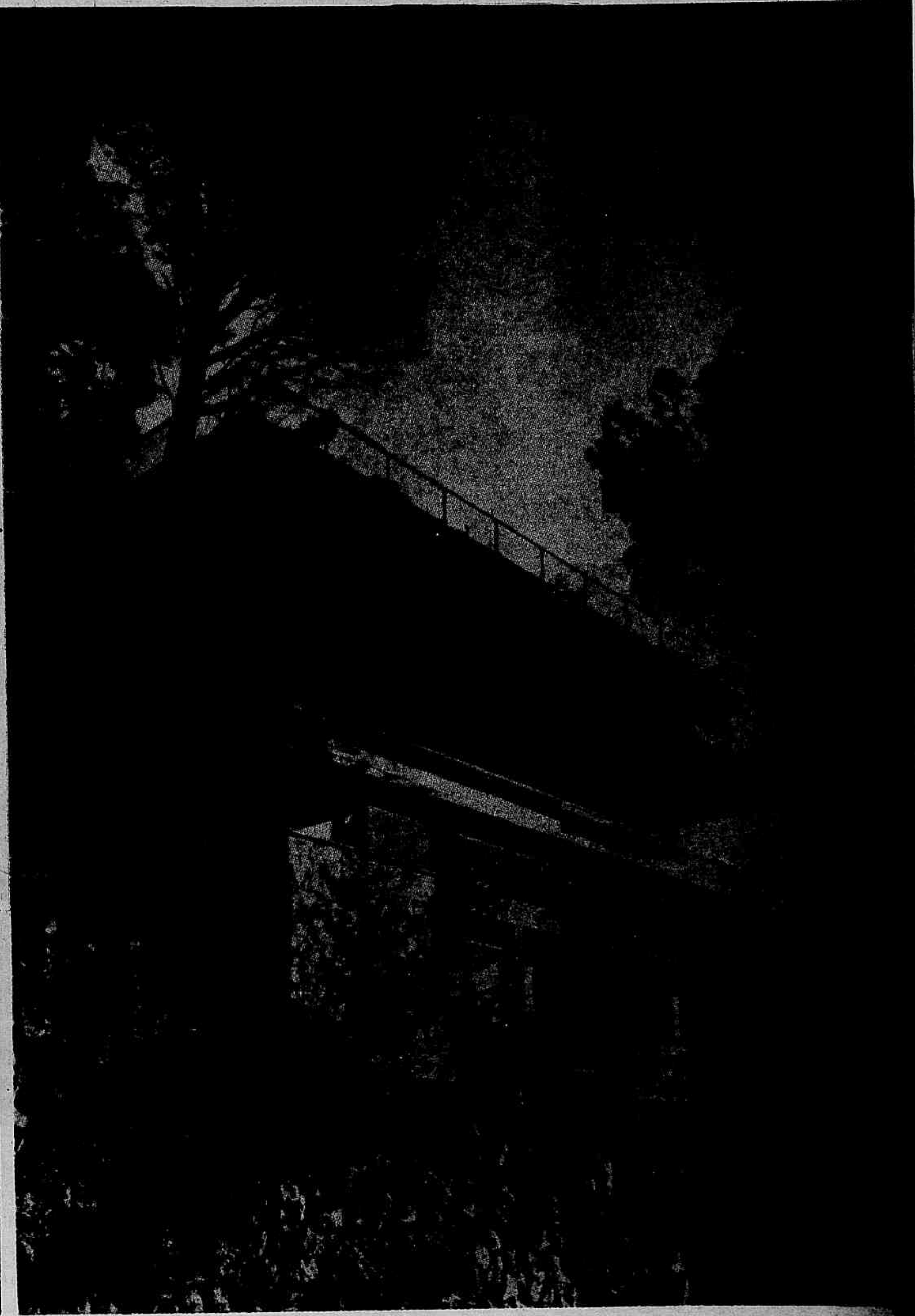


VIVENDAS DO MUNDO



VINCENZO MONACO e AMEDEO LUCCHICENTI

com escritório em Roma, ocupam-se do ramo civil da arquitetura. Esta casa, situada numa das mais belas posições da capital italiana, na vertente do Monte Parioli, abrange do seu terraço uma paisagem ampla e sugestiva, de Monte Mário até São Pedro. A casa emerge de um terreno onde se situa-se harmonicamente entre os famosos pinheiros de Roma, inspiradores de belíssimas composições poéticas e musicais, como uma forma natural do seu ambiente próprio. As cores empregadas nesta construção são tradicionalmente romanas: o amarelo e o vermelho, de tonalidades quentes. Os terraços, cujas linhas dominam o resto do conjunto, são os pontos de maior beleza.

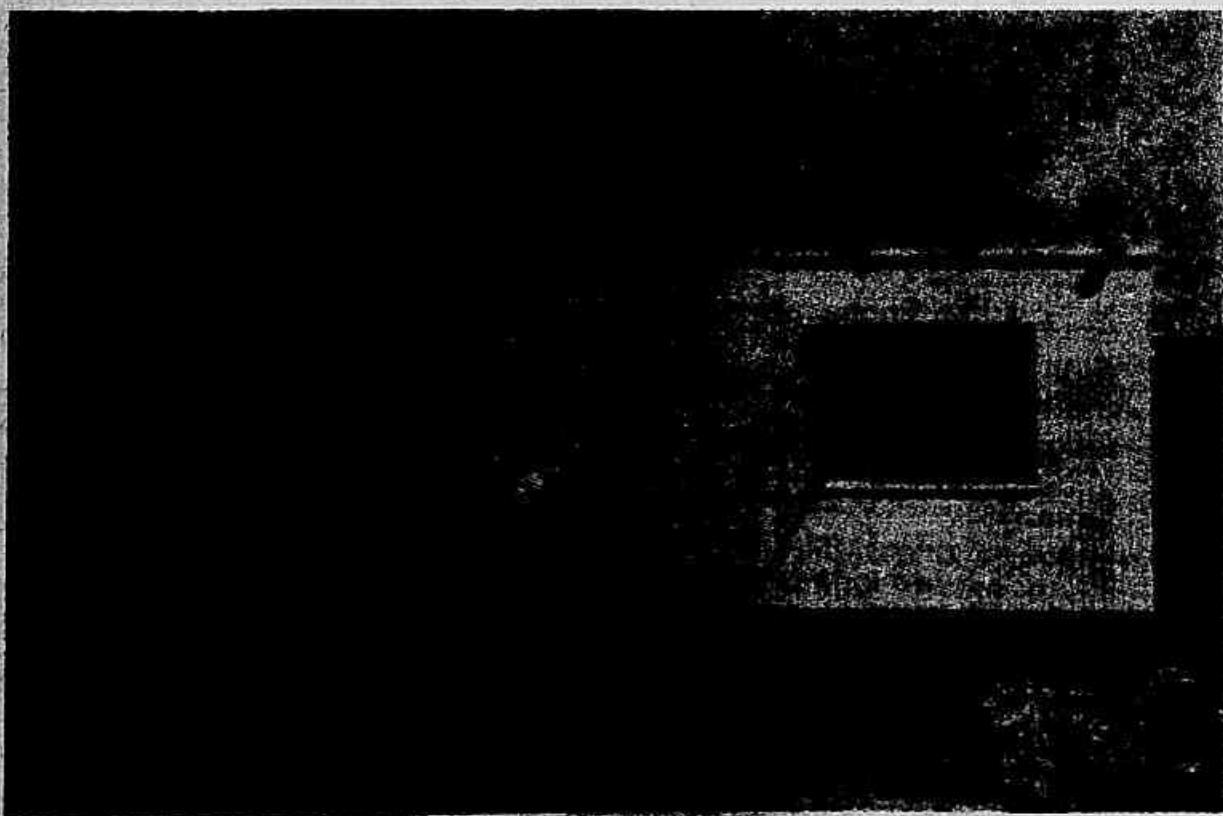


FRANK LLOYD WRIGHT

o criador da arquitetura orgânica, nasceu nos Estados Unidos em 1869. Durante os anos da juventude, a arquitetura do seu país não passava de uma simples tributária das correntes europeias e acolhia o ecletismo ortocentista. Wright inspirou-se em outras tradições e buscou horizontes mais amplos em que motivar a sua arte. Estudou a arquitetura japonesa, a egípcia antiga e a dos incas. E foram esses elementos de origens diversas, e de caráter heterogêneo que formaram o seu estilo, unitário, pessoal, inconfundível e, sobretudo, de espírito moderníssimo. Wright é antes de tudo, um filósofo e um profeta da sua própria arquitetura, dado o significado social e humano que procura imprimir a ela, e acompanha a sua obra de arquiteto com artigos polêmicos, livros autobiográficos e uma contínua pregação. A sua casa em Taliesin, no deserto do Arizona (à esquerda, embaixo e à direita), é mais que uma residência pessoal: — é o cenáculo experimental onde ele leva uma vida de cenobita da arte. Entre a vasta produção de Wright a «casa da cascata» (no centro, à esquerda), obra prima da arquitetura orgânica, é uma de suas mais notáveis construções.



AS MAIS BELAS



WALTER GROPIUS

alemão emigrado para os Estados Unidos, ensinou na Universidade de Harvard. Foi o idealizador e o fundador da famosa Bauhaus, movimento do qual se originou o racionalismo. Esta sua residência (foto acima) em Massachusetts.



MARCEL BREUER

também alemão e professor da Universidade de Harvard, é discípulo e colaborador de Gropius. Esta vivenda em New Cannan, em estilo racional, possui paredes de madeira, a fim de se harmonizar com o ambiente.



VIVENDAS DO MUNDO



OSCAR NIEMEYER

o mais famoso arquiteto brasileiro, elabora a sua arte nos moldes da arquitetura racional de Le Corbusier. Entretanto, suas criações contêm elementos do folclore local. Aqui vemos a sua residência particular.



ALVAR AALTO

finlandês, tenta conciliar a arquitetura racional com a vida humana. Esta casa de 1936, situada nas proximidades de Jyväskylä, é um exemplo de sua arte.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

"Mil" lhe oferece:

PARACHUVAS *Super Luxo*
colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

SEM COMPROMISSO

(continuação da pág. 28)

Na fachada de uma loja, em Londres, se lê: «para qualquer informação telefonar para Cairo 28-15.» O número do telefone pertence ao próprio Nasser, e a loja (fechada), servia como Escritório de turismo Egípcio em Londres



Os construtores da Vespa (motocicleta que é a nova coqueluche do mundo), estão pensando em construir uma pequena viatura de 4 rodas, ao preço aproximado de 500 dólares. Antes da construção (ou mesmo do planejamento), os pedidos já estão chegando.

Os americanos consumiram em 1956, 4 litros de vinho por cabeça.

Houve uma reunião dos arquitetos russos. Decidido: Nada de arabescos, de rococó, de espaço perdido. A ordem agora é arquitetura simples e funcional.

Faltou água durante 15 dias na Fortaleza de Gilbratar. Um navio cisterna de 10 mil toneladas foi em socorro da fortaleza.

O marido de Elizabeth Taylor, o produtor Mik Todd está pensando em comprar dois teatros.

As primeiras partidas do campeonato mundial de futebol de 1958 já vão ser disputadas. E o Brasil ainda nem escolheu o técnico.

Mac Lean, o cientista que «fugiu» da Inglaterra em 1951, está dirigindo uma clínica de recuperação na Ucrânia.

Julinho não pretende renovar contrato com o futebol italiano. Seu contrato terminará em Junho e ele tenciona voltar ao Brasil imediatamente, mesmo que muitos milhões lhe sejam oferecidos.



PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :

- MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS - representando 10 MILHÕES de ouvintes, deram esta resposta:

“Ouvimos a **RÁDIO RECORD** perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”

- 10 MILHÕES de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional

50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



RÁDIO RECORD
PRE 9
* a Maior

* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da **RÁDIO RECORD** — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.



Beleza, ainda não firmou definitivamente seu
retrato como tecton. Mas, ao mesmo tempo,
um homem sinistro. De olhos escuros, com os
lábios e o nariz em apertado, cujos traços

**BRANDÃO, TÉCNICO DO
SELECIONADO BRASILEIRO**

ZIZINHO AINDA É INSUBSTITUÍVEL

**O DISCUTIDO TÉCNICO' PAULISTA, FALA COM
FRANQUEZA E SINCERIDADE ★ ABSURDO CON-
SIDERAR O JOGADOR DE 30 ANOS LIQUIDADO
PARA SELECIONADO ★ ACHA QUE NÃO FALTOU**

**NEM SOBROU NINGUÉM NA EQUIPE QUE FOI A
LIMA ★ FALTA PLANEJAMENTO AO FUTEBOL
BRASILEIRO ★ BRANDÃO FALA DOS ADVERSÁ-
RIOS, MAS NÃO QUER FALAR DOS JOGADORES**

Reportagem de LUIZ AMARAL

Só sou malcriado com quem é malcriado comigo. Se me tratam bem sei retribuir a gentileza. Se me tratam mal respondo no mesmo tom de voz. Trato a todos como qualquer indivíduo civilizado, mas não tolero que me maltratem. Com ares de superioridade, ninguém conversa comigo, pois tenho o direito de falar com quem eu bem entender — sem rodeio ou meio termo. Isso é o que o treinador Osvaldo Brandão declara à reportagem da REVISTA DA SEMANA, na última entrevista concedida antes do seu embarque para Lima, à frente da seleção brasileira.

Com a franqueza que sempre caracterizou os seus atos, adianta o técnico bandeirante:

— Sei que falam mal de certas atitudes minhas. Chamam-me de in-tratável. De malcriado. Esquecem-se, porém, que sou um homem sin-cero, disposto a pagar na mesma moeda tudo aquilo que me fazem. Se maltratei alguém foi porque esse alguém mereceu isso de minha parte. Por exemplo, na crônica carioca e paulista tenho excelentes ami-gos, gente que sabe se aproximar de um sujeito honesto e tratar, sem-pre, no terreno da lealdade.

POR QUE ZIZINHO NÃO PODE JOGAR?

Sem quase ligar para o vaivém do aeroporto e às despedidas dos torcedores, Osvaldo Brandão vai respondendo às nossas perguntas:

— Por que Zizinho não pode jogar mais na seleção? Acho engraçado o que falam por aí! Diga-me uma coisa: Zizinho não é o maior? Zizinho não é o «team» do Bangu inteiro? Zizinho não é o que ganha todos os jogos do Bangu? Então porque não pode jogar mais na seleção?

Ele próprio explica:

— Zizinho pode continuar jogando no selecionado nacional. Se lhe falta condição física para correr os noventa minutos, no quadro ban-güense, podemos prepará-lo para correr setenta minutos no «scratch». Entre jogadores que, teoricamente, se equivalem em valor técnico, seu esforço será muito menor. Creio que ainda lhe sobram energias após os noventa minutos. Depois tem uma coisa muito importante que desejo frisar: precisamos acabar com essa história de que jogador de mais de trinta anos de idade não pode formar em seleções. Autêntico absurdo. O ponteiro Cláudio já passou dos trinta e, sem favor algum, achei in-teressante convocá-lo e levá-lo para o certame de Lima. Joga muito bem, é experimentado e me será de grande utilidade no curso do campeonato. Quanto a Zizinho sei que ele tem futebol para muito tempo ainda. A não ser que pretenda parar ainda em plena forma técnica, com tôdas as virtudes peculiares aos craques de exceção.



Zizinho provou que ainda é um elemento precioso para o «scratch» brasileiro. E sua atuação no primeiro jogo, em Lima, demonstrou que Osvaldo Brandão estava certo.

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

**EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO**

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



**ZIZINHO AINDA É
INSUBSTITUÍVEL**



NÃO FALTOU NEM SOBROU NINGUÉM

— Faltou alguém no selecionado?

— Não faltou nem sobrou ninguém. Está tudo como deveria estar. Convoquei os nomes certos. Poderia chamar quem bem eu entendesse e se não coloquei mais alguém na lista foi porque não me interessava. Também posso acentuar que estou satisfeito com o plantel que levo. Em todos os depósitos inteira confiança. Parto tranquilo, sem preocupação de espécie alguma. O apoio que dos componentes do plantel tenho recebido desde o dia do primeiro treino é qualquer coisa de fenomenal. Não há distinção a fazer entre cariocas, paulistas, mineiros e gaúchos. Existe uma só família.

NEM ALTOS NEM BAIXOS

— Qual o ponto alto do «scratch»?

— Não posso dizer, infelizmente. Questão de norma. De ponto de vista. Essa é uma observação que faço, exclusivamente para mim. Para meu uso pessoal. Sou técnico, tenho de agir dessa maneira. Vocês, comentaristas é que vão dizer qual ou quais os pontos altos e baixos da equipe. Deixo de informar à imprensa essa parte por considerar de suma importância no bom andamento do meu trabalho. Poderia criar problemas para os próprios jogadores. Problemas de ordem psicológica. Eles tomariam conhecimento das minhas declarações e dariam a interpretação que entendessem. Nada disso. Nada de pontos altos nem baixos. Só a minha consciência sabe onde estão os defeitos e as virtudes do selecionado, defeitos e virtudes por mim observados.

TREINAMENTO CURTO.

Sobre o tempo que lhe deram para preparar o selecionado, declarou Brandão:

— De fato o tempo foi muito curto. Não se poderia fazer mais, dentro de um prazo desse. Todavia, quero deixar bem claro que não responsabilizarei a falta de tempo, em caso de fracasso em Lima. Não tenho hábito de fugir à responsabilidade. Apenas desejo dizer que não se pode fazer muita coisa em tão curto espaço de tempo. A Copa do Mundo de 1950 é bem um exemplo de que, com um prazo dilatado, se pode preparar uma representação cheia de virtudes. Há material humano capaz no futebol brasileiro. Motivos imperiosos, porém, não permitem que o selecionador trabalhe seus pupilos o tempo necessário para formação de uma equipe. Faz-se tudo em cima da hora. Pensando já na semana seguinte, no jogo de estreia marcado para dentro de mais alguns dias.

SEMPRE OS MESMOS PERIGOS

O preparador fala, agora, dos adversários:

— Quais os mais perigosos? Os mesmos que conhecemos desde que futebol é futebol. Argentinos, uruguaios, chilenos, paraguaios. Os próprios peruanos que estarão atuando em seus domínios, com campo, torcida, clima, ambiente, tudo a favor. Uns mais perigosos que os outros, conforme o dia, conforme a inspiração do momento. De minha parte respeitarei todos. Basta o exemplo do «match» de estreia dos uruguaios dias atrás. Só no segundo tempo resolveram a partida. Os «fracos» souberam «endurecer».

Quem luta num centro esportivo como São Paulo, onde o campeonato é disputado por quase duas dezenas de concorrentes, não pode folgar em favoritos, nem «grandes» e «pequenos». Os peruanos se não inspiravam respeito a ninguém, devem, agora, amedrontar meio mundo.

NÃO HA COMPARAÇÕES

— Seria possível uma comparação entre o atual selecionado e o que participou do último campeonato sul-americano, em Montevideu?

— Não. Absolutamente não. Também não é de meu feitio. Não faço comparações para você nem para ninguém. Jornalista nenhum conseguirá isso de mim. Se publicarem qualquer coisa a esse respeito, desminto. Sei bem o que é jogador de futebol. Qualquer comparação entre eles é prejudicial. Como treinador e responsável pela conduta dos homens sob minha guarda não tenho o direito de prejudicá-los para agradar a outros.



NO MUNICIPAL

◆ No flagrante à esquerda vêem-se o dr. Jair Rêgo de Oliveira, diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil e sua exma. esposa assistindo de sua frisa ao desenrolar do maravilhoso baile que se realizou num ambiente de requintada alegria e invulgar entusiasmo. Em baixo, aparecem o cel. José Alberto Bittencourt, diretor geral dos Correios e Telégrafos, a jornalista Cora Lopes e o dr. José Moacir Lamarca, tesoureiro geral da Central do Brasil.



NO CLUBE DO VASCO DA GAMA

◆ A menina Valnia Ribeiro Medeiros, com a fantasia «O Cavalheiro da Rosa», obteve a 3ª colocação no concurso do baile infantil do Clube de Regatas Vasco da Gama, durante o Carnaval deste ano.



O PENSAMENTO

(Continuação do número anterior)

Saber concentrar-se em determinado assunto, dando asas à imaginação, com o objetivo de dissecá-lo, descobrindo nêle todas as nuances, toda a multiplicidade de aspectos, as diferentes formas de interpretação, as prováveis revelações ocultas, as intencionais ambigüidades, as modalidades sofisticadas, é um exercício de excepcional importância para a obtenção de um conhecimento claro acerca do que for submetido a tal exame.

No caminho, porém, desta conquista, entra uma particularidade imprescindível e valiosa que é o controle de si mesmo, para não intervir na apreciação dos fatos as suas simpatias, o interesse egoísta, a alimentação da vaidade, a presunção e o convencimento, a visão unilateral e o partidário preconcebido, todas estas, obtusas, deformadas e defeituosas interferências na ciência de raciocinar.

O pensamento construtivo, progressista, realizador, útil ao Todo, precisa ser límpido, escoimado de todas as deformidades espirituais, ocasionadas pelo desmetodizado viver, pela idolatria do ego, pela pressuposta infalibilidade de conceitos, os quais, de ordinário, conduzem os seres ao fanatismo das idéias fixas.

É comum dizer-se que a união faz a força. Esta asserção é tão verdadeira no sentido material como no espiritual. Por isso a questão de ambiente é de suma relevância para o bem estar do espírito. Vários indivíduos de má índole e inferior educação, religados uns aos outros e a terceiros por pensamentos afins, produzem um agrupado de vibrações mais perniciosas à coletividade, do que as que forem emitidas apenas por um deles. Daí a necessidade que há de cada indivíduo saber preparar-se, mentalmente, quando tiver de enfrentar um mau ambiente.

Nestes casos, é o pensamento vibrado com sabedoria e consciência o meio melhor de que se servirá aquele que se encontrar à frente de tal situação.

O vigor do pensamento emitido por uma criatura de mental são e esclarecida, cresce na medida das necessidades do momento, supera qualquer ordem de pensamentos inferiores, pelo contacto que se estabelece com a Força Universal, cuja potência é infinita.

A força do pensamento limita-se ao estado de evolução espiritual do indivíduo ou à capacidade que este possui de utilizar-se dos seus atributos espirituais. Dever-se-á desenvolver a força do pensamento sempre com o objetivo de favorecer o bem comum. Desde que o indivíduo cresça na consciência de si mesmo, identificando-se com as suas poderosas faculdades latentes, há de encontrar, na força do pensamento, o meio eficaz para a conquista de todas as suas elevadas aspirações.

Convenientemente desenvolvida, a força do pensamento pode proteger a saúde física e mental; ela constitui um ímã de atração para os benéficos eflúvios reconstituintes e estimulantes que as Forças Superiores prodigalizam e de que se servem os seres de boa vontade, animados de altos e firmes propósitos.

A sublimação do pensamento produz um estado de consciência sensível à evolução do espírito e propício à conquista da felicidade relativa. O espírito cria a imagem mental por meio do pensamento, e depois é que a materializa para determinado fim. Tudo quanto é visível aos olhos humanos, para só mencionar este particular, é materialização de imagens do pensamento.

A beleza de uma flor, a magnificência dos pássaros com as suas ricas plumagens, a maravilha do organismo humano, são imagens materializadas do Pensamento; atente-se de que forma admirável estão combinadas as funções dos órgãos do corpo carnal; uma só que não correspondesse aos seus fins, ou que fôsse omitida, seria bastante para que essa máquina engenhosa não funcionasse; mas funciona, e bem, porque o pensamento que lhe deu origem penetrou todos os pormenores da imagem mental, alcançou todas as minúcias, desceu às menores particularidades; é o exemplo de uma concepção completa, decorrente da concentração de um pensamento claro, límpido, nítido, perfeitamente definido.

O pensamento forte emana de um espírito forte, adestrado, experiente; todo o espírito, na rota da sua evolução, trabalha, em cada encarnação bem aproveitada, para fortalecer a sua constituição psíquica. Na ordem deste progresso cresce o poder do pensamento e com ele a capacidade promotora das realizações.

Das riquezas espirituais que a criatura tem de conquistar neste planêta, para alcançar o preparo indispensável à consecução de outros mistérios, cada vez mais redundantes em proveito coletivo, destaca-se esta preciosa faculdade de pensar com penetração e em sequência, concentradamente, de modo a abranger todo o panorama da questão em estudo.

Este pensar conciso, dedutivo, de desenvolvimento conseqüente é o raciocínio e pelo reconhecido valor deste é que sobressai a capital importância reservada ao pensamento, no desdobramento dos princípios racionalistas cristãos.

(Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»)

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e droguarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintina Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100.00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135.50
Por Vale Postal Cr\$ 125.50

Ha quasi
UM SÉCULO

MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO

Calçado
SOUTO



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

PÁGINAS DO GALO BRANCO

ÚLTIMAS PALAVRAS A WOLFF KLABIN

● Não poderia eu deixar que partisses, sem dizer-te algumas palavras de adeus, meu amigo querido. Agora, os elogios, o reconhecimento das tuas virtudes, das tuas qualidades, não te farão mais sofrer. Eras um homem que se afligia toda vez que te destacavam, que te apontavam como um exemplo, que te louvavam. Pretendias atravessar o teu tempo neste planeta sem provocar rumores, o mais silenciosamente possível, velado, secreto, oculto. E feriam o teu pudor e o teu escrúpulo quando diziam de ti o que merecia fosse dito, quando te ofereciam como modelo, quando proclamavam as tuas virtudes, quando divulgavam o bem que fazias ao teu semelhante, os teus gestos de solidariedade humana.

Tiveste nobres e puras compensações nesta peregrinação terrestre. Tua família te seguiu o exemplo, os teus filhos te honraram; os teus amigos te amavam; o Senhor te concedeu o favor de encontrares a companheira perfeita para todas as horas, a amiga incomparável para os transe difíceis. Mas não lograste o que sempre foi tua ambição: fazer o teu percurso despercebido. Tua modéstia, tua humildade, o teu comportamento de homem privado e de homem público — porque foste um homem público completo e raro nas tuas realizações e teu profundo sentimento de justiça; o teu critério, o teu bom julgamento sobre as coisas, a tua tolerância, a tua compreensão, a tua probidade, todos os teus raros predicados, traíram e venceram a tua aspiração de caminhar sempre do lado onde não se reflete a luz solar.

Contra o teu desejo e para a tua aflicção, te tornaste conhecido e te indicavam como um chefe e um modelo. A mim mesmo, quantas vezes pediste e até impuseste silêncio e esquecimento para teus contínuos atos bons, para as tuas obras de assistência, para as tuas intervenções salvadoras e generosas. Não faltavas sempre que a aflicção perseguia os teus amigos e até mesmo os que não o eram. Ninguém, meu querido Wolff, foi tão pontual como tu com os necessitados, com os exilados, com os que pediam. Não sei se haverá

algo de mais perfeito como virtude e de mais difícil de encontrar-se, do que a paciência com os que precisam, com os que estendem as mãos na mortificação, na agonia, no naufrágio. Ouvias confissões, apelos, pedidos e não te apressavas em despedir fosse lá quem fosse. O Senhor te exaltará porque não regateaste o teu tempo precioso com os que recorriam à tua caridade, e ao teu amparo.

Posso jurar que nem um só dos muitos que te procuraram nas horas de perseguição e miséria, bateu em vão à tua porta. Amavas servir e jamais ser servido. Ninguém mais do que tu, enfrentou a tentação do dinheiro. Chefe de empresas poderosas, te portaste sempre como quem não tem apêgo aos bens terrenos. Dizendo que possuías alma de pobre, estou certo de que assim toco no grande mistério da tua personalidade, no próprio coração da tua virtude.

Eras um homem de paz; um homem de boa vontade, lutavas por um mundo melhor com as armas da paciência, da prudência, da humildade, da bondade tão mais discreta quanto mais atuante.

Eras um operário da paz, da harmonia entre os homens, do entendimento geral.

Estavas entre os seres que testemunham com a sua presença a favor da origem divina do homem.

Agora — perdoe-me mas, não foi, não é possível obedecer ao teu comando que impunha silêncio e discrição em torno de tua pessoa e os teus atos. Sinto que é um dever proclamar e revelar o que foste. Estavas entre os raros que renovam as esperanças num mundo melhor, mais justo e mais nobre. Tua lembrança servirá à luta interminável pelo enobrecimento e à concórdia das relações entre os seres criados à imagem e semelhança do Autor e Pai de todas as coisas, em cujo seio agora achaste a Paz que sempre e incansavelmente serviste.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



Augusto Frederico Schmidt e seu amigo Nêgrão de Lima assistindo a um espetáculo de ritmos populares.

Mauro Braga apresenta

PERSONAGENS DA VIDA BRASILEIRA

LOURDES CATÃO JÁ DEVE ESTAR CANSADA DE SER SEMPRE «A MAIS BONITA SENHORA PRESENTE» ★ FERNANDO FERREIRA, SINCERO, LEAL, INTELIGENTE, AGRESSIVO E ALÉRGICO À BURRICE ★ HILTON SANTOS E A SUA EXTRAORDINÁRIA CAPACIDADE DE NÃO FAZER NADA ★ GILKA SERZEDELO MACHADO, MISTURA DE PEGA-FOGO (DE JULES RENARD) E DE GRANDE DAMA DO IMPÉRIO ★ EDMUNDO DA LUZ PINTO RESISTIU À TENTAÇÃO DO PODER, À SEDUÇÃO DA IMPORTÂNCIA E À SATISFAÇÃO DA ARROGÂNCIA ★ EUNICE, BELEZA SIMPLES, TRANQUILA, SIMPÁTICA E UM EXCELENTE PAPO VARANDO MADRUGADAS

EUNICE MODESTO LEAL

● Quando Jeff Thomas diz que a beleza de Eunice Modesto Leal é realmente suspense, não está exagerando um pouquinho sequer. E se juntarmos a essa beleza, uma simplicidade total, um admirável senso do que lhe vai melhor, e uma simpatia enorme, estará completo o seu retrato. (Vejam na foto como a sua beleza brilha mais do que a careca de Yul Brynner.) Os gostos, as preferências, e os hábitos de Eunice já foram cantados quase que em verso e prosa, pois ela é dos elementos mais citados do "society". É personagem de todos os columnistas e consegue o que é hoje quase uma façanha: reunir na mesma sala, no mesmo ambiente, na mesma festa Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued. Casada com o banqueiro e ex-play-boy (verdadeiro) João Modesto Leal, também famoso pelos seus milhões e pela sua extrema simpatia, Eunice gosta de dirigir seu próprio carro (tem preferência por Cadillac), já gostou de jogar cartas, mas há pouco mais de um ano, tem uma paixão que lhe vai consumindo horas, minu-

tos e segundos: o jovem João Leopoldo Jr. Dizem que qualquer marmanjo metido a corredor, que "topar" numa estrada com Teresa Souza Campos (no seu Packard) e Eunice (na sua Cadillac), vai chegar em modestíssimo terceiro lugar, mesmo que esteja numa Ferrari ou Masserati. Em suma: Eunice Modesto Leal é bonita, simples, elegante, perfeita anfitriã.

A beleza, os gostos e as preferências de Eunice Modesto Leal — Fernando Ferreira, um dos maiores conversadores e um dos homens mais inteligentes do "society" carioca — Gilka Serzedelo Machado: mistura de "Pega-Fogo" e da dama antiga, com um potencial enorme de ternura — Edmundo da Luz Pinto resistiu à sedução do poder, à tentação da importância e à satisfação da arrogância — Hilton Santos e sua extraordinária capacidade de não fazer nada — Lourdes Catão eternamente "é a mais bonita das senhoras presentes".



PERSONAGENS DA VIDA BRASILEIRA



HILTON SANTOS

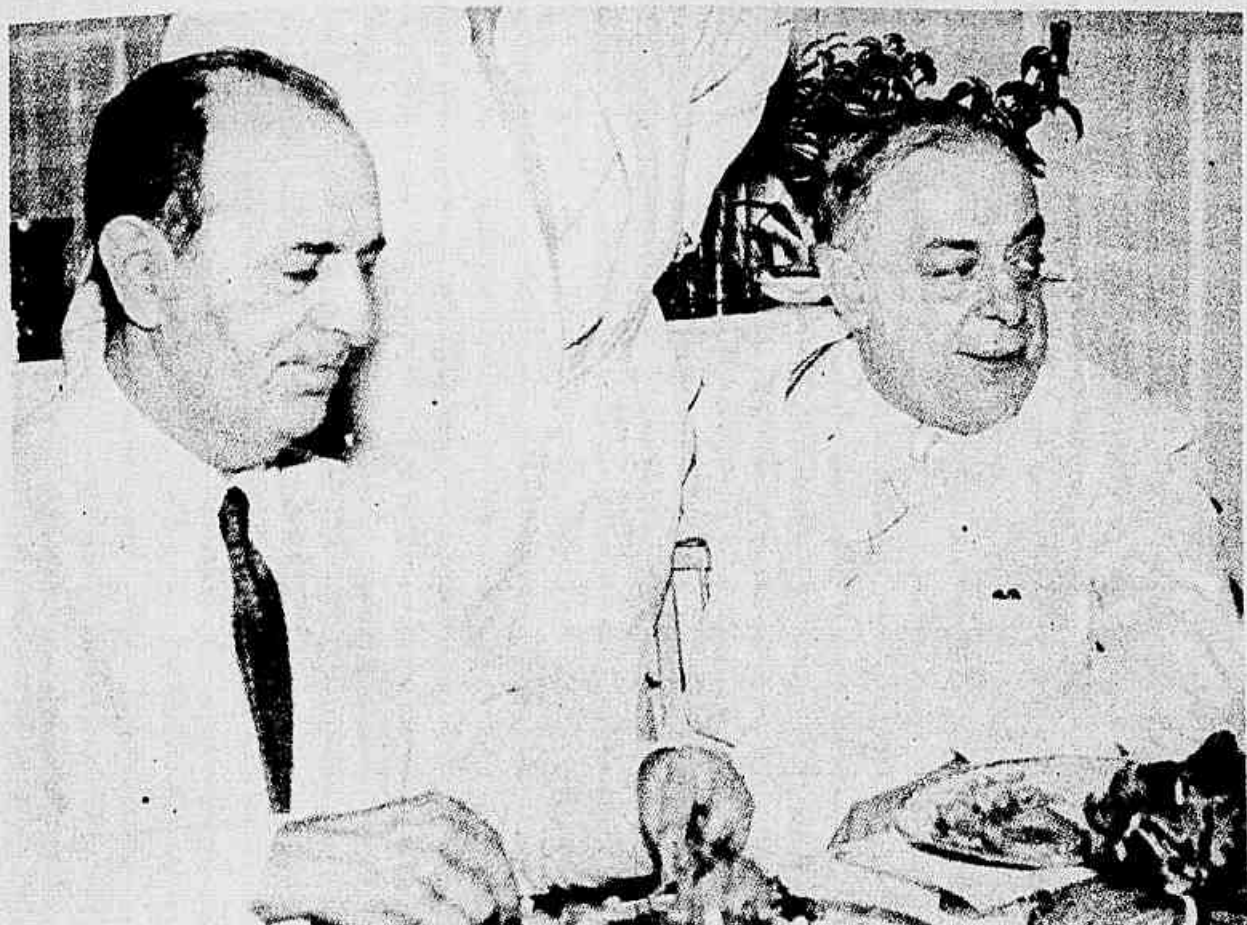
● Pela segunda vez o sr. Hilton Santos foi eleito Presidente do Flamengo. E se há coisa que ninguém lhe nega é a fidelidade ao seu clube. Há quase 30 anos que milita nêle, primeiro como simples e obscuro sócio contribuinte, depois como proprietário e finalmente como Presidente e líder de correntes poderosas. Mas se na vida de clube tem acumulado êxitos incontáveis, essas vitórias têm lhe faltado na vida pública, onde tem amargado derrotas e acusações também sem conta. No IAPTEC fêz uma administração calamitosa, e as restrições que lhe fizeram passaram da simples acusação, tomaram a forma de um volumoso processo, cheio de coisas de estarrecer. E essas coisas estarreceram de tal maneira o Ministro do Trabalho do sr. Café Filho que êle não teve dúvidas em pedir ao Presidente que transformasse a exoneração a pedido do sr. Hilton Santos (ocorrida em 50), em "exoneração a bem do serviço público". A modéstia de vida do sr. Hilton Santos também sofreu a influência do cargo que ocupou no IAPTEC: passou a ostentar, a andar de Cadillac e na eleição de Deputado, em 1950, gastou uma fortuna, o que não impediu que fôsse fragorosamente derrotado.

A grande preocupação de sua vida, tem sido encher as 24 horas do dia com a sua extraordinária capacidade de não fazer nada. Preocupação e capacidade que levará certamente para a Presidência do Flamengo. E na sede do Jôquei Clube, em companhias doces, amenas e também desligadas dos-que-fazeres vulgares, tem encontrado um cenário ideal para essa sua vocação de ausência. Pessoalmente simpático, cabelos brancos emprestando-lhe um (falso) ar de austeridade, e nenhuma vocação administrativa. Muito distante e diferente (convenhamos), dos grandes presidentes que construíram a grandeza, a nobreza e o poderio do clube mais querido do Brasil.

LOURDES CATÃO

● Dizer que "Lourdes Catão foi a mais bonita das senhoras presentes" é lugar comum no qual não incorreremos, por mais que a sua beleza se atravesse em nosso caminho, ou a frase feita nos seduza. Ainda recentemente, num coquetel a que compareceram as famosas artistas do cinema, de branco (como na foto), a sra. Lourdes Catão foi presença admirável, beleza comentada, elegância esquadrinhada de ponta a ponta. Seu duelo (amável) com Tereza de Souza Campos, exigiria uma Cartier Bresson para documentá-lo nos menores detalhes. Vejam a sra. Lourdes Catão, na foto: a beleza dos cabelos, das mãos, dos olhos, o conjunto perfeito do rosto, a elegância, e depois digam se os colunistas não têm razão de insistir no lugar comum, de apelar para a frase feita, para o elogio tantas vezes repetido: "Lourdes Catão foi a mais bonita das senhoras presentes."





EDMUNDO DA LUZ PINTO

● Não vivêssemos submetidos a uma nefasta ditadura de partidos (que parece ter sido organizada única e exclusivamente para dar oportunidade a débeis mentais, pobres de espírito e desonestos), poderíamos alimentar a esperança de encontrar um dia o sr. Edmundo da Luz Pinto (à direita na foto), como Presidente da República. Teríamos então, pela primeira vez, um Presidente "causer". Um Presidente inteligente, agradável, fazendo da alegria de viver a sua religião, e vivendo apenas (e exclusivamente) para encantar e fascinar. Poucos homens (no Brasil e no mundo) terão tido o começo do sr. Edmundo da Luz Pinto. E poucos terão resistido (como ele) à sedução do poder, à tentação da importância, à satisfação da arrogância. Sua casa é um templo de bom gosto onde uns poucos iniciados, todas as manhãs, vão fazer suas orações, pedindo a Deus, como Graça Suprema, que despeje sobre o Brasil uma tempestade de inteligência, e que afoque nela os Vieiras de Melo, os Fernandes Ferrari, os Cirilos Jrs., os Beneditos Valadares e outros mais que a enxurrada possa carregar. É um homem único o sr. Edmundo da Luz Pinto. Se não tivesse necessidades materiais, se estivesse acima dos bens e males da cidade, moraria numa floresta. E aí, numa região ideal, só teriam acesso, os portadores de passaportes especiais, com uma única palavra escrita: INTELIGÊNCIA.



FERNANDO PEREIRA

● Personagem diário de Antônio Maria, Fernando frequenta também as colunas de Pomona Politis, Jean Pouchard, Jeff Thomas, Peter e Jacinto de Thormes. Só não aparece mais nas colunas de Ibrahim Sued, pois a antiga amizade foi transformada numa rivalidade perigosa e até agora irreconciliável. Fernando trabalha com armas pouco exploradas no "Society" como: inteligência, simplicidade, afabilidade, lealdade e franqueza. É magnificamente recebido, estimado e (dizem alguns), também bastante temido. Conversador emérito, e já foi dito que quando à sua roda se sentam Antônio Maria, Aluizio Salles e Nelson Batista, o segundo "seven" do slogan do Sacha's fica inteiramente desmoralizado. É bom sujeito, excelente argumentador, e não guarda mágoa (ou recalque), da fortuna que já teve e gastou com disposição. Permanece indestrutivelmente contra o casamento, apesar de por algumas vezes a sua cidadela de solteiro ter entrado em pânico e quase se rendido "às inimigas". Tem alergia à burrice e quando precisa manter contacto com algum representante dessa "nobre classe", é certo que logo depois vá para a cama, com tremeadeira e febre alta. Se a fortuna das pessoas estivesse em correspondência com as suas qualidades Fernando Ferreira teria de morar na própria Casa da Moeda. Pois a sua quase arrogância e sua agressividade não conseguem esconder as grandes e nobres virtudes que possui e a pureza de seu coração.



GILKA SERZEDELO MACHADO

● A irmã de Rosinha (a doce e linda Rosinha), é assim como o Pega Fogo, que Cacilda Beker tão bem representou no TBC. É extremamente charmosa e atraente, esteja descalça, de vestido de chita, de maiô, ou de vestido de baile numa festa das mais refinadas. Gilka Serzedelo Machado é dos mais autênticos personagens do "society" carioca. Em nenhum momento deixa de ser ela mesma, jamais (por segundos sequer) abre mão de sua personalidade, se confunde com o ambiente, encarna ou se integra num papel que não o próprio. Sua exuberância, sua autenticidade, seu riso, sua fala, seus ditos, têm um tom extremamente pessoal e incomparável. Não conheço ninguém que inspire tanta ternura e, (curioso), quase menina Gilka me lembra aquelas senhoras do Império e da Primeira República (que eu só conheci de fotografias), que davam a impressão de domínio, de fascínio, de seriedade, mas que possuíam uma inextinguível compreensão.



A MOÇA DA SEMANA

Rosita Lopes que, apesar de seu anunciado noivado com o cantor Francisco Carlos, abandonando por conseguinte o teatro, continua mesmo é indo tôdas as noites p'ra Maracangalha, como atestam os cartazes do Teatro Recreio.

À HORA DO PAPELÃO

● No calor da refrega momesca, folião que se preza, que se fantasia e que pula mais que Don José de los Pampas quando lhe ferem a vaidade, pouco se está importando com os vexames que protagoniza. A loucura impulsionalada pelo úsque particular que cada um leva no bôlso ou em baixo da fantasia, quando a isso se presta a sua acompanhante, com o refôrço da «prize» tão proibida quanto o baile do João Caetano, a loucura dos dias carnavalescos — dizia-vos — conduz a papelões emocionais. Quando chega, porém, a quarta-feira de cinzas, chegam também os jornais e revistas ilustradas lançados nas bancas em recordes de cobertura. E aí começa a dura realidade com a chamada «hora do papelão». Ainda mal dormido, corpo cansado, com aquêlê gôsto de decepção, losna ou cabo-de-guarda-chuva, o folião compra tôdas as publicações do dia, faz o seu maço de jornais e revistas e recolhe-se em casa, onde confetes dispersos pelo chão e renitentemente incrustados no tapête lhe provocam asco. Não há nada mais deprimente para um folião que confete numa quarta-feira de cinzas... Ele não quer ver nada que lhe faça lembrar o que se foi na maratona de quatro noites entremeadas com alguns blocos vespertinos de «sujos». Mas não pode resistir às fotografias que os jornais e revistas lhe estão trazendo. A laboriosa turma da imprensa deu duro enquanto êle brincava e agora êle — leitor — delicia-se com aquelas cenas de ridículo, exagêro e palhaçada que tanta gente boa andou fazendo. Não quer acreditar no que está vendo. Não, assim também já é demais também, como diz o cantor Aldair Soares nas noites do Cabeça Chata. Não é crível que o Carnaval tenha sido deturpado, que a boa e verdadeira alegria tenha cedido lugar às demonstrações públicas de luxúria e descalabro. Por essas e outras é que o Carnaval está morrendo. Ele pensa enquanto folheia os jornais. Que cenas degradantes! E, quando descobre algum conhecido de cara estampada e em atitude pouco condizente com as suas atitudes normais do resto do ano, intimamente êle acha graça, mas recrimina: «Veja que pa-pe-lão!» Bem feito. Há pessoas que, durante o Carnaval, não resistem aos «flashes» ou aos refletores dos cinegrafistas e se entregam atraídos como mariposas a pôses as mais esquisitas. Mas... que é que êle está vendo agora? Não, não é possível! ÊLE também com uma «zebrinha» enganchada no pescoço e com cara de alucinado? Não quer ver mais nada e procura convencer-se de que ninguém o vai reconhecer. Já é um consôlo e uma esperança. Consôlo, porém, que não vai durar muito porque os telefonemas estão chegando dos glossadores, aquêles que fugiram para a serra ou para o campo e fazem uma torturante publicidade do programa de saúde a que se submeteram: — Que farra, ein seu malandro? Que papelão!

E, quando soa a hora inevitável do pa-pe-lão (êles fazem questão de silabar) não há como fugir. O melhor mesmo é telefonar para a farmácia e pedir um necroton. Sem gelo.

ÚLTIMOS CONFETES

TRISTE e cabisbaixa ficou a "artista" Ester Tarcitano — a que esteve em tôdas — por não ter sido classificada no desfile de fantasias do Baile do Municipal. A sua desolação era tão grande que, na frisa 10 (célebre frisa) daquele teatro, mudaram o seu nome para Ester Taciturna.

POR OUTRO lado, a nota desagradável foi dada por conhecida vedete desta praça, que compareceu ao mesmo desfile em adiantado e bem visível estado de gestação, o que impressionou vivamente a sra. Janot ou Janrol, fazendo-a doar o prêmio conquistado ao "Lar da Criança"...

NA "BOITE" Fiesta, a "cow-girl" recusava a oferta: "Pr'a que eu quero confeite, se eu não cheiro confeite?"

O BAILE de Quitandinha, que ano a ano vai minguando, foi o paraíso dos batedores de carteiras. Policiamento deficiente e nem o depulrado Vieira de Melo escapou com a sua contribuição subsidiária.

DIZEM que a Rainha das Girls, dentuça, de falar dutrino e feinha, foi eleita por estranho sindicato, que compareceu ao baile devidamente incorporado.



A ARARA TOPOU

...e se a bichinha notável chutou ao julgamento do veredicto como diz o Ribeiro Martins e o gesto revoltado de Ester Tarcitano atirando pérolas no público (de raiva), topou a atitude altruística da vencedora, a sra. Janet ou Janrot, doando o prêmio no valor de cem mil cruzeiros a uma instituição de caridade, atitude bem mais bonita — e original — como queria a comissão — que a própria «Cacatuas» com que abischoitou o primeiro lugar. Dona de uma casa de modas, a fantasia premiada foi logo exposta na respectiva vitrina e, quem quiser brilhar no próximo ano, basta procurar essa magnânima Mme. Janet ou Janrot, né?



A ARARA CHUTOU

...a total desorganização no julgamento das fantasias do Baile de Gala do Municipal. A bichinha notável lá também compareceu fantasiada de «Incêndio de Roma» para chatear o seu bravo salvador e, como tantas outras concorrentes, foi muito maltratadinha da vidinha. A comissão limitou-se a comunicar-lhe: «já está escolhido e pronto». E o que se viu foi o destile de fantasias não classificadas, em prejuízo das que já estavam escolhidas e... pronto. E em benefício de Jacinto de Torres, membro da comissão, que assim pôde dar o sensacional «tiro» das premiadas... A Arara não mais concorrerá... pronto!



EVERARDO GUILHON — colega-jornalista — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

«QUANDO PEGUEI O «ITAQUICÉ» EM BELÉM DO PARÁ JÁ ERA COLEGA-JORNALISTA DO NESTOR DE HOLANDA, QUE AQUI CHEGOU NUM CAMINHÃO «PAU-DE-ARARA» E AINDA COM CABELOS»

Pão — Entre Super XX, Janjão Cisplandim e Serafim Ponte Grande, quem é mesmo Everardo Guilhon?

QUEIJO — Estou desconfiado de que Everardo Guilhon já não existe. Esse cidadão foi muito atropelado pelos outros e desapareceu.

Pão — Qual a importância da farinha d'água na sua formação intelectual?

QUEIJO — A farinha d'água não digo tanto. Mas o pirão é que teve real influência. E pirão é farinha d'água com água e sal.

Pão — Quando você pegou um Ita no Norte, já pensava em vir a ser colega-jornalista?

QUEIJO — Quando eu peguei o «Itaquicé» em Belém do Pará já era colega-jornalista do Nestor de Holanda, que aqui chegou num caminhão «pau-de-arara» e ainda com cabelos.

Pão — E Nestor de Holanda é — como propala — o ídolo que você imita?

QUEIJO — Nestor de Holanda é um agente provocador. Não conseguindo ser engraçado como eu sou, joga-se contra mim para ter cartaz. No fundo, é melancólico, segundo afirmou Geisa Bóscoli.

Pão — Sem que Aerton Perlingeiro saiba, é verdade que você foi um dos financiadores da candidatura de Eloísa?

QUEIJO — Não, não fui um dos financiadores de Eloísa. Segundo me afirmou o Cabidela, o financiador foi o «Yovô» de Bonsucesso. Eu, o Sérgio Pôrto e o Nestor de Holanda fomos os aproveitadores.

Pão — E se você está sempre assediando as moças bonitas, por que não monta o seu «showzinho» particular?

QUEIJO — Não monto o meu «show» porque, segundo afirma Rose Rondelli, «show» só presta com menores. E menores dá cadeia!

Pão — De onde vem a amizade fraternal que lhe dedica o Heron Domingues?

QUEIJO — Heron Domingues é meu amigo e não sabe. Ele pensa que me odeia. No fundo, é meu amigo. A única coisa que o afasta de mim é a barriga. Eu sou «fausse-maigre» e Heron é barrigudo.

Pão — Que fantasia você usou no Carnaval? Mudou ou vestiu a mesma de sempre?

QUEIJO — Saí com a mesma. Dá mais sorte.

Pão — Está satisfeito com a cara que Deus lhe deu ou sente muita pena de você mesmo?

QUEIJO — Às vezes tenho a impressão de que dou azar. Tanto que, pela manhã, chego ao espelho e quando vejo que sou eu, isolado!

Pão — Além de você mesmo, quem mais ri com as suas piadas?

QUEIJO — Toda a minha família e o Nestor de Holanda.

Pão — Você é um marido absolutamente fiel ou deixa a desejar?

QUEIJO — Ab-so-lu-ta-men-te fiel!

Pão — Você acredita em tudo que o Brício de Abreu escreve ou conta?

QUEIJO — Segundo afirmam pessoas contemporâneas do Brício (já por volta de 1789) mesmo ele escrevendo a verdade, é mentira.

Pão — A nitroglicerina está fora de moda ou ainda pode ser empregada com êxito na solução da falta d'água?

QUEIJO — A nitroglicerina está superada. Agora surgiu a Bomba H que deverá resolver o problema da falta d'água com mais facilidade, pelo menos nesta «mui leal».

Pão — Já que você esteve no Líbano quando «petit», qual a sua opinião sobre a influência das vendas a crédito na economia pátria?

QUEIJO — Bendito as vendas a crédito. Pergunte ao Floriano Faissal e à Casa Guaspari.

Pão — Se você fosse Diretor de Turismo teria coragem de pendurar aquelas bandeirinhas na Avenida.

QUEIJO — Não. Mandaria pintar as ruas de preto e vermelho, em homenagem ao Flamengo, merecida e justa.

Pão — Para terminar, qual o fato mais sensacional do jornalismo botocudo nestes últimos tempos?

QUEIJO — Nestes últimos tempos? Deixe ver... Ah, sim, a entrada gloriosa de sr. Carlos Machado na imprensa hodierna. O Zé Carlos, agora, é colega-jornalista...

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

● Casas fracas, como era de esperar, após a folia de Momo. As que ficaram abertas, porém, durante o «tríduo carnavalesco», não têm porque se arrepender. O faturamento também foi «alto» na Fiesta, Club 36 e Night and Day.

● Zélia Hoffman, terceira colocada («Candelabro Imperial») no desfile de fantasias do Municipal — ao qual não mais comparecerá por motivos que não pretende revelar — vai tomar parte num filme de Lulu de Barros.

● «Rio... de Janeiro a Janeiro ou sabe-se lá até quando» continua

em grande forma. Voltou o quadro do «Museu» com a inclusão de Vera Regina e Irma Alvarez. E a saída do «ballet» de Ana Itelman em nada afetou o seu brilhantismo. Pelo contrário. Já não cansa.

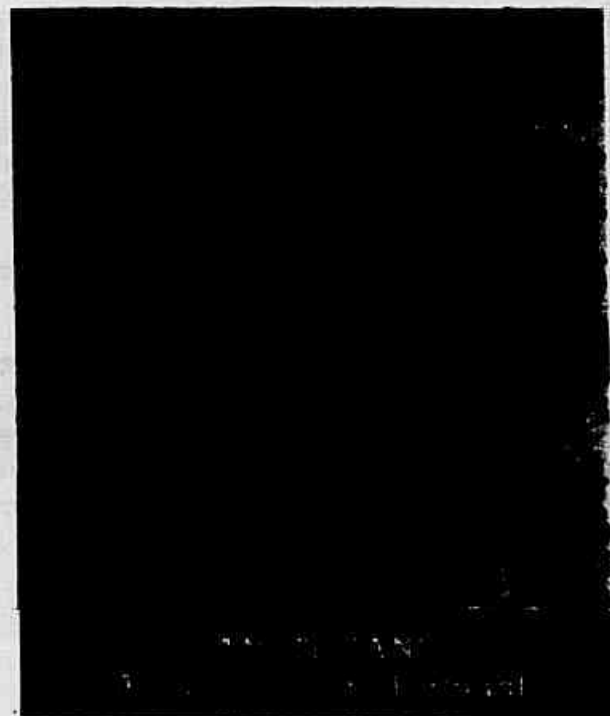
● Estreou, com grande sucesso, na «boite» Embaixador, de Lisboa, a vedeta Janete Jane. Janete está ganhando um dos maiores ordenados já oferecidos a artista brasileiro naquelas plagas. 45 mil escudos, livres de despesas.

● «Mon Caprice», que já foi «Cangaceiro», será o próximo bar a inaugurar-se na noite vadia.

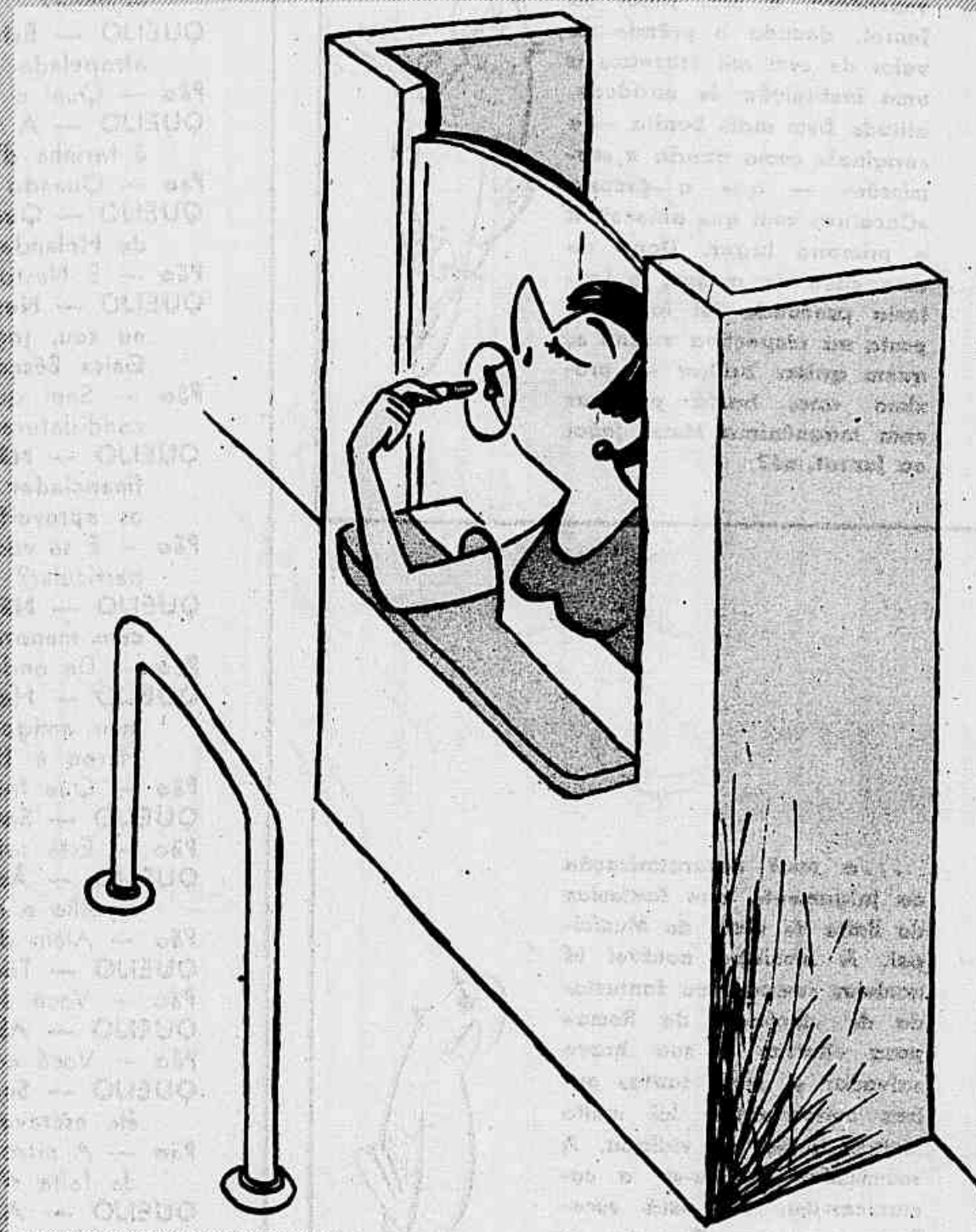
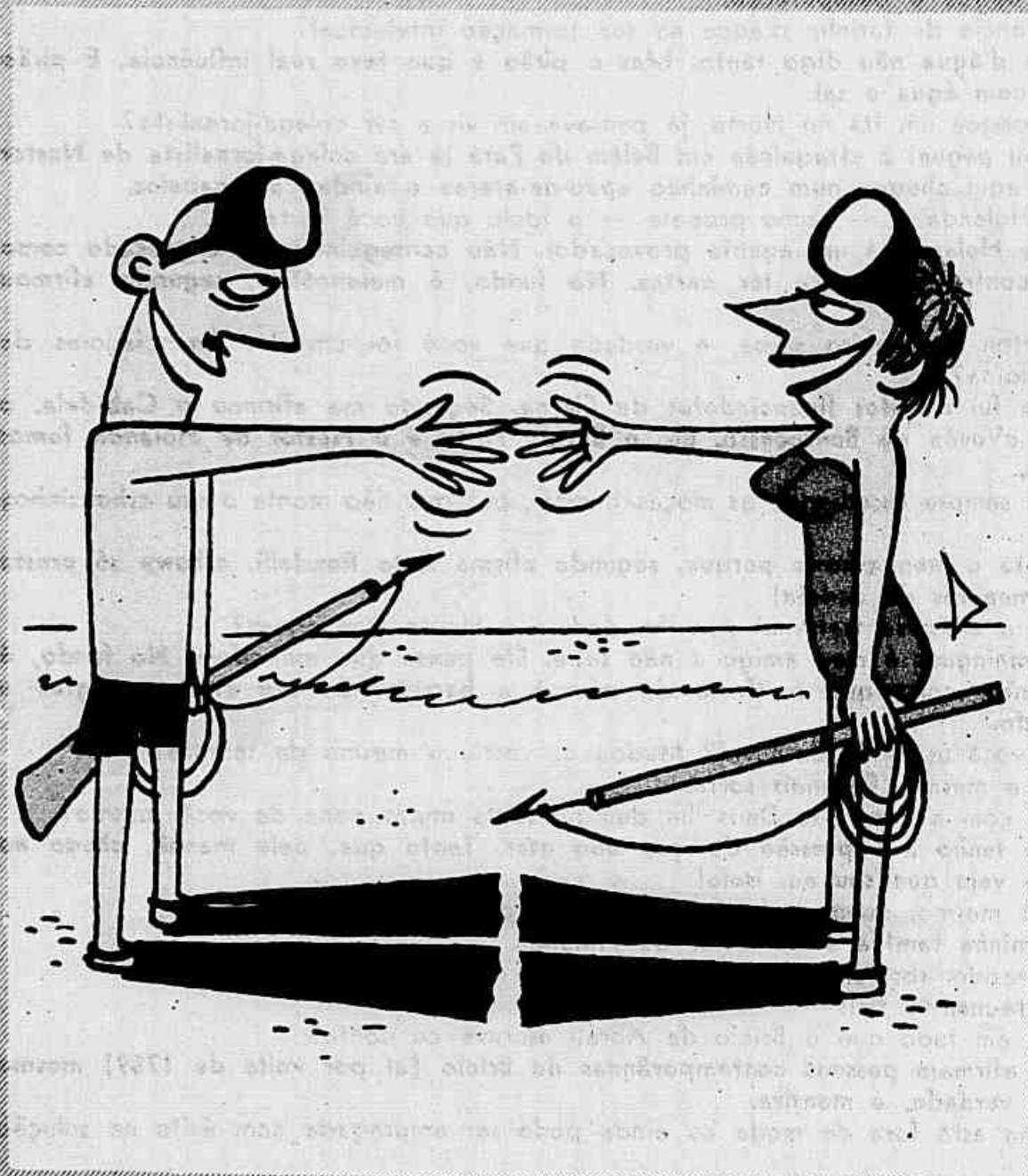


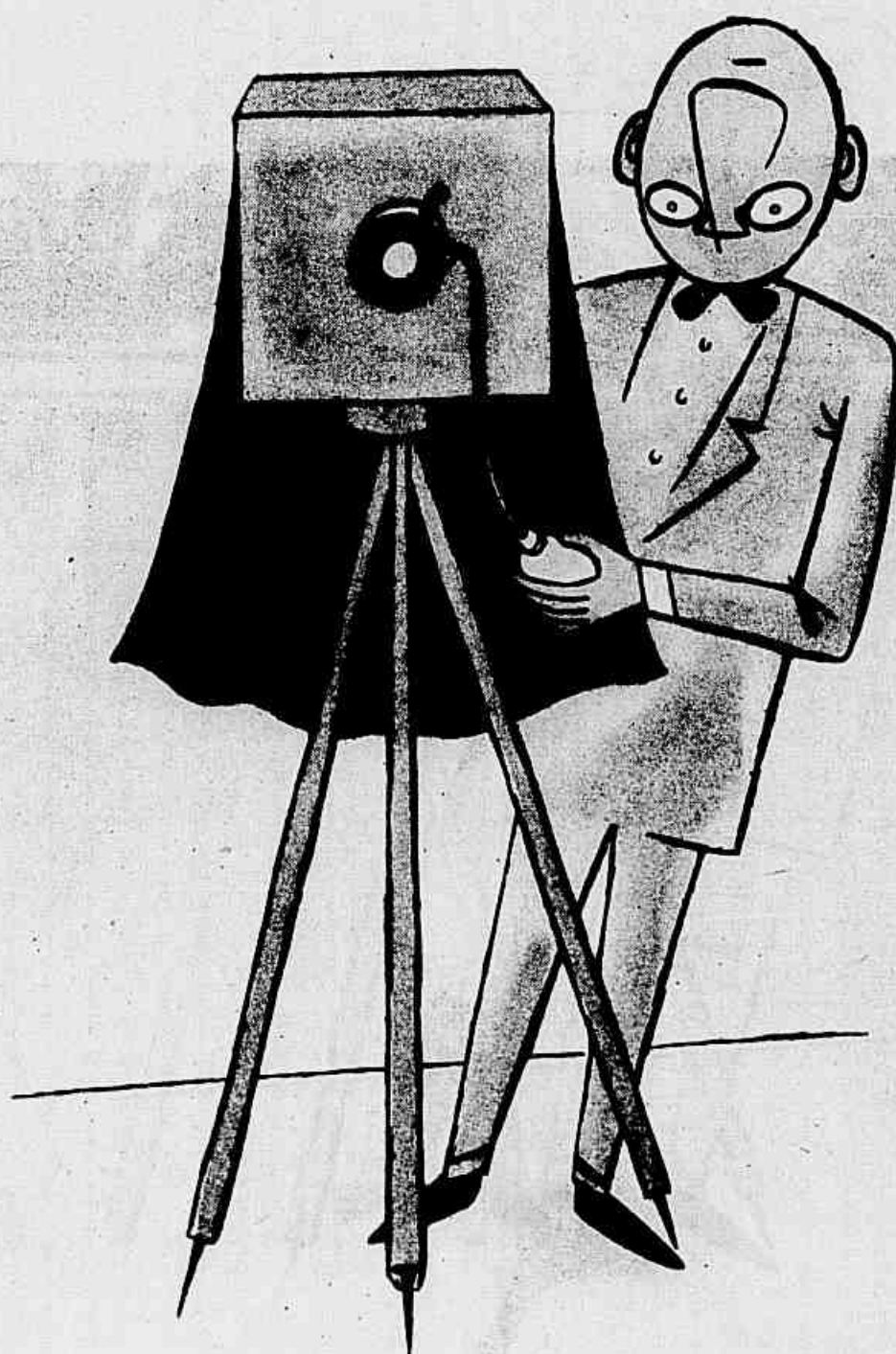
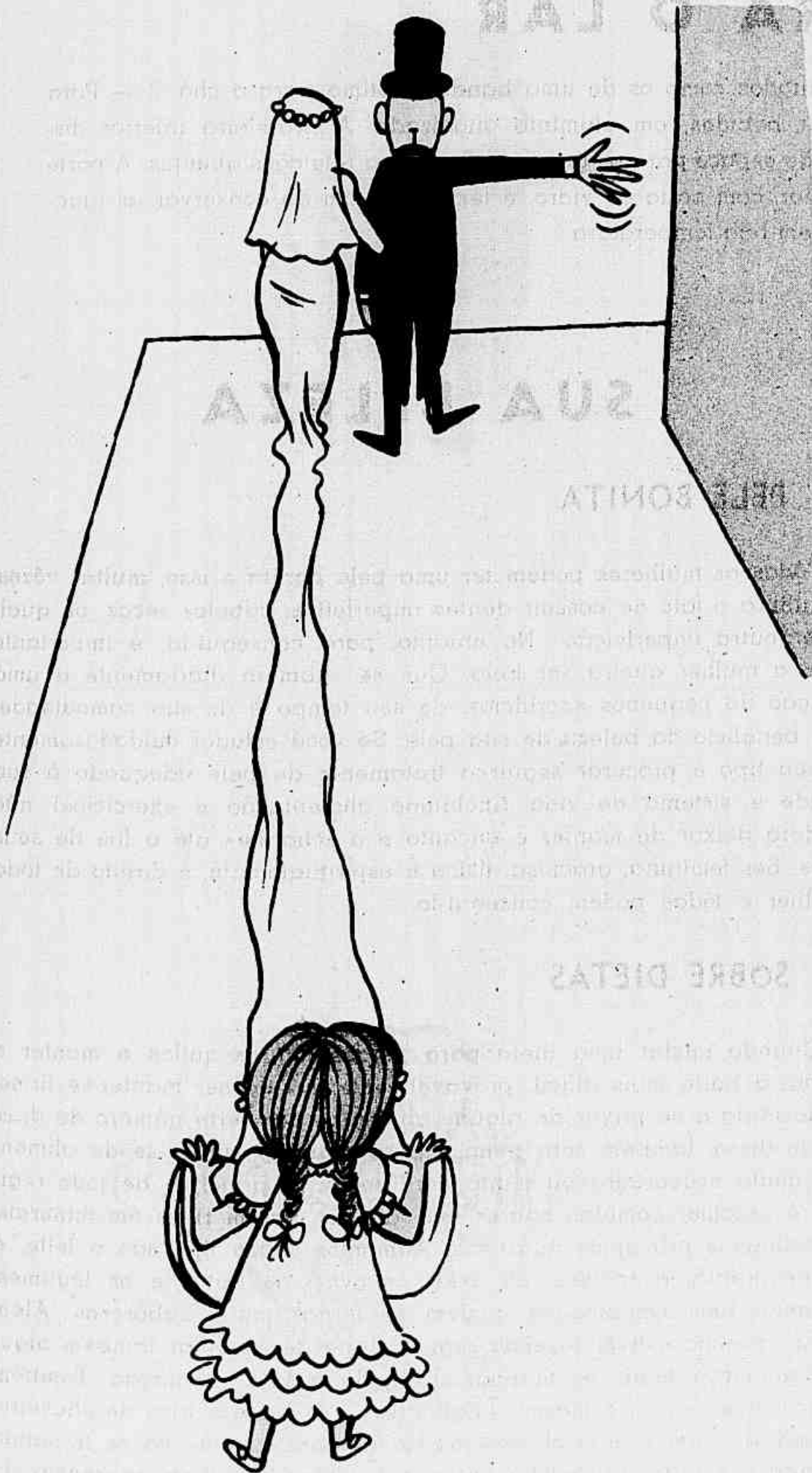
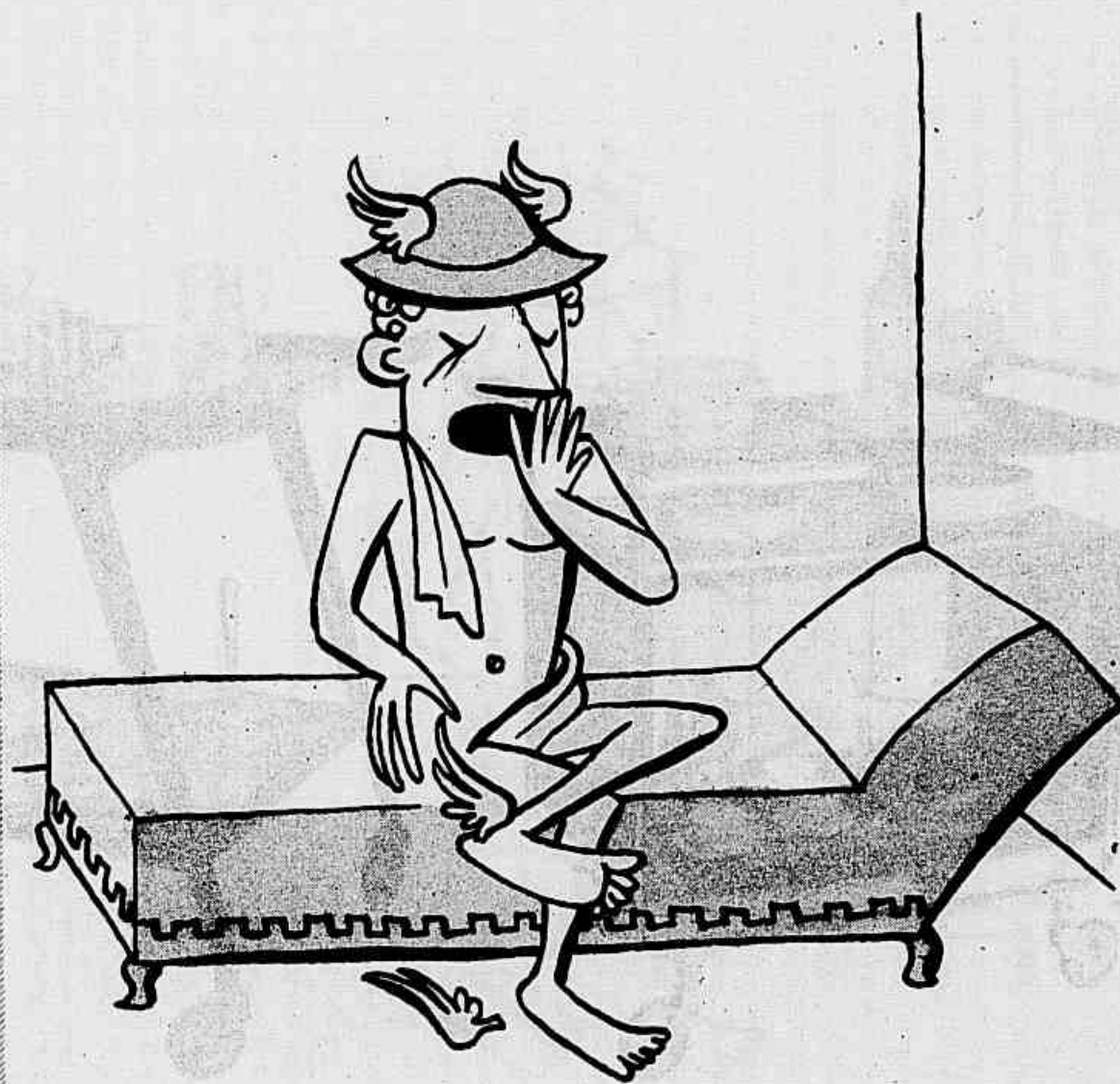
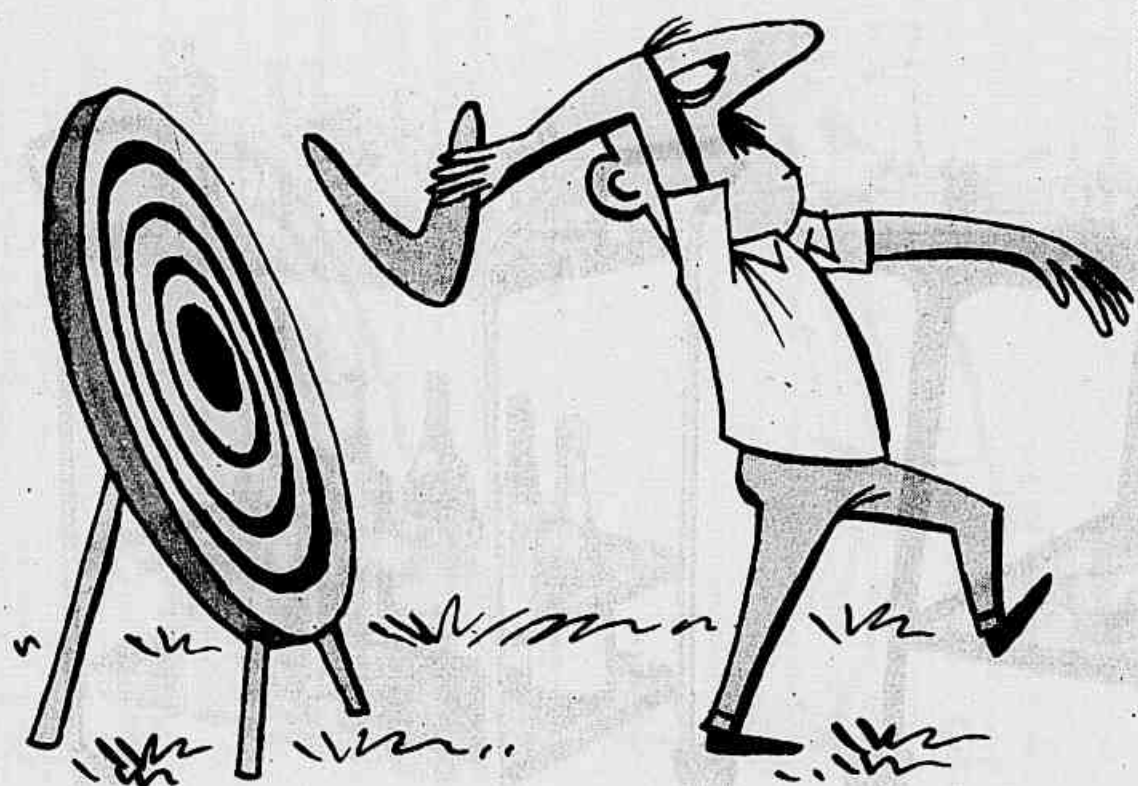
MARIA LOPES

Participa no «dominó»



FORTUNA (sem palavras) APRESENTA







SUGESTÃO PARA O LAR

◆ Os carrinhos modernos são bem práticos. Existem para as mais diversas finalidades e prestam muito serviço à dona de casa que luta com a falta de criadas. Eis alguns tipos dos mais recentes:

1 — Em madeira negra laqueada, tem os bordos do tampo superior

levantados como os de uma bandeja. Ótimo para o chá. 2 — Para servir bebidas, em alumínio anodizado. A prateleira inferior dispõe de espaço para as garrafas. 3 — Para refeições quentes. A parte inferior, com porta de vidro, é térmica, a fim de conservar as iguarias em boa temperatura.



SUA BELEZA

• PELE BONITA

Tôdas as mulheres podem ter uma pele bonita e isso, muitas vezes, equilibra o fato de possuir dentes imperfeitos, cabelos secos, ou qualquer outra imperfeição. No entanto, para consegui-la, é importante que a mulher queira ser bela. Que se submeta diariamente a uma porção de pequenos sacrifícios, de seu tempo e de sua comodidade, em benefício da beleza de sua pele. Se você estudar cuidadosamente o seu tipo e procurar seguir o tratamento de pele adequado à sua idade e sistema de vida (incluindo alimentação e exercícios) não poderá deixar de manter o encanto e o «charme» até o fim de seus dias. Ser feminina, graciosa, física e espiritualmente, é direito de toda mulher e tôdas podem consegui-lo.

• SÔBRE DIETAS

Quando iniciar uma dieta para perder alguns quilos e manter a linha, a parte mais difícil, provavelmente, há de ser manter-se firme, e decidida a se privar de alguns alimentos por certo número de dias. Além disso, também será penoso para algumas abster-se de alimentos muito açucarados ou muito gordurosos. O princípio de todo regime é escolher comidas pobres em calorias, porém ricas em minerais, vitaminas e princípios nutritivos. Alimentos desse tipo são o leite, a carne magra, os peixes, as aves, os ovos, as frutas e os legumes. Quando bem combinados, podem se tornar muito saborosos. Além disso, quando estiver fazendo regime, trate de executar também alguma ginástica tôdas as manhãs. Estimula a boa circulação. Também são ótimos — com a mesma finalidade — os banhos frios de chuveiro. Impedirão que, com a eliminação da gordura, a pele vá se tornando flácida por falta de «enchimento», prejudicando a boa aparência do corpo e dos traços fisionômicos.

♦ Já estão chegando notícias da grande exposição de artefatos para o lar que todos os anos é realizada em Paris: o «Salon des Arts Ménagers». São vinte e oito os países que compareceram com os mais aperfeiçoados produtos de suas indústrias de aparelhos domésticos. O Brasil? Não, o Brasil não apresentou nada. Nos «stands» italianos uma infinidade de cafeteiras: automáticas, elétricas, «expressas». No japonês, uma deliciosa casa, montada em espaço restrito, com portas, janelas e paredes de correr, e com tudo embutido, até mesmo as mesas e cadeiras. Os franceses se esmeraram em sugestões para arranjos de interiores e decoração, em diversos estilos de «Luizes», e outros. Um país nórdico inventou uma casa com paredes que refletem a luz do sol, e que é iluminada por tijolos luminosos — o Sol, para os habitantes do norte da Europa é alguma coisa de muito rara e muito apreciada. O que mais despertou o interesse das donas de casa em visita ao «Salon», foi,

UM "AMOR" DE COZINHA!

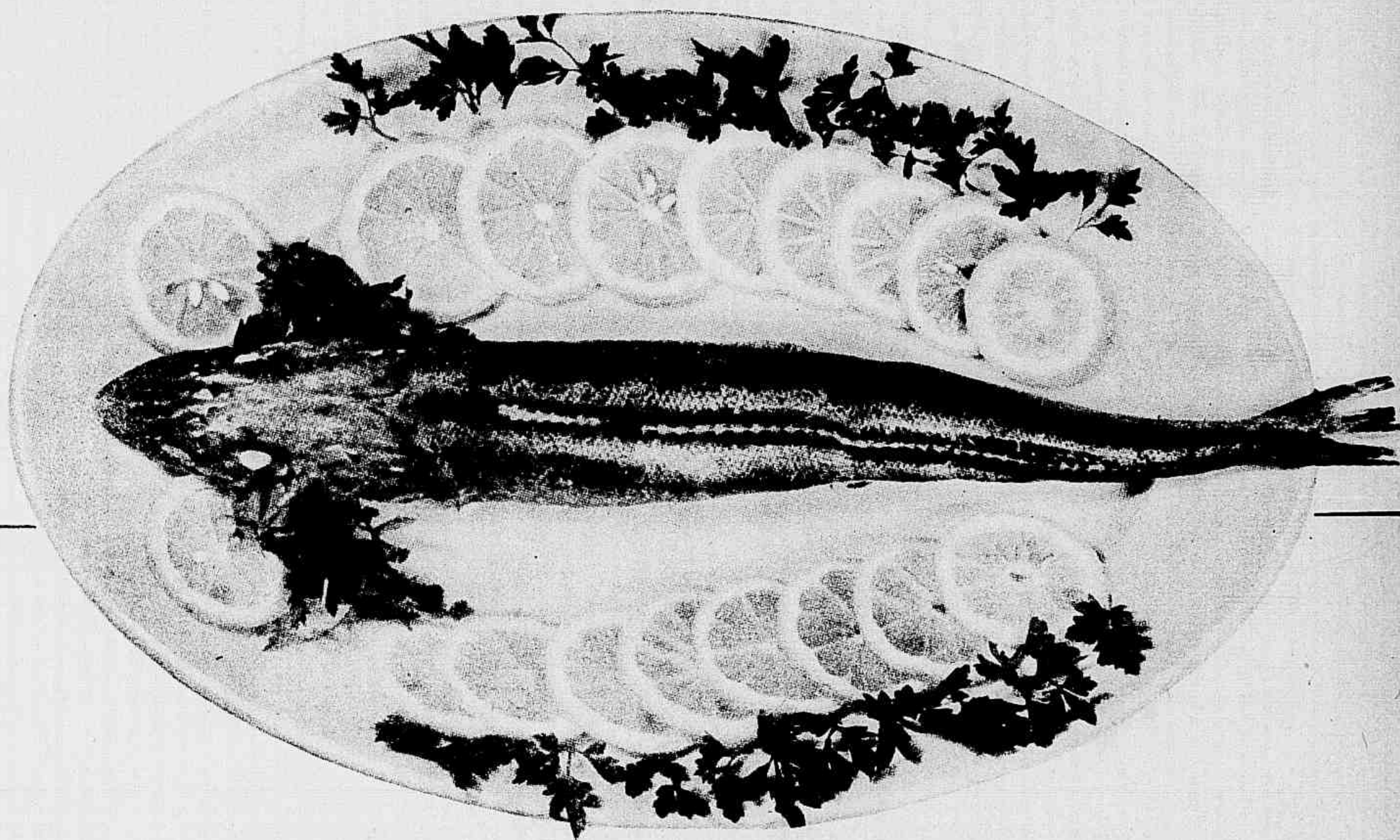
porém, uma cozinha totalmente automática, eletrônica, atômica, etc., etc. É um imenso conjunto de 15 metros de comprimento, que pesa 40 toneladas, possui 20 quilômetros de fios elétricos e 135 botões. Estes botões fazem todo o serviço. Basta colocar uma ficha de receita no «cérebro eletrônico» e apertar um botão, para que os ingredientes saiam dos depósitos já pesados e limpos. O fogão é frio, isto é, funciona por um sistema magnético e é constituído por uma mesa de mármore.

Os pratos, panelas e panos de cozinha são lavados em aparelhos aperfeiçoadíssimos, aper-

tando-se os respectivos botões. A secagem é automática e existe uma máquina de passar roupas genial.

A cozinha é abastecida de fora, pelos próprios fornecedores, mas um visor de vidro, internamente, permite à dona de casa observar se os mantimentos estão em condições e são de boa qualidade, além de controlar instantaneamente a pesagem dos mesmos.

É mesmo um «amor» de cozinha! Mas (em tudo há um «mas» nesse mundo), tão cedo não poderão as donas de casa ter uma cozinha assim. Talvez, daqui a 50 ou 100 anos. Como está, o modelo é muito pesado (40 toneladas), muito caro e de caríssima manutenção. Os inventores da cozinha do futuro estão estudando um meio de torná-la mais acessível. Perto de 2 mil técnicos, engenheiros, eletricitas e desenhistas estão trabalhando num centro de pesquisas norte-americano (em Detroit) para isso.



WEEK-END NA COZINHA

Se você teve a sorte de encontrar na feira uma ou duas tiriviras grandes (esses peixes compridos que muita gente confunde com enguia, mas é bem mais curto que esta) experimente fazê-las assadas. Depois, sirva-as rodeadas de rodelinhas de limão e salsa, com o molho seguinte que é uma gostosura.

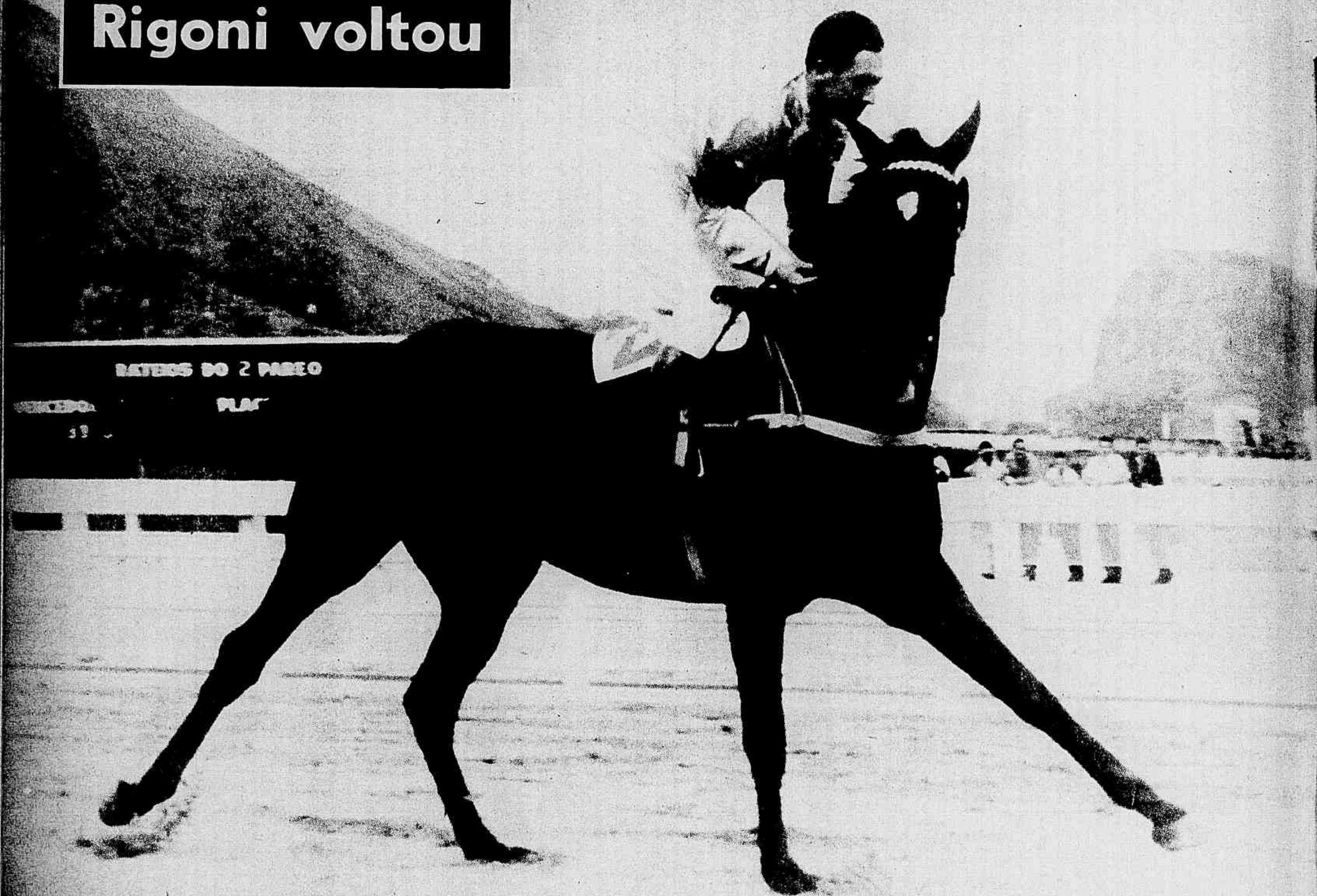
INGREDIENTES:

1 copo de azeite, do bom — 3 gemas — 1 colher das de chá de mostarda — 3 pimentas verdes, esmigalhadas — caldo de 2 limões — pepinos em conserva, azeitonas, alcaparras. — Molho do próprio peixe.

INSTRUÇÕES:

1 — Ponha as 3 gemas numa tigela e vá misturando aos poucos o azeite (como para maionese), mexendo sempre com uma colherinha de pau. 2 — Junte a mostarda, a pimenta esmagada e leve ao fogo para aquecer (sem deixar, porém, que ferva). 3 — Quando estiver quente, junte o caldo dos limões, e o molho do próprio peixe. 4 — Coe tudo e junte os pepinos em conserva, (as azeitonas e as alcaparras, tudo picadinho). Sirva numa molheira a parte, sobre o peixe.

Rigoni voltou



Primeiro contato de Rigoni com a pista da Gávea: o galope com a égua Tendresse, que iria ser a sua primeira emoção nessa volta sensacional

COM A MESMA FOME DE VITÓRIA DE SEMPRE

EM DOIS DIAS GANHOU 4 VÉZES — 32 MIL CRUZEIROS FOI QUANTO RECEBEU PELAS PRIMEIRAS VITÓRIAS — MANIFESTAÇÕES NUNCA VISTAS NO PRADO DA GÁVEA — RIGONI PROVOU QUE É AINDA O MESMO FENÔMENO QUE LIDEROU AS ESTATÍSTICAS DURANTE 7 ANOS SEGUIDOS — SUSPENSE QUANDO RIGONI SURTIU NA PISTA, PALMAS QUANDO GALOPOU E DELÍRIO QUANDO CRUZOU O VENCEDOR

POUCA gente acreditava que Luís Rigoni pudesse, um dia, voltar às pistas para exercer sua profissão de jockey. O mal que o atacara nunca foi revelado pela imprensa (uma questão de escrúpulo, compreensível e louvável), mas todos sabiam que a cura era difícil.

Os mais céticos não lhe davam sequer o direito de viver e os otimistas, se admitiam a cura, não queriam acreditar que ele retornasse às competições de raia. Não há, nesta afirmação, o mínimo de exagero, pois seus próprios médicos, confiantes no restabelecimento do grande jockey indicavam, como o melhor caminho o seu afastamento definitivo da ingrata profissão, que abraçara. É difícil porém estabelecer as fronteiras da ciência e do saber. Os milagres de Cristo, em sua passagem pela Terra, já não constituem, hoje, senão fatos comuns cuja ressonância vai encontrar explicação no avanço da ciência e na inteligência do homem. E aí está Luís Rigoni, absolutamente curado, de novo montando e ganhando carreiras. Exaltar a extraordinária competência do Dr. Mário Jorge de Carvalho, (Diretor do Hospital Central dos Acidentados) e da valiosa equipe de médicos sob sua orientação, é um dever a que não fugiremos. Mas duvidamos de nossa imparcialidade se relêgássemos a plano inferior o ânimo excepcional de Luís Rigoni, a força de vontade inquebrantável sempre demonstrada durante o prolongado tratamento (dois anos de renúncias e sacrifícios).

♦ **NA PISTA O GRANDE CAMPEÃO** — Quando Rigoni apareceu na pista (montando a égua Tendresse) para o galope de apresentação, houve no Hipódromo da Gávea, um instante de «suspense». É como se todos despertassem de um sonho para a realidade da vida. Um frio percorreu a espinha dos menos crentes e os que acreditam na existência de Deus sofreram o impacto da emoção. Parecia um milagre! E quando Rigoni, firmando os pés no estribo de sua montada, partiu, célere, num galope largo e vigoroso, ecoou das tribunas estrondosa ovação a coroar a volta do maior ídolo do turfe brasileiro. Foi dada a partida e tudo se transforma em silêncio. Ninguém ousava falar e todos cresceram na ânsia de ver a corrida do campeão. Mas quando os animais entraram na reta final para a decisão do páreo, um grito uníssono, estrepitoso, reboou no espaço: Dá-lhe Rigoni! Dá-lhe Rigoni! E ele deu... e ganhou. Era a consagração definitiva. De regresso, após o triunfo, ainda sob os delirantes aplausos da multidão, Rigoni sorria feliz, como nos seus tempos de glórias. Não mudara em nada: o mesmo campeão de sete anos seguidos, o mesmo ganhador das maiores provas do turfe brasileiro, a mesma técnica invejável, o mesmo vigor, todas as virtudes, enfim, que o consagraram como o maior jockey de todos os tempos. Só que, pela primeira vez entre os risos da alegria, não conseguia esconder as lágrimas nos olhos...



Voltando à repesagem depois de ganhar com Tendresse, Rigoni é largamente felicitado. A Gávea jamais assistiu um espetáculo igual

MURILINHO (VEDETE DO "SACHA'S")

FALA (PELA PRIMEIRA VEZ)

DOS PAULISTAS

"BATER PAPO" E BEBER É A ORDEM EM S. PAULO ★ DEPOIS DE 20 DIAS EM SANTOS, MOSTRA COMO FOI A TEMPORADA EM GUARUJÁ ★ PAULISTA NÃO É PROVINCIANO ★ AS MAIS ELEGANTES, AS MAIS SIMPÁTICAS, AS DE MAIS "CHARME" E A MAIS BONITA ★ PERDEU QUATRO QUILOS

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotografias de A. FERREIRA

«O paulista não gosta de dançar» — é uma das revelações que Murilinho Almeida, cantor (é o nome?) do «Sacha's» traz de São Paulo, depois de uma temporada de 20 dias. Se fez sucesso, ele responde:

— Agradei demais, não podia esperar e fiquei surpreso, pois, afinal de contas, era a primeira vez que cantava fora do Rio e do «Sacha's».

— E estranhou?

— Estranhei um pouco, mas não tanto que chegasse a me perturbar. Levei um repertório de 15 músicas, já com as partes de piano. São músicas bonitas, de agrado, novidades lá e sucessos aqui.

As de maior sucesso foram «I love Paris», «Mister Sandman» e «A woman in love».

— No princípio — explica — iam me ver por curiosidade. Depois, agradei e iam porque gostavam.

Murilinho cantou também em Santos, durante a temporada de Guarujá. Traz outra descoberta:

— O paulista, como o carioca, não gosta de música brasileira. Samba, só para ouvir, para dançar não. Turista é quem gosta. Entra na pista, não sabe dançar mesmo e, então, começa a pular, ficando satisfeito.

Vai adiante:

— O carioca ainda dança outras músicas, mas o paulista gosta mesmo é de «bater papo» e de beber.

E exemplifica:

— Num grito de Carnaval, pararam, de repente, com os sambas e marchas. Fui chamado para cantar música americana e todos sossegaram, esquecendo o carnaval.

ROCK FAZ SUCESSO

O maranhense que se diz «tímido», mas é conhecido por sua irreverência nas mesas do «Sacha's», fala, ainda, sobre música:

— Em São Paulo existe mais entusiasmo pelo «Rock'n'Roll» do que aqui. Todos dançam bem e aplaudem os números. É pena que, agora, esteja proibido.

PROVINCIANISMO PAULISTA

Murilinho Almeida nega que houvesse acusado os paulistas de provincianos. Diz que essa

é a primeira vez que fala a um jornalista depois que voltou. Todas as outras declarações que lhe foram atribuídas são falsas.

Informa que Guarujá foi uma temporada muito elegante, onde se destacaram, entre as outras, Cecília Cunha Bueno, Elza Weill, Dana Mendonça, Cristina Suplicy, Tânia Kovarik, sra. Alberto Bianchi e Turquinha Muniz.

E escolhe, em seguida, a mais bonita mulher da temporada: June Luck, que foi «glamour girl» de São Paulo. «É, realmente, muito bonita» — foi sua frase.

Faz restrições a falta de bons hotéis em Santos, dizendo que são, todos, velhos e sem conforto.

Mas elogia as casas da cidade. E destaca, como a mais bonita casa de Santos, a da condessa Irene Crespi. Como chalé típico da região, prefere o de madeira, do sr. Nelson Caldeira. Entre os apartamentos, escolhe o do sr. Cernélio Procópio.

SUCESSO SEMPRE

Sobre as mulheres paulistas, além de elegantes, diz serem possuidoras de muito «charme» e capazes de fazer sucesso sempre e em qualquer lugar. As mais simpáticas que encontrou foram Lula Margarino e Júlia Delorme.

E analisa os paulistas:

— O paulista é muito fechado. Até fazerem amizade, vai algum tempo. Depois, se gostarem de você, recebem em suas casas, de uma maneira cativante.

— São reservados e pouco expansivos. São diferentes e temos que aceitá-los tal como são. Para que o carioca se adapte em São Paulo, tem que procurar entendê-los.

— Se, finalmente, depois de você passar no exame de admissão, lhe aceitarem, são os melhores amigos do mundo.

— E você, passou no exame?

— Passei e com grau 10.

TEMPO DIVIDIDO

Para Murilinho, o tempo, em Santos, é dividido entre o jogo (buraco, biriba e pif-pal) e a piscina. Para ele foi «bossa nova» cantar na piscina, para gente moça.

— E para isso, ganhou muito dinheiro?

— Vamos dizer assim: eles pagaram o que prometeram. Dêse jeito, pelo menos, o imposto sobre a renda não vem me procurar.

Fala na divisão do tempo do paulista, quando se lembra e diz:

— A exata diferença entre o carioca e o paulista reside no fato do paulista viver em casa. No Rio, vivemos na rua e vamos, sempre, acabar a noite no «Sacha's». Em São Paulo não existe nada como o «Sacha's».

— Repare uma coisa — diz. No início da noite, qualquer paulista vai, normalmente, a um bar. Lá, os bares são muito melhores do que no Rio. Aqui, ir a um bar, constitui «um programa». Lá é corriqueiro. É quase que uma religião, como na Europa.

Diz que a influência européia é tão grande, que até as barracas de praia não são como as nossas e sim, como as do Velho Continente, grandes, como um acampamento, onde as pessoas batem papo, bebem uísque e se visitam.

MAIS AGITADA

Considera a vida em Santos mais agitada do que a do Rio. E prova: «Perdi quatro quilos. Lá não há hora para nada. O almoço sai às 17 horas. O jantar não se sabe nunca».

— Fiquei surpreso com a dose de uísque. Além de ser sempre verdadeira, é enorme.

— E gastou muito com bebida?

— Não. Isso já faz parte dos meus contratos.

— Os paulistas gostam do Rio?

— São fascinados. Qualquer coisa que vá do Rio lhes agrada. Gostam e é com alegria que falam nas coisas cariocas.

— E do cantor Murilinho Almeida, do Rio, gostaram?

— Gostaram, mas acontece que eu não sou cantor.

— O que é então?

— Sou um homem do «Sacha's» ou de ambientes iguais. Não existo fora dele, nem posso me ver como um cantor das multidões, de auditório, com todo mundo a gritar: é o maior!

— Em São Paulo, dei o primeiro «show» de minha vida, na festa da condessa Irene Crespi. Cantei e agradei, posso dizer, no ponto alto da temporada, que foi essa festa, onde compareceu toda a melhor sociedade de São Paulo.

RA

que
im-

an-

e o
em
pre,
não

noi-
um
que
pro-
re-

de,
as
nte,
es-
am.

do
los.
17

ue.

tos.

do
que

tio,

ou

bi-
so di-

de
pi.
da
eu



Murilo, vedete do Satchi, interpreta bem o papel de vício arreventado, mas com um notável senso de autoridade, que o leva a reconhecer que não é cantor.

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

- ◆ Alves Pinheiro (secretário de «O Globo», chefe de reportagens, «pé de boi», que confessou que por causa do jornal há mais de 20 anos não vai ao cinema com a mulher), entrou em litígio com a sua organização depois de 26 anos de trabalho. Razões: uma proposta dos «Diários Associados» nos seguintes termos: 100 mil cruzeiros de ordenado mensal, 320 mil cruzeiros de gratificação em 5 anos e garantia de sua estabilidade, com a encampação pelos «Diários Associados» dos 26 anos que ele trabalhou no «O Globo». Pinheiro aceitou a proposta e um documento já estava inclusive firmado, quando o sr. Roberto Marinho resolveu não perder o seu profissional de qualidade. Não se tem conhecimento da contra-proposta de «O Globo» a Alves Pinheiro. Mas, pelo menos nos últimos 15 dias, as conversas com os «Diários Associados» entraram em ponto morto, o que indica uma possibilidade de «O Globo» não perder o seu excelente secretário e chefe de reportagens.
- ◆ Armando Couto e Lúdi Veloso foram convidados para inaugurar o Teatrinho do Leme com uma companhia própria.
- ◆ Opinião do Cônego Olímpio de Melo (67 anos, um dos líderes da política do Distrito, ex-Prefeito, ex-Presidente da Câmara Municipal, homem franco e «sem papas na língua») a respeito do sr. Pelópidas Silveira, Prefeito do Recife: «Se ele é comunista não sei nem me interessa saber. O que sei é que ele é um homem formidável e que está fazendo no Recife uma administração modelar.»
- ◆ No dia da instalação do Congresso, o sr. José Gomes Talarico (suplente de deputado, autor de vultosos desvios de dinheiro no Ministério do Trabalho, moço e sem escrúpulos), fez uma força terrível para ser fotografado ao lado do General Lott. Mas toda vez que ele se chegava para perto, o general virava a cabeça com visível repugnância.
- ◆ Com a organização da «Première» de «Anastácia», Harry Stone perdeu o apoio (e a simpatia) de 80% dos críticos cinematográficos. Motivo: membros do «Café Society» tinham lugar marcado no cinema Palácio e os críticos cinematográficos não. O áspero artigo que Moniz Viana escreveu sobre o assunto é um sintoma claro e evidente de que as coisas não estão muito boas para os lados do Harry Stone.
- ◆ A peça de Aurimar Rocha «Infidelidade em Petit Comité» é fraquíssima. Vazia, mal escrita, bôba e monótona, sem que se perceba onde o autor quer chegar. Quando Aurimar entra na parte da doutrinação, aí então a peça se liquida definitivamente. Apesar dos visíveis (e às vezes bem sucedidos esforços de Armando Couto), a peça não tinha mesmo salvação. Também a peça de Nelson Rodrigues «A Mulher sem Pecado», é horrível. Por que cargas d'água Nelson Rodrigues resolveu reencenar a pior de todas as suas peças? E por que entregar a direção logo a Rodolfo Mayer, o mais conceituado canastrão desta praça, de reputação firmada como ator e como diretor?
- ◆ O sr. Fernando de Alencar Ramos ficou em péssima situação com a demissão do sr. Vasco Pezzi. Sem sequer consultar o Presidente da República, o sr. Alencar Ramos demitiu um funcionário que denunciara irregularidades no serviço em Roma e que viera ao Brasil trazendo documentos estarrecedores. O próprio Presidente Juscelino ao nomear o sr. Vasco Pezzi recomendara-lhe que tomasse especiais cuidados, pois já ouvira falar em irregularidades no Serviço de Seleção de Imigrantes em Roma. Pois quando o sr. Vasco Pezzi, constatando as irregularidades para as quais o próprio Presidente da República lhe chamara a atenção, vem ao Brasil denunciá-las é inopinadamente demitido. A série impressionante de documentos que o «Correio da Manhã» vem publicando, não deixa a menor dúvida sobre quem é o sr. Paulo Almeida. Que ele fosse demitido imediatamente compreende-se. Mas a demissão de Vasco Pezzi, como poderá ser explicada por um governo que se diz moralizador e que fica todo irritado quando sofre alguma acusação? O sr. Fernando Ramos está na obrigação de reexaminar o assunto. Se não o fizer, deixará o governo em péssima situação.
- ◆ Um flagrante exclusivo da espantosa atividade do Ministro da Marinha. Em 18 meses o almirante Alves Câmara só tem feito o que a foto mostra. Escolhido Ministro da Marinha a 11 de novembro «pelo fato de ter viajado uma vez para o Chile com o sr. Nereu Ramos» (textualmente e presenciado por este repórter, único jornalista a assistir o nascimento do governo de 11 de novembro), mantido depois pelo sr. Juscelino Kubitschek sob a alegação de «que os Ministros militares ficarão todos», o sr. Alves Câmara tem sido mais ineficiente do que o sr. Mário Meneghetti. Em outubro o almirante Alves Câmara cairá na compulsória. Esperemos que então, demitindo-se do Ministério s. excia. abra vaga para quem queira realizar alguma coisa. A foto acima foi batida por Alberto Ferreira. E o dormitório do Ministro da Marinha é a Câmara dos Deputados em plena sessão de instalação. Com a presença de João Goulart, Lott, D. Jaime Câmara e etc.



**ÚLTIMO
FLASH**



SEGUNDA VITÓRIA (ARRASADORA) DO ESCRETE BRASILEIRO

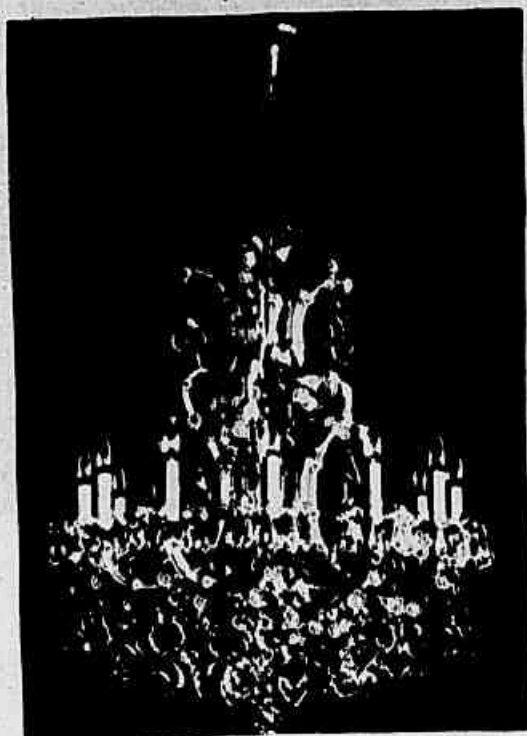
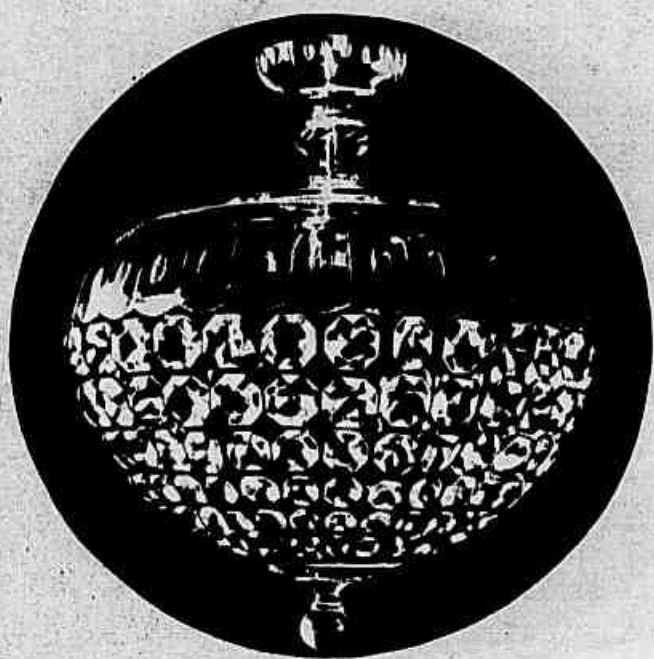
♦ Arrasando o Equador por 7 a 1, o Brasil continua entusiasmando o público de Lima que já o elegeu seu favorito. O ataque verdadeiramente devastador (Joel, Zizinho, Índio, Evaristo e Pepe) vem dando demonstrações perfeitas de poderio. Nos 7 a 1 contra o Equador, todos fizeram «goals». Sendo que Joel e Evaristo (na foto com Ana Maria Buonacorsi), contribuíram cada um com dois, para a desventura dos simpáticos equatorianos. Para os torcedores cariocas (e como contribuição a eterna guerra esportiva Vasco e Flamengo), diga-se que os atacantes rubronegros (Joel, Evaristo e Índio) fizeram 5 «goals», contra apenas dois dos «neutros»: Zizinho do Bangu e Pepe de São Paulo.

**A FIGURA
EM FOCO**



RAUL PILA

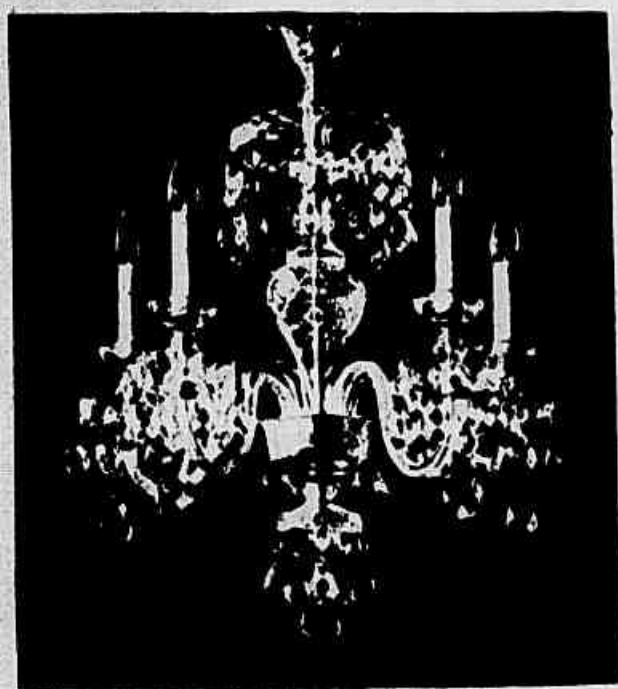
Ninguém sabe que o Pila
é poeta cem por cento...
E as imagens lhe são fáceis,
quando o tema é Parlamento...



Lustres de Cristal

GALERIA SÃO PEDRO

PRODUÇÃO ORIUNDA DE 26 DAS
MELHORES FABRICAS EUROPEIAS



Nilo Ribeiro proporciona a todos
os lares do Brasil o que de mais
bela a Europa produz em lustres
de cristal.

Verda por atacado e a varejo
Facilita-se o pagamento

GALERIA SÃO PEDRO
Av. Princesa Isabel, 126-D
Túnel Novo — Rio de Janeiro
Tels.: 37-1200 — 37-3428